

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

**A REVISTA MARITIMA BRASILEIRA: O ENVOLVIMENTO DA MARINHA DE  
GUERRA DO BRASIL NOS CONFLITOS MUNDIAIS DO SECULO XX, PELA  
PERSPECTIVA DE UM PERIODICO MILITAR**

Andre Luiz Melo Tinoco Nogueira

Rio de Janeiro  
2017



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO**

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH**

**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA SOCIAL**

**LINHA DE PESQUISA EM INSTITUIÇÕES, PODER E CIÊNCIAS**

**A Revista Marítima Brasileira:** O envolvimento da Marinha de Guerra do Brasil nos conflitos mundiais do século XX, pela perspectiva de um período militar.

Por

**Andre Luiz Melo Tinoco Nogueira**

Volume para o Exame de Defesa (Capa/ folha de rosto, resumo/ abstract, sumário, dedicatória, agradecimentos, introdução, três capítulos da Dissertação, considerações finais e bibliografia) apresentado ao Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Orientador: Prof. Dr. Flávio Limonci

Rio de Janeiro,

2017

## Ficha catalográfica :

Catologação informatizada pelo(a) autor(a)

N774 Nogueira, Andre Luiz Melo  
A Revista Marítima Brasileira: O envolvimento da Marinha de Guerra do Brasil nos conflitos mundiais do século XX, pela perspectiva de um período militar. / Andre Luiz Melo Nogueira. -- Rio de Janeiro, 2017.  
140

Orientador: Flavio Limonic.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História, 2017.

1. História Militar. 2. Periódico Militar. 3. Guerras Mundiais. I. Limonic, Flavio, orient. II. Título.

**EXAME DE DEFESA REALIZADO EM \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_**

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Flavio Limonic - Orientador  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

---

Prof. Dr. Francisco Carlos Teixeira da Silva  
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

---

Prof. Dr. Ricardo Henrique Salles  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

---

Prof. Dr. Ricardo Pereira Cabral - Suplente  
Escola de Guerra Naval - EGN

Rio de Janeiro

2017

*Dedico este trabalho à pequena Júlia, minha sobrinha querida, que trouxe luz e paz para minha vida.*

## AGRADECIMENTOS

É com extrema felicidade que concluo minha dissertação.

Agradeço primeiramente aos meus pais, Vânia Lucia Nogueira e Luiz Humberto Nogueira e minha irmã Amanda Alves, por todo esforço posto na minha formação pessoal, além do apoio profissional e motivação, nas intensas horas de insônia e leituras.

À minha companheira Maria Clara, por sempre estar ao meu lado. Por sua compreensão e o apoio imprescindível ao longo da produção desta pesquisa.

Ao meu orientador Prof. Dr. Flavio Limonic, pela tarefa de me orientar, com as corretíssimas “puxadas de orelha” e cobranças, sem as quais eu não teria obtido êxito na conclusão desta dissertação.

Aos amigos Andre Felipe Moreira e Thais Felix, feitos na Universidade Gama Filho ao longo da minha graduação, que levarei sempre comigo.

À professora Andrea D’avila, por suas aulas maravilhosas e extremamente interessantes, que me inspiraram à cursar a graduação de Historia e seguir na vida de professor e pesquisador.

Aos colegas da Diretoria de Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM), lugar onde estagiei por dois anos e puder conhecer pessoas maravilhosas, que contribuíram para fomentar meu interesse pessoal em estudar a Marinha do Brasil.

À bibliotecária Monica Cabral Soares, do Centro de Mísseis e Armas Submarinas da Marinha (CMASM), por todo esforço e empenho, posto no auxílio e busca por livros de vital importância para a construção desta pesquisa.

E aos professores da Universidade Gama Filho, que tiveram papel fundamental no meu desenvolvimento acadêmico, maturidade intelectual e certeza de que eu estava no curso e na profissão certa para minha vida. Em especial, agradeço ao prof. Dr. Ricardo Cabral, por ter me mostrado o campo da História Militar, e me incentivado a produzir e procurar cada vez mais sobre esta magnífica área da História.

“Nada envolve tanto os seres humanos, de maneira tão íntima e completa, quanto a guerra e seus acontecimentos, com a dívida suprema que ela cobre, ou seja: a morte, a dor, as feridas e os sofrimentos, a mobilização de todos os recursos (econômico e espiritual, industrial e científico, ideológico e religioso), a destruição de todas as espécies de bens, dos grandes monumentos às bibliotecas, das fábricas às casas, sem conceder nenhuma distinção entre civis e combatentes, entre jovens e velhos, entre homens e mulheres, entre crianças e doentes”  
(BONANATE, 2001).

“No século que vai findar, e, pelo que parece, em outros muitos subsequentes, a guerra é e ha-de ser, além de tudo, uma fatal instituição” (ELOI, 1881)

## RESUMO

Nossa proposta ao longo de nossa dissertação, é de obter maior compreensão acerca dos discursos presentes nas publicações do periódico *Revista Marítima Brasileira*, observados pelo prisma em relação à atuação da Marinha de Guerra do Brasil, e sua presença efetiva nas duas guerras mundiais do século XX. Visamos analisar suas publicações, afim de entender uma possível existência, e como esta se desenvolveu, do fomento da construção de um pensamento estratégico militar e criação de programas de atualização dos meios bélicos da Marinha do Brasil, no período de adaptação das instituições militares em seu envolvimento direto nos confrontos mundiais, bem como a construção de um imaginário de guerra para os militares, publico alvo do periódico, e de um pensamento relacionado aos interesses nacionais. Com nossas análises, buscamos prover auxílio ao conjunto de estudos historiográficos sobre a atuação das forças navais em situações de combate, principalmente no século XX, focando principalmente nas participações do Brasil e sua relação com os Estados Unidos ao longo destes eventos, pretendendo assim, contribuir com os estudos historiográficos da Historia Militar Brasileira.

### **Palavras-Chave:**

Marinha do Brasil - Periódico militar - Primeira Guerra Mundial - Segunda Guerra Mundial.



## **ABSTRACT**

Our proposal throughout our dissertation is to gain a better understanding of the discourses present in the publications of the *Revista Maritima Brasileira*, observed by the prism in relation to the performance of the Brazilian Navy, and its effective presence in the two world wars of the 20th century . We intend to analyze its publications in order to understand a possible existence, and how it has developed, of fomenting the construction of strategic military thinking and creation of programs to update the Brazilian Navy's military means during the period of adaptation of the military institutions in its Direct involvement in world confrontations, as well as the construction of an imaginary of war for the military, the newspaper's target public, and a thought related to national interests. With our analyzes, we sought to provide assistance to the set of historiographic studies on the performance of naval forces in combat situations, especially in the 20th century, focusing mainly on the participation of Brazil and its relationship with the United States throughout these events, aiming to contribute With the historiographic studies of the Brazilian Military History.

### **Keywords:**

Brazilian Navy - military journal – First World War – Second World War

## **ABREVIACOES E SIGLAS**

Centro de Instruo de Guerra Anti-Submarino – CIGAS

Diretoria de Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha – DPHDM

Divisão Naval em Operaoes de Guerra – DNOG

Escola de Guerra Naval – EGN

Força Expedicionária Brasileira – FEB

Instituto de Geografia e História Militar do Brasil – IGHMB

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB

Laboratório de Simulação e Cenários – LSC

Organização Militar – OM

Revista Marítima Brasileira – RMB

Royal Air Force – RAF

Serviço de Documentação da Marinha – SDM

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Universidade de São Paulo – USP

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Relação de publicações da Revista Marítima Brasileira entre 1851 à 1855.....	<b>37</b>
<b>Tabela 2</b> – Comparativo organizado quanto a tonelagem.....	<b>75</b>
<b>Tabela 3</b> – Comparativo organizado quanto a navios couraçados: .....	<b>75/76</b>
<b>Tabela 4</b> – Quantitativo referente a tonelagem comercial dos navios.....	<b>81</b>
<b>Tabela 5</b> – Construções do programa naval norte americano aprovado em 1917.....	<b>82</b>
<b>Tabela 6</b> - Principais navios de guerra da Marinha do Brasil, em 1919.....	<b>91/92</b>

## SUMARIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>CAPÍTULO 1: A Revista Marítima Brasileira: a trajetória de um projeto</b> .....	20
1.1.A RMB no século XIX : sua continuidade questionada, os artigos técnicos e a figura de Sabino Eloy Pessoa nos primórdios da revista.....	25
1.2.Institucionalização da RMB e sua rede hierárquica.....	37
1.3. RMB no século XX : o flerte norte americano com a Marinha de Guerra do Brasil e a figura de Didio Costa.....	42
<b>CAPÍTULO 2: Falando sobre Guerra : debates conceituais, o romper da Grande guerra e o olhar da RMB sobre as forças militares navais do início do Século XX</b> .....	49
2.1.Guerra: de abordagens conceituais à debates do campo da História Militar.....	51
2.2. O horror irrompe no Ocidente: panorama do processo de deflagração da Grande Guerra.....	60
<b>2.2.1</b> O envolvimento brasileiro no conflito: breve exposição sobre o cenário nacional.....	64
2.3 As forças navais no início do Século XX, e as perspectivas de um periódico militar.....	69
<b>2.3.1</b> A RMB e as marinha da Grande Guerra (1914-1916).....	74
<b>2.3.2</b> RMB e a Marinha de Guerra do Brasil na Grande Guerra (1917-1918).....	82
<b>CAPÍTULO 3: A Segunda Guerra Mundial e a Marinha do Brasil : o cenário internacional e o envolvimento militar do Brasil na Batalha do atlântico e a RMB</b> .....	89
3.1 A Marinha do Brasil no período entre guerras (1919-1939) e RMB: A necessidade de atualização dos meios navais e aproximação com os norte-americanos.....	90
3.2 A Revista Marítima Brasileira na década de 1930.....	100
3.3 O raiar da Segunda Guerra Mundial sob o prisma da Campanha do Atlântico.....	107
3.4 Brasil na 2º G.M. e as publicações RMB: o fim da neutralidade e atuação da Marinha brasileira na Batalha do Atlântico.....	112
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	121
<b>REFERENCIAS</b> .....	125

## INTRODUÇÃO

Em nossa dissertação, abordaremos a análise das publicações de um periódico militar, denominado *Revista Marítima Brasileira*<sup>1</sup>, que conta com longa duração e publicação até os dias atuais. Para a finalidade de conseguir obter a compreensão do envolvimento da Marinha Brasileira nas duas Guerras mundiais do século XX, delimitamos nosso recorte cronológico baseado em dois momentos principais em nossa dissertação. Em um primeiro momento, percebemos a importância em apresentar uma contextualização e detalhamento sobre origem do periódico utilizado como fonte principal para nossa pesquisa, a própria *Revista Marítima Brasileira*, que data de meados do século XIX. Posteriormente, nos voltamos para a efetividade de produção da revista ao longo das primeiras décadas do século XX, e a atividade desenvolvida pela Marinha do Brasil, inserida no contexto das Grandes Guerras, até a data do marco final da Segunda Guerra mundial, o ano de 1945.

O interesse pelo objeto e tema da pesquisa, me atraem desde o início da graduação em História, quando pude ter contato com professores que trabalhavam com pesquisas inseridas no campo da História Militar e da História Política, como o professor Ricardo Pereira Cabral, doutor em História pela UFRJ, que me proporcionou o primeiro contato com uma vasta bibliografia sobre Segunda Guerra Mundial, e indicações sobre o assunto que sempre foi meu interesse particular no confronto mundial, a participação da Marinha Brasileira. Também, foi de grande auxílio no processo de construção do meu interesse no objeto, as aulas do professor Ivan Ducatti, doutor em História pela USP, que ministrava a disciplina de Metodologia da História Política, abordando sempre, importantes questionamentos de historiadores que trabalhavam aspectos políticos atrelados aos objetos militares de pesquisa. Em complemento, pude ter ao longo da graduação e posteriormente, a oportunidade de participar de diferentes eventos, palestras e seminários, proferidos principalmente em circuito militar, como no IGHMB e em outras instituições que expunham trabalhos com temáticas militares, por pesquisadores militares e civis e historiadores da academia.

Em um período de dois anos de estágio extracurricular na Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural da Marinha (DPHDM), e atuando como pesquisador colaborador no grupo

---

<sup>1</sup> O periódico *Revista Marítima Brasileira*, foi pesquisado no Arquivo da Marinha – RJ, nas dependências do 1º distrito Naval e sob tutela da DPHDM. Edições mais recentes, referente à período posterior a segunda metade do Século XX, até presente data, foram encontradas digitalizadas pelo próprio Arquivo da Marinha e constam a disposição em meios eletrônicos.

de História Naval da Escola de Guerra Naval, pelo Laboratório de Simulações e Cenários(LSC/EGN), liderado pelo Comandante Alves de Almeida, obtive maior contato com fontes impressas e material bibliográfico sobre o meio marítimo e naval. Tais experiências, contribuíram para uma visão mais aprofundada em questões teóricas, bem como, sobre concepções estratégicas e pensamentos militares, além de poder estar em contato com periódicos produzidos pela própria instituição da Marinha de Guerra do Brasil, onde surgiu, o interesse particular pela *Revista Marítima Brasileira*, que ainda é pouco trabalhada no meio acadêmico, se comparada com outros periódicos do mesmo período.

Analisaremos portanto, a produção discursiva desta revista, acerca do envolvimento beligerante das forças armadas brasileiras, mais precisamente, a instituição da Marinha de Guerra do Brasil, no período compreendido da eclosão da Primeira Guerra Mundial, o período entre guerras e o efervescer da Segunda Guerra Mundial. Através de um periódico militar, buscamos traçar, com a análise dos artigos produzidos pela revista, todo o aparecimento ao longo de suas edições, da divulgação de informações para os militares da Marinha do Brasil, dos questionamentos de âmbito militar e das missões efetuadas pelas forças navais, nas conjunturas bélicas das grandes guerras, observando durante estes eventos, uma aproximação, tanto diplomática quanto propriamente militar, entre Estado Unidos e Brasil.

A prioridade dada à fonte *Revista Marítima Brasileira*, se dá, além de outros fatores, pela longevidade de suas publicações, e por esta ser para nós, entendida como uma importante ferramenta de divulgação de informação e promulgação de conteúdo referente a todo cenário e discussões de ordem técnica-militar, além das referências à transformações de cunho institucional da própria Marinha de Guerra do Brasil, desde sua concepção imperial e incursões protagonizadas em momentos importantes da História do país no século XIX, até sua institucionalização na República, reformulação de projetos, organização de material bélico naval, e fundamentação de pensamentos estratégicos para defesa nacional.

No período delimitado por esse trabalho, percebemos que diversos eventos ao longo da história, marcam as publicações da *Revista Marítima Brasileira*, e no transcorrer da virada do século XIX para o século XX, assinalam os surgimentos de uma gama de publicações e transcrições de periódicos militares estrangeiros, sobre reflexões das questões beligerantes que tomavam conta do cenário internacional e refletiam gradativamente nos assuntos de interesses nacionais. Iremos verificar ainda a nítida construção da aproximação com as forças armadas norte americanas, principalmente por parte da Missão Norte Americana no Brasil,

que culminou com a fomentação e reestruturação da política estratégica brasileira, bem como alterações nos currículos dos centros de formações de oficiais e comandantes.

No campo da História, nossa pesquisa e análises versam sob a perspectiva da Nova História Militar Brasileira, explicado detalhadamente mais adiante em nossa dissertação. A História tradicional considerava a História militar, como episódica e restrita ao relato de batalhas e biografias pessoais de grandes líderes militares. Já a Nova História Militar tem por objetivo, redirecionar o foco de análise para as relações entre a sociedade e as forças armadas nacionais. É ingênuo pensar que a história de uma instituição armada possa estar afastada das perspectivas que guiam a própria investigação histórica: “seria difícil, portanto, tratar a história militar como algo inerentemente distinto da história mais ampla da sociedade de onde soldados e oficiais são recrutados”<sup>2</sup> Assim, quando trabalhamos não apenas com o elemento militar, mas com facetas que se articulam em campos interlocutores da história, traçamos então abordagens que não se restringem a determinado campo.

Podemos delimitar nosso presente trabalho como uma amálgama da interdisciplinaridade que a Nova História Militar pode proporcionar, por abarcar elementos da metodologia e objetos oriundos de diversos campos do conhecimento e produção de História. Sobre o estudo de Guerras e do imaginário construído de um cenário de confronto, onde estiveram inseridos militares brasileiros, vemos que para Halbwach, o indivíduo participa de dois tipos de memórias, sendo a individual, uma combinação de inúmeras memórias coletivas. Com isso, as memórias não estariam materializadas nos corpos ou mentes, mas na sociedade em que se está inserido, através dos diversos grupos que a compõe. E isso se dá na medida em que, para recordar, os indivíduos precisam utilizar convenções sociais que não são criadas por eles e também de outras pessoas que possam legitimar suas próprias recordações, “para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras”. Ainda segundo Halbwach:

para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup>CASTRO, Celso. KRAAY, Hendrik. IZECKSOHN, Vitor (org.). Nova história militar brasileira. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p.12

<sup>3</sup>HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo, Centauro: 2006.p.39.

Utilizar de um periódico como fonte majoritária para pesquisa, não significa pensá-lo como difusor de verdades absolutas, ao contrário, propomos aqui, pensá-lo a partir de suas singularidades e características, à começar pela observação de seu corpo editorial, das sociabilidades que este grupo exerce nas diferentes conjunturas políticas, das intenções explícitas ou sutis contidas no decorrer das publicações. Assim, observar as múltiplas vinculações que a fonte tece com o meio, propicia ao pesquisador “olhar os documentos e decodificá-los a partir de seus usos e finalidades”<sup>4</sup>.

Já os assuntos relacionados à Marinha como instituição, se encontram permeando ao campo da História Naval, sendo essa uma subdivisão da História Marítima. São objetos que lidam especificamente da essência da Guerra no mar, dos conflitos beligerantes e suas variantes políticas, tecnológicas, estratégicas, institucionais e financeiras. Como campo de pesquisa, essa ramificação da História Militar envolve o estudo das formas de governos e como elas organizam o emprego de suas forças no mar para conquistas de seus objetivos, militares e políticos.<sup>5</sup> Esta tendência na História, surgiu na América do Norte, no início dos anos 1970, quando naquele período, havia uma preocupação em aglutinar os estudos de historiadores profissionais civis com os estudos e as perspectivas de uma História Militar tradicional, que buscava na História, tirar lições de vitória passadas, para poder compor os planejamentos estratégicos dos conflitos do futuro. A Nova História Militar surgiu, assim, em uma série de conferências e seminários na Escola Superior do Exército americano, cujo objetivo principal era tratar a História Militar como um campo mais amplo, a partir da idéia “do militar como uma projeção da sociedade (...), do relacionamento do militar com o Estado, das instituições militares e do pensamento militar”.<sup>6</sup>

A estrutura de nossa presente dissertação, conta com a composição de 3 capítulos, sendo organizados da seguinte maneira :

O Capítulo 1 intitula-se’’ A Revista *Marítima Brasileira*: a trajetória de um projeto’’.

---

<sup>4</sup>FRANCO, Gilmar Yoshihara; SILVA, Márcia Pereira da *.Imprensa e política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica*. Revista História em reflexão, vol. 04 nº 08.UFGD, Dourados jul/dez 2010.p.5-6.

<sup>5</sup>RICHMOND,Herbert. The importance of the Study of Naval History. *Naval review*.London: Naval Society n 27, 1939.p.34.

<sup>6</sup>WEIGLEY, Russel F. (org.). *Novas dimensões da História Militar*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981, p. 25.



Em nosso capítulo inicial, partiremos para um trabalho de aprofundamento direto sobre a fonte utilizada para nossa pesquisa, a RMB<sup>7</sup>, traçando as origens do projeto de sua criação, sua trajetória baseada em seu processo de institucionalização, e seu objetivo inicial para com os interesses internos da Marinha do Brasil. Pretendemos assim, fundamentar a construção dessa trajetória na análise e articulação dos dados coletados em compilação dos artigos e seus produtores ao longo das primeiras publicações da *Revista Marítima Brasileira* até início do século XX o que nos proporcionará uma idéia geral sobre a linha editorial das edições.

Focaremos parte da análise referente ao início das produções da revista, em seus personagens de destaque, como figuras de intelectuais diretamente envolvidas nas transformações sofridas pelo periódico ao longo de suas primeiras edições, sempre buscando analisá-los em seus contextos de sociabilidade, formação profissional e origem social, para assim, melhor caracterizá-los. Para melhor compreensão de sua trajetória, tendo em vista o já mencionado longo período cronológico analisado neste capítulo, utilizaremos, uma abordagem segmentada para facilitar a compreensão histórica do periódico. Os primeiros passos se dão, olhando mais atentamente o projeto de sua criação, que remete ao ano de 1851, bem como sua súbita interrupção em 1855, culminando posteriormente, em sua retomada definitiva em 1881. Buscamos então, observando este hiato, todas as controvérsias envolvidas no que diz respeito sua continuidade integral, vista como oficial pela Marinha do Brasil.

Voltaremos então, nossa atenção para uma figura central nesse processo de retomada definitiva nas publicações, o bibliotecário e conselheiro imperial, Sabino Eloy Pessoa, creditado na RMB, como seu fundador e um de seus primeiros diretores. Depois, nos debruçaremos sobre o processo de institucionalização que o periódico atravessou, marcado por diversas mudanças e transformações em sua posição no quadro de organização da Marinha do Brasil, com alterações significativas na sua hierarquia dentro da organograma da instituição militar. Encerramos então nosso primeiro capítulo, observando o periódico durante a virada do século e a análise de suas edições nos primeiros anos do século XX, nos concentrando para a hipótese de uma influência exercida nesse momento pelos oficiais Norte Americanos, no que tange à assuntos de interesses militares brasileiros, vislumbrados diretamente nas escolas de formação de oficiais e propriamente nos artigos da *Revista Marítima Brasileira*.

---

<sup>7</sup> Em determinados momentos ao longo da dissertação, irei abreviar o nome do periódico para sua sigla oficial, RMB, como forma de agilizar a leitura sem perder o raciocínio.

Nosso segundo Capítulo, intitula-se: “Falando sobre Guerra: debates conceituais, o romper da Grande guerra e o olhar da RMB sobre as forças militares navais do início do Século XX”

O Capítulo 2 tem por objetivo mostrar, as transformações sofridas na virada do século e nas primeiras décadas do século XX. Transformações não apenas no cenário político internacional, mas nas próprias estruturas das forças armadas, tais como os planejamentos estratégicos, atualização dos meios bélicos, adestramento de pessoal, incorporação de novas tecnológicas para combate, dentre outros questionamentos. Além disso, entraremos na abordagem dada pelas publicações da RMB, ao conflito que rompia na Europa no início do século citado, a Grande Guerra e o progressivo envolvimento naval brasileiro neste conflito.

Primeiro de tudo, se mostrou necessário para maior compreensão dos objetivos pretendidos em nossa dissertação, nos concentrar em demonstrar os debates e discussões pertinentes, em torno do conceito de Guerra em si, e o entendimento entre as manifestações dos eventos bélicos ao longo em conjunto com a própria história da humanidade. Entender a chave conceitual para explicar a origem de fenômenos como as guerras, nos dão maiores ferramentas ao fazermos o exercício de análises dos objetivos que pertencem à este universo temático.

Para isso, também é necessário analisar as interpretações recentes acerca dos estudos sobre militares, a discussão historiográfica da já mencionada Nova História Militar e os debates acerca conceitos fundamentais para os trabalhos neste campo. Posteriormente, o capítulo se propõe a uma análise de transformações nacionais e mundiais, frutos das mudanças tecnológicas e políticas ocorridas durante a virada do século XIX para o século XX, e a forma como foram retratadas nas publicações do periódico. Assim, buscamos observar na configuração desses artigos, os autores, a aproximação cada vez mais visível com a Marinha Norte americana e o contexto histórico em que ela se desenvolve.

O terceiro capítulo, é intitulado: “A Segunda Guerra Mundial e a Marinha do Brasil : o cenário internacional e o envolvimento militar do Brasil na Batalha do Atlântico e a RMB”

Em nosso terceiro e último capítulo, abordaremos, sempre nos norteando para as publicações produzidas pela *Revista Marítima Brasileira*, o contexto das atividades da Marinha do Brasil desde o pós Primeira Guerra, e todo o caminho trilhado pela instituição até seu envolvimento na Batalha do Atlântico, durante a Segunda Guerra Mundial. O capítulo se inicia com um estudo sobre o surgimento de pensamento para a atualização bélica naval, que a Marinha Brasileira claramente necessitava, devido aos avanços tecnológicos que proviam novas formas de combate naval, além de necessidade de compreender os mecanismos

modernos e utilização dos recursos militares, já bastante fomentados pelas Marinhas das grandes potências Europeias, bem como a dos Estados Unidos. Neste sentido, buscamos entender como se fortificou a aproximação militar dos norte americanos com os militares brasileiros, e as transformações oriundas destes contatos, tanto em níveis administrativos e posicionamento interno da Instituição, como no próprio entendimento da conduta e pensamento militar da marinha, e sua função para com a nação.

Reconhecemos que as publicações deste período, da RMB, se mantinham imbuídas de significativo apreço ao viés estratégico adotado pela Marinha de Guerra dos Estados Unidos, servindo assim como uma nova fonte de inspiração para as ambições e desejos dos oficiais brasileiros, em detrimento da antiga concepção de modelo Inglês, adotado pela marinha durante todo século XIX. Buscamos ainda, no capítulo, observar a natureza do surgimento da Segunda Guerra Mundial no cenário Europeu, sempre nos baseando nas premissas do envolvimento marítimo do confronto, pois o cenário naval foi um dos mais movimentados, durante a progressão da Guerra.

Como fechamento do capítulo, temos por objetivo analisar as publicações da RMB, e a forma como foi construído o imaginário referente ao momento de participação efetiva da Marinha de Guerra no Brasil, em sua aliança com os norte americanos, para as missões de patrulhamento e segurança do Atlântico, bem como nas ações de repressões contra os maiores inimigos das marinhas aliadas, os submarinos do Eixo.

## CAPITULO

### 1

#### **A Revista Marítima Brasileira: a trajetória de um projeto**

*Convem*<sup>8</sup> que n'esta folha, exposta a *concurrência intellectual* dos estudiosos, cada um escreva como sabe, sem receio de faltar ao gosto, á elegância, ao *estylo*, á perfeição enfim, uma vez que traga á luz da imprensa idéias úteis, quer *originaes*, quer *extrahidas* de tantos livros e mais impressos que correm o mundo.

Quem diz guerra, diz marinha; a guerra é a suprema *sciencia* dos tempos modernos; a *sciencia* é o resultado de estudo; a publicidade o meio de não deixar infecundo.

Resumindo:

Aquí tendes um álbum com *seductora epigraphé!*

Vós que amais a vossa pátria, vinde pagar-lhe o tributo da *intelligencia* e do espírito, para que *ella* se engrandeça e orgulha-se de vos ter por filhos.(PESSOA, 1881)<sup>9</sup>

Abrindo nossa dissertação, nosso primeiro capítulo se configura, em analisar e explicar minuciosamente, a fonte principal de nosso trabalho, o periódico *Revista Marítima Brasileira*, dando enfoque à seus personagens de destaque ao longo de sua produção para melhor caracterizá-los<sup>10</sup>. Figuras estas contribuíram para a estrutura editorial da revista e diretamente responsáveis pelas transformações sofridas em sua composição, ao longo de seus primeiros volumes publicados.

A RMB possui uma história de origem de longa data, remetendo á meados da década de 1850, desta forma, a cronologia de suas publicações é extensa e numerosa, tendo hiato apenas em seus primeiros anos de criação, e brevemente retornando suas atividades, primeiro em tiragens de edições trimestrais e depois bimestrais, não havendo outra paralisação ou interrupção significativa em suas publicações, seguindo até os dias atuais.

Para melhor compreender onde se insere o periódico, como vital ferramenta de análise não só sobre sua instituição fundadora, mas para todo o cenário histórico em que seu surgimento se insere, se faz importante neste capítulo, abordar o campo da História da Imprensa, visto que a partir dele, observamos que a produção periódica é entendida como um gênero recorrente no Brasil do século XIX, momento quando revistas e jornais começam a ser publicados sem grandes casas editoriais próprias.<sup>11</sup>

---

<sup>8</sup>Optamos por preservar a ortografia vigente dos textos da Revista Marítima Brasileira, fazendo apenas sinalizações ou alterações, quando há perda do sentido original da frase.

<sup>9</sup>PESSOA, Sabino Eloy. *Revista Marítima Brasileira*. Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 1881.p.5

<sup>10</sup>LUCA, Tania Regina de . Fontes impressas:História dos, nos e por meio de periódicos in PINSKY, Carla (org). *Fontes Históricas*. 2ªEdição, São Paulo: Contexto, 2000. p.142.

<sup>11</sup>MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tania Regina. (orgs). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p.49.

No período em que se insere a chamada imprensa oitocentista, verifica-se uma crescente leva de periódicos voltados à tratar de assuntos referente ao universo das forças armadas, seja nos estudos de seus processos de modernizações e transformações sofridas ao longo do século, o movimento de profissionalização que acompanhou tais mudanças em ambiente militar, as modificações políticas, e ainda debates sobre os impactos que essas temáticas ofereceriam para a chamada arte da guerra e toda a preparação militar que lhe é envolvida. Tais periódicos eram em sua maioria publicações voltadas para um público alvo particular, prioritariamente militares oficiais e produzidas pelos mesmos, mas, que buscavam tentar dialogar com qualquer público que encontrasse ali assuntos de interesse em comum.

Assim, diversos títulos de periódicos com temáticas militares aparecem no cenário editorial nacional no referido século, os quais podemos citar como alguns exemplos, alguns levantados pela pesquisadora Fernanda de Santos Nascimento, que investigou as revistas produzidas por militares, tais como o : ‘*O Militar no Rio de Janeiro*’, ‘*O Soldado Afflicto*’, ‘*O Soldado Brasileiro*’, ‘*Annaes Maritimos*’, ‘*Tribuna Militar*’, e incluindo também, a própria *Revista Marítima Brasileira*, que figura entre os listados pela pesquisadora, como relevante para o cenário da imprensa oitocentista.<sup>12</sup>

O professor José Miguel Arias Neto nos aponta, para uma importante observação a ser considerada ao olharmos para o fomento de uma imprensa militar no século XIX, o fato de que a maioria dos periódicos militares tiveram sua origem de produção após 1850<sup>13</sup>, o que indicaria para um momento favorável que o Império do Brasil estava vivendo, com uma notável percepção de uma estabilidade política e reformas benéficas, e como isto poderia estar ligado à um estímulo direto aos militares, a participarem dos movimentos crescentes que estavam envolvidos à imprensa nacional, opinando acerca de, e em nome de suas respectivas instituições. Precisamos manter em mente, ao nos debruçarmos aos estudos sobre militares, o importante raciocínio de que: “[...] é sempre útil e necessário lembrar que os militares não são detentores de um pensamento homogêneo nem de um projeto político igualmente acatado por todos”<sup>14</sup>

Assim como visto na elaboração do projeto que constituiria na *Revista Marítima Brasileira*, percebemos, que o fenômeno crescente de exposições de militares no meio da

---

<sup>12</sup>NASCIMENTO, Fernanda de Santos. *A imprensa periódica militar no século XIX: política e modernização do Exército Brasileiro (1850-1881)*.2013. Exame de qualificação (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.p. 59-60.

<sup>13</sup>ARIAS NETO, José Miguel. *Imprensa Militar no século XIX: um balanço preliminar*. Revista Navigator , n° 18. Rio de janeiro, RJ, 2014.p 57.

<sup>14</sup>D'ARAÚJO, Maria Celina ,e CASTRO,Celso(orgs.). *Ernesto Geisel*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1997. p.25

imprensa, no cenário brasileiro da política do Segundo Reinado, faz se concretizar numa existência de uma específica rede particular de circulação, produção e divulgação de periódicos, uma imprensa periódica voltada especificamente para assuntos do meio militar, concebida diferentemente da imprensa regular geral, e definida por Fernanda Nascimento como:

Definimos a imprensa periódica militar como uma produção de caráter intelectual voltada, sobretudo, à produção de jornais, pasquins e gazetas por militares e direcionados, em última instância, ao público militar. Esta imprensa tem seu surgimento concomitante à imprensa no Brasil.<sup>15</sup>

Esse movimento se direciona a priori ao público estritamente militar, como já mencionado, ou, na concepção de Fernanda, a uma ‘classe militar’, que estava se lançando nos debates, em espaço de discussão de valor e ideologias, buscando uma consolidação das instituições militares, possivelmente visando responder à auto questionamentos, acerca da definição do papel e caracterização dos militares na sociedade brasileira do século XIX.<sup>16</sup> Para Fernanda de Santos Nascimento, esta denominação de um grupo estrutural de produtores de periódicos militares, como uma classe própria, já se encontrava estabelecida a partir dos redatores do periódico *O Militar Brioso* de metade da década de 1850, momento que surge uma compreensão particular do “ser” militar, e sua função como instituição permanente da sociedade, caracterizada por analogia, com outra classe muito em voga no mesmo século, a “classe política”.<sup>17</sup> Além do modo habitual cujo o qual a historiografia brasileira mostrar pensar, ao se referir aos militares basicamente como agente de intervenção pública, definir esta classe militar como produtora e participante da imprensa oitocentista, destacando assim lugar de atuação singular em meio a imprensa periódica regular, é sem duvidas relevante para os estudos das instituições militares como um todo, no Brasil.

Estes militares Oficiais, produtores de conteúdo impresso, configuram-se como uma elite intelectual específica, graças a sua formação, propiciada por escolas como por exemplo a Escola Militar, ou em clubes oriundos de afiliações de militares para estudo e discussão, como o clube naval, que permitia aos oficiais o acesso à cultura letrada e aos debates políticos mais

---

<sup>15</sup>NASCIMENTO, Fernanda de Santos. *A imprensa periódica militar no século XIX :o periódico O Militar Brioso* . Revista Navigator , n° 18. Rio de Janeiro,2014. p.27

<sup>16</sup>NASCIMENTO, Fernanda de Santos. *A imprensa periódica militar no século XIX: política e modernização do Exército Brasileiro (1850-1881)*. 2013. Exame de qualificação (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.p. 10

<sup>17</sup>NASCIMENTO, Fernanda de Santos. *A imprensa periódica militar no século XIX: política e modernização do Exército Brasileiro (1850-1881)*. 2013. Exame de qualificação (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.p. 12

recentes inaugurados na Europa. As revistas militares nesse período, em geral se identificavam como porta vozes dos interesses da classe militar e de sua instituição: “o desenvolvimento da imprensa no século XIX e sua percepção, por parte dos militares, como campo de combates e debates torna possível a existência desta imprensa militar e sua relação com a defesa dos interesses em prol da classe militar”.<sup>18</sup>

Referindo-se a esses universos de discussão, espaço de debates que os meios de imprensa proporcionaram para os militares, utilizamos conceitos apropriados do campo da História Intelectual, para nos dar sustentação no estudo e aporte de ferramentas para análise destes personagens, que permeavam os espaços sociais, como agentes de produção e mediação de idéias e discursos.

Para Sirinelli, tais intelectuais são definidos como produtores de bens simbólicos, mediadores culturais e atores do político, que se portam relativamente engajados na vida da cidade e em locais de produção e divulgação de conhecimento e promoção de debates. Esses grupos de conjuntura social são frutos das experiências e das relações sociais vividas por esses indivíduos intelectuais em locais específicos, lugares e redes de sociabilidade, através do tempo:

Relações estruturadas em rede que falam de lugares mais ou menos formais de aprendizagem e de troca, de laços que se atam, de contatos e articulações fundamentais... a noção de rede remete ao microcosmo particular de um grupo, no qual se estabelece vínculos afetivos e se produz uma sensibilidade que se constitui marca desse grupo.<sup>19</sup>

Para Ângela de Castro Gomes, devemos acrescentar o sentido ambíguo que a noção de sociabilidade pode trazer, marcado pela idéia de rede, que remete às estruturas de organização da sociabilidade, através de diferentes formas que se alteram com o tempo, mas tendo como ponto principal o fato de se constituírem no lugar de aprendizagem e trocas intelectuais. E uma outra idéia, separado nas redes que estruturam as relações entre os intelectuais. Para Ângela, estes espaços remetem a “marca de certa sensibilidade produzida e cimentada por evento, personalidade ou grupos sociais”<sup>20</sup>. O espaço da sociabilidade é, portanto,

---

<sup>18</sup>NASCIMENTO, Fernanda de Santos. *A imprensa periódica militar no século XIX: política e modernização do Exército Brasileiro (1850-1881)*. 2013. Exame de qualificação (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. p17.

<sup>19</sup>SIRINELLI, François. *Os intelectuais*. In: REMOND, René (org). *Por uma nova história política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.p 38.

<sup>20</sup>GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo*. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: v.6., n.11, 1993.p.65

compreendido, encontrando-se os vínculos de dialética entre o que a autora reconhece como espaço geográfico e afetivo, dentro de noções sociais intrínsecas às ações contrapostas, como amizade, hostilidade, rivalidade e competição.

Nossa intenção com este capítulo, é entender a *Revista Marítima Brasileira* como um objeto principal e fundamental para nossas análises, tratando de interpretá-lo, além de apenas descrevê-lo, e dispor de um olhar atento no âmago de suas publicações, os discursos ali presentes. Para Mikhail Bakhtin o discurso escrito é parte integrante de uma discussão ideológica mais ampla, em grande escala, sendo: “discurso, isto é, a língua como objeto específico da lingüística, obtido por meio de uma abstração totalmente legítima e necessária de vários aspectos da vida concreta da palavra”.<sup>21</sup>

Para nós, trabalhar sobre a luz deste viés metodológico, aprofundando a abordagem crítica da fonte, é primordial à maneira que utilizaremos de ferramentas presentes na metodologia da análise do discurso, para nesse sentido, buscar compreender a própria produção do periódico como objeto de estudo, inferir sobre seu público alvo, sua base temática, organizado através de mediação política e cultural, que traz a tona militares como agentes intelectuais, produtores e divulgadores de conteúdo, espelhados pela instituição que os rege, as forças armadas.<sup>22</sup> O uso da ferramenta de análise do discurso, se faz fundamental como metodologia a ser aplicada no tratamento de nossa fonte apresentada, pois, segundo Maria Baccega, as palavras são como signos explicativos, que ressignificam-se: “dançando conforme a música, tocada no salão de baile onde estão, onde o salão é o discurso e é aí que elas cristalizam momentaneamente uma de suas máscaras”.<sup>23</sup>

Acreditamos que a idéia central almejada em toda "investigação discursiva" é a de salientar as formas em que a linguagem se constrói, se regula e controla o conhecimento, as relações sociais e as instituições, e, de examinar as formas pelas quais as pessoas se utilizam ativamente desta linguagem, na construção do significado da vida cotidiana. Portanto, para nós, se configura de vital importância para a análise de discurso das publicações da *Revista Marítima Brasileira*, a compreensão de que a enunciação é um resultado da soma de diversos fatores, internos e externos ao sujeito que a produz<sup>24</sup>. Eni Orlandi comenta, que ao utilizarmos

---

<sup>21</sup>BAKHTIN, M.. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. Annablume Editora. São Paulo, 2002.p.92.

<sup>22</sup>ARIAS NETO, José Miguel. *Em busca da cidadania: praças da Armada Nacional 1867-1910*. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo.

<sup>23</sup>BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e Discurso, História e Literatura*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1995 p.6.

<sup>24</sup>GOMES, Antonio Marcos T. . *O Desafio da análise de discurso: Os dispositivos analíticos na construção de estudos qualitativos*. Revista Enfermagem (UERJ), Rio de Janeiro, v 14, 2006.p.621



da análise do discurso, devemos principalmente, buscar perceber o funcionamento dos mesmos, no contexto da sociedade na qual está inserido, compreendendo o processo de produção dos sentidos acerca do discurso proposto<sup>25</sup>.

Essa metodologia se mostra adequada para aplicação em nossa pesquisa, pois galgamos alcançar através da fonte escolhida, informações importantes para o cerne de nossa análise, como a redação e elaboração dos artigos escolhidos para publicação e a linguagem adotada pelos responsáveis da parte editorial da *Revista Marítima Brasileira*. Seguindo as recomendações de Tania Regina, “*Fontes Históricas*”<sup>26</sup>, sobre o uso de pesquisas com fontes impressas, iremos nos nortear por importantes passos organizados, que nos ajudem no processo de pesquisa, tais como: iniciar pela localização das fontes; caracterizar o grupo responsável pela publicação; identificar o público destinado; identificar principais colaboradores; então analisar todo o material de acordo com a problemática estabelecida.<sup>27</sup>

Periódicos militares compreendem uma necessária análise específica, implicando uma metodologia de investigação que implica em reflexões acerca a sua natureza como um todo, buscando compreender os espaços de sociabilidade e percepção ideológica que lhe é concebido, seus alvos consumidores e os territórios que o mesmo demarca<sup>28</sup>.

## 1.1

### **A *RMB* no século XIX: sua continuidade questionada, os artigos técnicos e a figura de Sabino Eloy Pessoa nos primórdios da revista**

Chegamos enfim, à um trabalho de aprofundamento sobre a fonte primária e principal de nossa pesquisa, dando os contornos já comentados, acerca de sua origem, de seu projeto de criação, à sua trajetória baseada em sua transformação institucional associada com seu arcabouço histórico, e seu objetivo inicial para com os interesses da instituição que lhe origina, a Marinha de Guerra do Brasil.

---

<sup>25</sup>ORLANDI, Eni P.. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2001 p.72.

<sup>26</sup>LUCA, Tania Regina de . *Fontes impressas: História dos, nos e por meio de periódicos* in PINSKY, Carla (org). *Fontes Históricas*. 2ª Edição, São Paulo: Contexto, 2008 p.142.

<sup>27</sup>ARIAS NETO, José Miguel *Imprensa Militar no século XIX: um balanço preliminar*. Revista Navigator , n° 18. Rio de Janeiro, 2014.p.58

<sup>28</sup>ARIAS NETO, José Miguel *Imprensa Militar no século XIX: um balanço preliminar*. Revista Navigator , n° 18. Rio de Janeiro, 2014.p.62

Foi notado por nós, que comumente nas edições da *Revista Marítima Brasileira*, principalmente até início do século XX, suas publicações não contavam com assinaturas ou marcas de referencia dos autores, tratando apenas de textos anônimos ou, poucas vezes, apenas com iniciais de nomes, o que nos deixou sem a plena verificação da identificação correta da autoria dos artigos. A estrutura da RMB, apresenta grandes alterações no decorrer de sua história, salvo alguns pertencimentos que datam das primeiras edições, e adições de estrutura, que foram surgindo de acordo com o momento em que se analisa o periódico. Sendo produzida até o presente momento, a atual RMB consta com edições trimestrais, e com base media de paginação de 320 paginas por numero da revista, compondo volumes de publicação, e após mostrar os elementos pré textuais comuns em material impresso, como capa, folha de rosto e sumario, vemos a presença de seções, tanto fixas quanto esporádicas. As edições da RMB publicadas na presente data desta pesquisa se estruturam da seguinte forma: Artigos ; Revista de Revistas; Noticiário Marítimo; Aconteceu há Cem Anos; Necrológio; Doações à DPHDM.<sup>29</sup>A segmentação ‘*Artigos*’ é a mais antiga e única presente em todas as edições da RMB desde sua criação até agora, sendo a responsável por abrir o periódico, e contando com textos assinados principalmente pelos próprios redatores e diretores editoriais, e ao longo do tempo, com alguns de autoria de convidados militares e civis, mas sempre com assuntos inseridos na temática de interesse náutico/marítimo.

As divisões ‘*Revista de Revista*’ e ‘*Noticiário Marítimo*’, aparecem ao longo da historia do periódico, grifados de diferentes formas, mas sempre presentes como espaço utilizado para as transcrições e traduções de informações e noticias retiradas de diversos periódicos de âmbito militar, por todo o mundo. Outras seções aparecem de forma natural de acordo com o contexto histórico da RMB, como por exemplo, a partir da década de 1920, quando surge a divisão de ‘*Aviões e Submarinos*’, aberta especificamente para informes sobre tais instrumentos de guerra, que naquele momento faziam parte de debates atualizados sobre novas tecnologias a serem usadas e pensadas para o combate. Ao longo de sua história de publicação, a *Revista Marítima Brasileira* contou com diversos colaboradores na construção de suas edições, e devido o anonimato, ou falta de maiores referencias sobre as assinaturas (a maioria apenas em siglas), se mostra uma difícil e imprecisa tarefa, a de definir com precisão o quantitativo de autores que contribuíram em suas paginas, isto se dificulta também, visto o grande recorte cronológico que buscamos atingir. O que podemos precisar com base em nossa análise do periódico, dentro da delimitação estudada, é que a maior parte

---

<sup>29</sup>Informações retiradas no site oficial da Marinha do Brasil, referente à apresentação da *Revista Marítima Brasileira*. < <http://www.revistamaritima.com.br/a-revista>.

dos artigos publicados na RMB, eram de autoria dos responsáveis diretos dos editoriais em vigência na época do volume observado, que contava em sua hierarquia de funcionamento, e forma padronizada, de um redator chefe, sempre um Oficial de patente maior, geralmente Capitão Tenente ou superior, e entre três ou quatro Oficiais redatores, de patentes inferiores, habitualmente constituído de Tenentes.

Em suas publicações ao longo dos anos, notamos a presença de artigos que se preocupe em tratar propriamente da História Naval e Marítima, sempre inserindo como objeto de estudo, obviamente, a própria instituição da Marinha de Guerra do Brasil. Numa concepção conceitual mais recente, a História Marítima tem como propósito central, a abordagem de assuntos que tratam dos mares e oceanos e sua relação com o homem, envolvendo questões relativas a ciência, tecnologia, cartografia, indústria, política, direito marítimo e questões sociais, com cerne no mar<sup>30</sup>. Assim, se mostrou necessária para a RMB, traçar a importância da presença de uma Marinha Brasileira que se fortalecesse com o tempo e pudesse integrar seu lugar de atuação, na proteção e defesa nacional, como visto:

A marinha é por essência a base da força e da influência política dos estados, a protectora nata do commercio, o elemento primordial da prosperidade material das nações, e por tal forma tem contribuído para o desenvolvimento da civilização que chegou a constituir-se no mundo uma força superior cuja direção suprema envolve o futuro das sociedades humanas. E com a força que ha podemos defender a nossa liberdade e a honra nacional? Poderá essa força ser porventura um antemural de nossa independência, uma garantia de ordem e prosperidade para o vasto império destinado pela providência a ocupar lugar distinto no catálogo das principaes nações marítimas do mundo?<sup>31</sup>

Em informe oficial, que consta no site da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM), atual organização militar (OM) mantenedora da publicação do periódico, a primeira publicação da revista é referida, como sendo uma publicação oficial do Comando da Marinha do Brasil desde o ano de 1851. Sua descrição mostra ainda, o periódico tendo tiragem de edição trimestral, na qual apresenta artigos de autores nacionais, e estrangeiros, sobre assuntos técnico-militares e estratégicos de temática marítima e naval. De acordo com um texto em nome do *Boletim Del Centro Naval* da

---

<sup>30</sup> HATTENDORF, John. *The uses of Maritime History in and for the navy*. Naval war college review. Newport: Naval war college Press n.2, 2003. P 15.

<sup>31</sup> ANONIMO. Srs. Deputados. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, v.I, n. 7, 1854, p. 5.

Argentina, sobre a RMB, esta trata-se da segunda publicação mais antiga a cuidar em especial e preferencialmente de temas marítimos e navais<sup>32</sup>.

Concentrada em sua bem delimitada proposta temática voltada para o ‘‘lado técnico’’ do mar, a *Revista Marítima Brasileira* de 1851 preservou sua tiragem com lançamentos esporádicos, tendo uma última publicação lançada em julho de 1855. Ao se posicionar oficialmente como um dos periódicos mais antigos a tratar dessa gama de assuntos específicos do universo marítimo/naval, e por estar em atividade com suas publicações até presente dada, a revista demonstra manter uma continuidade de impressionar pela longevidade de suas edições. Porém, percebemos um destoamento no discurso oficial de continuidade e longevidade do periódico, quando observamos, ao longo das publicações no período pré e pós hiato, diferenças na estrutura geral e concepção, na primeira revista, de 1851-55 e a RMB que se inicia em 1881,<sup>33</sup> apresentando nesta segunda, uma nova formulação estrutural, de abordagem e redação, e esta ‘‘segunda versão’’, seguindo sem interrupções até os dias de hoje, transvertida como uma nova revista, já institucionalizada.

Ao olharmos algumas edições da *Revista Marítima Brasileira* em momentos distintos, vemos que ao longo de sua trajetória, o discurso característico, de longa duração, passou por um processo de construção dentro da própria revista, por aqueles que a produziam, talvez, seguindo de acordo com a vontade da instituição, de criar familiaridade com a primeira aparição da revista em 1851, fornecendo elementos para proclamar oficialmente a idéia de tradição e longa publicação. Em diversos momentos também, nestes artigos ao longo de sua história, e também nas primeiras páginas do primeiro volume da publicação de 1881, não encontramos sinais que remetam aquela publicação, a esta duração continuada ou até elementos de proximidade com a revista de 1851, não havendo menção ou nota, que se refira ao periódico do meio do século XIX como sendo a mesma RMB que estava sendo lançada no final do mesmo século. Na abertura da edição numero 1 por exemplo, de julho de 1881, Sabino Eloy Pessoa, creditado como diretor geral da revista, faz a seguinte observação acerca a existência de publicações que versam sobre assuntos navais:

Não é a primeira vez que se publica no Brasil um jornal dedicado aos interesses da Marinha. Em épocas diversas, a partir de 1851, sahiram à luz pequenos jornais, que dignamente procuraram entreter o espírito público no estudo e na consideração dos

---

<sup>32</sup>REVISTA MARITIMA BRASILEIRA. 2000. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, v. 120, n 7, jul./set.p.30

<sup>33</sup>ARIAS NETO, José Miguel. *Revista Marítima Brasileira: 1851-1855: A liberdade de pensamento na Marinha imperial e o projeto de nação no século XIX*. Revista Brasileira de História Militar. Ano III. N. 8, Agosto de 2012, P 27-29.

importantes questões concernentes ao modo de bem organizar e acertadamente desenvolver a nossa força naval.<sup>34</sup>

Na passagem acima, que abre o primeiro volume da RMB de 1881, Sabino Eloy também comenta sobre o não afastamento dos outros veículos de informação em relação aos assuntos de interesse marítimo e naval, não sendo estes, restritos a periódicos específicos para tais fins. Os interesses para com assuntos ligados ao mar, estava em voga nos periódicos em circulação daquele momento, principalmente na região portuária do Rio de Janeiro, local de atuação do 1º Distrito Naval da Marinha do Brasil e área de contato com diferentes navios que faziam suas praticas mercantes. Tal discurso, acaba por corroborar ainda com a controvérsia a cerca da continuidade da *Revista Marítima Brasileira*, que nesse momento em 1881, não é vista caracterizada como continuação oficial do periódico de 1851.

Essa diferenciação aparente entre os dois momentos em que nasce a RMB, continua a ser verificada nas publicações do início do século XX. Por exemplo, na edição numero 1 de julho de 1906, há um artigo anônimo, possivelmente escrito pelo diretor vigente da revista daquele período, o Capitão Tenente Henrique Boiteux, intitulado ‘*Nossa Revista*’, em que o autor presta homenagens à fundação da *Revista Marítima Brasileira*<sup>35</sup>, pelo diretor da época, o conselheiro Sabino Eloy Pessoa e os Tenentes José Egydio e Alfredo Lima Barros, com data marco em 1881, sem nenhuma menção ao periódico homônimo de 1851, mantendo, a impressão que já se pairava, de que os militares da marinha daquele período, não contemplavam a publicação de 1881 como sendo a mesma que outrora foi publicada. Ainda na afirmação de não permanência da *Revista Marítima Brasileira* de 1851, a revista publica em uma edição de 1916, um artigo denominado ‘*Nosso Aniversario*’, como uma homenagem aos que se empenharam pela criação e desenvolvimento do periódico, retomando naquele momento, ao discurso de fundação do periódico em 1881.

Essa percepção atribuída nos artigos, pela perspectiva dos homens de marinha sobre a revista, começa a mostrar sinais de alteração, nos artigos publicados em edições posteriores, já no século XX, como na observada no final dos anos vinte, em texto assinado por Augusto Vinhaes, publicado na *Revista Marítima Brasileira* de numero 9, em março de 1928, com título ‘*A Genesis desta revista*’, tratando-se de atrelar a história do periódico de 1881, com o homônimo da metade do século XIX.

---

<sup>34</sup>PESSOA, Sabino Eloy. *Revista Marítima Brasileira*. Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 1881.p.02

<sup>35</sup>BOITEUX, Henrique. *A nossa Revista*. Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, Julho de 1906.p. 03

Como observado pelo professor José Miguel Arias, que pesquisou as publicações da *Revista Marítima Brasileira* no século XIX, o texto de Augusto Vinhaes apresenta o momento de ligação entre as publicações da RMB, estabelecendo então, três fases do periódico: uma inicial que vai da primeira edição de 1851, em março até fins de 1852, podendo ser interpretada como uma fase inexperiente da publicação, que não conseguiu se firmar de imediato por conta de um amadorismo editorial e pela ausência de maiores colaboradores; uma segunda fase, delimitada de junho de 1853, até abril de 1855, a qual Jose Miguel atribui à uma iniciativa persistente dos idealizadores de insistir no projeto criado, amparada em seu aporte editorial pelos Tenentes Sabino Eloy Pessoa e Giacomo Raja Gabaglia<sup>36</sup>; e uma ultima fase de junho-julho de 1855<sup>37</sup>, que culminou no desaparecimento da revista por motivos que não conseguimos verificar com precisão, mas que poderiam ser expressados pelas razões já observadas, por parte do amadorismo e falta de auxílio para as publicações. Seguimos então, retomando ao momento de reaparecimento da revista, após longa pausa, em 1881, quando o periódico consegue se firmar como publicação recorrente, sob a direção do conselheiro Sabino Eloy e adotando um programa editorial reatado da antiga versão da *Revista Marítima Brasileira*, a ser seguido em suas publicações futuras.<sup>38</sup>

Em uma transcrição analisada, de um programa editorial definido para a RMB, que duraria por toda sua trajetória de publicações, nos fornece detalhes importantes de como funcionava o pensamento dos diretores do periódico e estruturação dos artigos a serem publicados, temáticas e público alvo pretendido. Nele, ficava então oficializado que o periódico receberia artigos que tratavam de assunto correlatos a temática naval, não restringindo apenas a autores militares, podendo contar com participação de qualquer pessoa, inclusive do meio civil. Era observado também, em nota, a responsabilidade pelo conteúdo produzido e posicionamentos tomados dos autores dos textos, não expressando a opinião da instituição. Ficava estipulado, que a *Revista Marítima Brasileira* seria responsável por publicar, a transcrição dos atos administrativos do Ministério da Marinha, bem como medidas, relatórios e informações de caráter interno. Outro ponto importante a ser notado, é o 6º item do programa editorial, inteiramente transcrito em um volume da RMB de 1928, onde

---

<sup>36</sup>Raja Gabaglia foi um reconhecido oficial de Marinha, sendo editor da RMB, participante da *Revista Brasileira* e integrante da Comissão Científica de Exploração (1859-1861) idealizada pelo IHGB e patrocinada pelo governo imperial.

<sup>37</sup>ARIAS NETO, José Miguel. *Imprensa Militar nos Oitocentos: A Revista Marítima Brasileira: 1851-1855*. Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Impressa integrante do 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013.p.7-9

<sup>38</sup>BOITEUX, Henrique. *A nossa Revista*. Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, Julho 1906.p 06

lemos: ‘[A revista] *Não publicará artigos em sentido político, principalmente os que censurarem actos do governo*’.<sup>39</sup>

No referente ao mérito de ter uma abertura para os não militares, podemos perceber, uma nítida diferença do discurso e prática, pois a *Revista Marítima Brasileira* desde seu início, se refere como uma publicação voltada para todos aqueles interessados nas temáticas náuticas, mas, em sua essência, na forma de construção de seus textos e escrita dos autores, fica bem perceptível a inclinação para um público mais familiarizado com determinadas condutas e vocabulário, específicos de ambientes militares, além de mais especificamente, notarmos uma inclinação em seu público-alvo, para o oficialato naval. O vínculo predominante do periódico com os oficiais da Marinha, está presente em toda sua concepção e construção, da administração da revista; na autoria dos artigos publicados; e no declarado posicionamento do periódico em expor material de interesse profissional e nacional, temáticas referentes a este grupo militar.

Em sua retomada, a primeira edição da revista em 1881, a de número 1 publicada em Julho daquele ano, foi impressa pela Lombaerts & Comp, contando com a direção de criação de Sabino Eloy Pessoa<sup>40</sup>, José Egydio Palha e Alfredo Augusto de Lima Barros, todos militares oficiais, na época com a patente de Tenente. Essa edição deixava clara e reforçava em uma introdução feita por Sabino Eloy, a especificidade do periódico em tratar de assuntos de natureza marítima e naval. Sua formatação como revista foi inspirada pelos padrões encontrados em periódicos como a *Revue Maritime et Coloniale*, o *Naval Science* e o *Nautical Magazine*, todas com direção editorial voltada para o oficialato da Marinha de seus países<sup>41</sup>

Ainda na edição de 1881, os redatores aparentemente estavam inicialmente focados em uma apresentação do periódico, que trabalhasse de maneira mais detalhada, aspectos da área técnica-militar, como observado por exemplo, no artigo intitulado ‘*As Marinhas militares do Mundo*’, dividido em três partes, e de autoria de Luiz de Saldanha, na época oficial com patente de Capitão Tenente. Seu texto, se estabelece como uma resenha do livro ‘*The war-ship and the navies of the world*’, do norte americano M. King<sup>42</sup>, que se propõe a traçar o desenvolvimento observado das forças navais em destaque pelo mundo, analisando o surgimento de formas bélicas mais poderosas e que estavam sendo testadas como

---

<sup>39</sup>VINHAES, Augusto. *A Genesis desta “revista”*. Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, n.9, março de 1928. p.1287

<sup>40</sup>O sobrenome “Eloy”, aparece grifado como “Eloy” em diversas publicações da RMB. O mesmo, quando assinava alguma publicação, grafava as siglas S.E.P.

<sup>41</sup>MEIRA, Levy Araujo. *Editorial*. Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, 1º trimestre de 1969, n 1.p.05

<sup>42</sup>Não foram encontradas mais referências ao autor do livro resenhado.

substitutas das antigas tecnológicas, e ainda preocupações e estimativas para o uso de novo recurso bélico, o torpedo. Descrevendo o livro base da resenha, o autor comenta:

Na primeira parte do livro se contem a descrição succinta, feita paiz por paiz de todos os navios de guerra, já n'agua ou ainda em construção; em seguida passa-se em revista a artilharia naval em suas mais recentes modificações, bem como os melhoramentos realizados no modo de armar e no encouraçamento dos modernos navios de combate; por ultimo estuda-se em capítulos separados os mecanismos propulsores com seus complementos indispensáveis, e a arma moderna, o torpedo, em todos os seus moldes e variados modos de aplicação.<sup>43</sup>

Após apresentar o texto descritivamente, o autor do artigo traça comentários sobre sua própria concepção acerca da Marinha brasileira, nesse processo de adaptação aos novos métodos de combate, que surgiram ao longo do século XIX, comentando ainda, sobre o que significa o entendimento do conceito de *Força* para as forças navais, atribuído aos navios: ‘*Pela expressão – força – deve entender-se o conjuncto de todas as qualidades offensivas e defensivas do navio –*’<sup>44</sup>.

Observamos ainda na mesma edição, uma constante presença de publicações, que tinham por objetivo comunicar seus leitores sobre modelos navais, já em utilização por poderosas forças militares pelo mundo, tecendo comentários sobre suas forças bélicas e usos em estratégias navais, com visto no artigo, ‘*Polyphemus e Destroyer*’<sup>45</sup>, do então Capitão Tenente José Victor de Lamare, que tece comentários sobre esses dois meios navais, chamados pelo autor de ‘*as duas mais poderosas armas de guerra desse século*’<sup>46</sup>. Acerca de suas utilizações em estratégias de combate, o autor comenta, que estas embarcações são elementos fundamentais, pensados para o objetivo final dos combates, o de inutilizar o material bélico inimigo, tendo o *Polyphemus*, amparo de grandes canhões e inclusão do torpedo, sendo considerado no artigo do autor, o modelo naval campeão da Marinha Britânica, naquele momento, ainda que atuando em fase experimental. Sua descrição é detalhada no artigo, sendo revelada as especificações técnicas da embarcação em: ‘*Apresenta*

---

<sup>43</sup>SALDANHA, Luiz de . *As Marinhas militares do mundo* in Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 1881. P.09

<sup>44</sup>SALDANHA, Luiz de . *As Marinhas militares do mundo* in Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 1881. P 10-16

<sup>45</sup> Com seu nome em homenagem ao gigante ciclope filho de Poseidon na mitologia grega, *Polyphemus* é uma mistura de navio torpedo com aríete naval, construído na Inglaterra no início da década de 1880, para ser uma embarcação rápida com objetivo de penetrar portos inimigos em velocidade e afundar navios ancorados. Já *Destroyer*, é considerado um navio de guerra projetado para durar bem, ser rápido e manejável, principalmente para missões de escolta e defesa contra a ação de torpedeiros.

<sup>46</sup>LAMARE, José Victor de. *Polyphemus e Destroyer*. Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, v.1, n. 1, 1881. P. 64



a forma de um charuto de 240 pés de comprimento por 40 de bocca extrema e 18 de pontal, uma secção mestra immersa de 625 pés quadrados, e um deslocamento de 2640 toneladas.<sup>47</sup> Já no cenário naval das Américas, os Estados Unidos surgem com o modelo *Destroyer*<sup>48</sup>, como uma grande embarcação combatente, possuindo similaridades nas partes técnicas com a arma inglesa, mas sendo considerado o maior navio torpedo do período, devido a já conclusão de sua fase experimental e atualização de práticas funcionais. O autor procura ainda, estabelecer paralelo com a Marinha de Guerra do Brasil e seus meios navais, que comparada a estas citadas, seriam pequenas e sem recursos, mas que com algumas unidades de *Destroyers*: ‘collocavam-nos em pé respeitável, assegurando a defesa de nosso litoral.’<sup>49</sup>

Retomando no que se refere particularmente à figura de Sabino Eloy Pessoa, percebemos que nas folhas de rosto de edições recentes da *Revista Marítima Brasileira*, aparece grifado o nome de Sabino Eloy, não apenas como o diretor das primeiras edições da revista, mas como o fundador direto do periódico, além de atuar como conselheiro do Império. É de conhecimento, que Sabino nasceu em 25 de maio de 1821, em Coimbra, seu pai foi o Brigadeiro José Eloi Pessoa, presidente da província de Sergipe em 1838, membro da assembléia baiana e comandante das forças legais contra facções armadas em Alagoas. Sua vida militar inicia como Guarda Marinha na Bahia, mantendo a constante de promoções de patentes, até alcançar o cargo de Primeiro Tenente, em 1849, cargo que estava, quando participou das publicações da primeira versão da *Revista Marítima Brasileira*. Foi também, secretário do Conselho Naval e em 1868 se torna diretor de seção da Secretaria da Marinha, onde é condecorado como Comendador das Ordens da Rosa e de S. Bento de Aviz e agraciado com o título de Conselheiro do Imperador D. Pedro II<sup>50</sup>

Desde o aparecimento em 1881 da versão definitiva da revista, o diretor geral e já conselheiro imperial Sabino Eloy, assinava a publicação dos principais artigos das edições trimestrais da *Revista Marítima Brasileira*, particularmente interessado em produzir de biografias e homenagens à figuras importantes para a Marinha do Brasil, e narrativas de batalhas navais, até artigos que tratam sobre questões de reformas na estrutura da Instituição, como a criação de novos distritos navais e renovação de material bélico, além de tecnologias aplicadas nas embarcações. As publicações da RMB nesse período, se mantém em sua inicial

---

<sup>47</sup>LAMARE, José Victor de. *Polyphemus e Destroyer*. Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, v.1, n. 1, 1881. P 67

<sup>48</sup>No Brasil, os modelos referentes a esse tipo de embarcação são chamados de Contra torpedeiros.

<sup>49</sup>LAMARE, José Victor de. *Polyphemus e Destroyer*. Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 1881. P 69,70.

<sup>50</sup>COSTA, Didio; *Conselheiro Sabino Eloi Pessoa(1821-1897)* in Revista Marítima Brasileira. Ano LVIII , Março-Abril, ns 9-10, 1939 . p 639

linha técnica militar, onde os artigos se propunham a tratar, referentes à notícias de novas embarcações nas marinhas estrangeiras, resultados de experiências e testes de novos calibres de canhões para os navios, e até mesmo comparativos históricos entre poder marítimo vigente e o da antiguidade, como visto em artigo sem assinatura, publicado na edição de 1881, tecendo comentário sobre os navios trirremes atenienses e as táticas usada nas guerras navais da antiguidade<sup>51</sup>.

Se faz necessário também, para nossa pesquisa, ressaltarmos o contexto histórico em que a Marinha do Brasil estava inserida no momento do retorno das publicações da *Revista Marítima Brasileira*, o que estabelece conexão com a caracterização técnica que os artigos da revista ganham de 1881 em diante.

Desde a independência em 1822, a então Armada Imperial, tinha como missão principal, a manutenção do extenso território litorâneo brasileiro, bem como a preservação da integridade nacional contra possíveis hostilidade da Marinha Portuguesa, além de ter que lidar com os problemas de ordem interna, exemplificados nos embates com movimento separatistas que ocorriam nesse momento. Brevemente, se seguiu o conflito com as Províncias Unidas do Rio da Prata, na denominada Guerra da Cisplatina, pelo território do atual Uruguai. Mesmo em faces de conflito, os componentes militares da Marinha do Brasil ficaram sem a atualização dos meios técnicos, que se encontrava lenta, até a metade do século XIX. Na metade da década de 1850, já era perceptível, conturbações nas relações diplomáticas entre o Império do Brasil e a República do Paraguai, motivadas pelas divergências nas discussões acerca das delimitações das fronteiras, na região entre o Rio Branco e o Rio Apa. Havia uma clara dificuldade em conseguir um acordo sobre a questão de definição dos limites, pois “*Para o Império, qualquer concessão nesse aspecto seria uma ameaça à própria manutenção de Mato Grosso como parte integrante do Brasil*”<sup>52</sup>. Crescia assim, a possibilidade de conflito entre os países vizinhos. Em 1856, já ameaçado com uma guerra por parte do governo brasileiro, os paraguaios assinaram o tratado permitindo a livre navegação por seis anos, porém permaneceram dificultando a passagem de navios para o Mato Grosso. Apenas em 1858, com a chegada de José Maria da Silva Paranhos a Assunção, o governo paraguaio aceitou o tratado, receoso de uma possível intervenção brasileira<sup>53</sup>.

---

<sup>51</sup>PESSOA, Sabino Eloy. *As Trirremes de Athenas*. Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 1881. P.204

<sup>52</sup>DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: Nova História da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.P.32

<sup>53</sup>DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: Nova História da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.P.36

O início da agressão paraguaia se dá, em dezembro de 1864, na província do Mato Grosso. Devido uma falha na defesa fronteiriça nacional, implicou-se no avanço de forças Paraguias, composta por forças fluviais e terrestres, em uma tentativa de anexar as terras cobiçadas brasileiras, para vislumbrar um aumento territorial, no caso da vitória contra o Império brasileiro. A Marinha Imperial brasileira foi, durante parte considerável do século XIX, ferramenta fundamental do processo de promoção da integração nacional, principalmente nos territórios fronteiriços, tendo como missão promover a integração do Império Brasileiro valorizando e resguardando suas dimensões continentais. Sua missão era ligar o centro do país às demais áreas, particularmente àquelas tais como a província do Mato Grosso, por ser alvo de disputa com os países vizinhos, como no caso do Paraguai.

Esses episódios beligerantes a partir da metade do século XIX, acabam que por estimular o desenvolvimento da Marinha do Brasil, devido a necessidade de se estar bem preparado para a eclosão de combates, e com apropriados meio navais, desenvolvimento das indústrias de produção naval e dos mecanismos usados pelos militares em combates. Do ponto de vista militar, a Guerra do Paraguai, também conhecida por Guerra da Tríplice Aliança, foi um episódio de grandes ensinamentos para a Marinha Imperial brasileira, tanto no que tange a adequação de sua Marinha para os combates em rios, que se configuravam em trechos de difícil navegação, canais tortuosos e com bancos de areia, até ensinamentos de origem estratégica, como no episódio mais famoso da participação brasileira no conflito com os paraguaios, a Batalha do Riachuelo, onde a tática, do Almirante Barroso de investir com a fragata *Amazonas* nos navios paraguaios, conseguiu êxito em sua missão de inutilizá-los.<sup>54</sup> As transformações tecnológicas em âmbito militar foram aceleradas, tanto para a artilharia, que num período entre 1850 e 1860 observou transformações que mudariam a forma de combate, como a alma raiada no cano das armas, as granadas ocas e o carregamento pela culatra, bem como por parte da construção naval, que vislumbrou mudanças significativa, como o casco metálico de ferro e o emprego de aço nas construções dos navios<sup>55</sup>. Tais progressões naturais das atualizações bélicas, acabam que por provocando de maneira gradativa, a propagação do debate entre os membros do oficialato da Marinha do Brasil, sobre uma necessidade de compreendê-las e implantá-las, se adequando e preparando, para os contextos beligerantes que se seguiriam.

---

<sup>54</sup>VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. *A evolução do pensamento estratégico naval brasileiro*. 3a ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1985.p.35-37.

<sup>55</sup>VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. *A evolução do pensamento estratégico naval brasileiro*. 3a ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1985.p.40

O artigo observado, ainda ao longo da edição de número 1, chamado ‘*Episódios da guerra do Paraguai*’ refere-se justamente aos acontecimentos e participação da Marinha na referida guerra. Segue um pequeno trecho do artigo de 1881:

Corria o anno de 1866. O inimigo vencido no Riachuelo, em Jatay, e em Uruguayana, havi-se recolhido a seu território, deixando-no gloriosos tropheos. A guerra mudava de natureza. Por nossa vez devíamos tomar a offensiva, dominadas as primeiras emoções da surpresa que nos haviam causado as inesperadas e violentas aggressões do desleal adversário, por mar e por terra.<sup>56</sup>

Ainda no ano de 1881, vemos um artigo chamado ‘*O Torpedo*’, onde o autor utiliza seu espaço, para tecer comentários sobre o uso desta que era a nova arma nos combates navais daquele período, e comparando-a com a eficácia de grandes canhões da época, que se faziam necessários para subjugar as novas embarcações atualizadas e fortificadas, que também ganham força no mesmo momento, contando com fortes e poderosas couraças, os encouraçados<sup>57</sup>. Na edição de janeiro a junho de 1882, observamos o progressivo contingente de artigos técnicos, e os de caráter bibliográficos, que ganham destaque nos volumes que se seguem daquele mesmo ano. Dos 25 artigos publicados de janeiro a junho de 1882, 17 deles são de caráter técnico e técnico militar, sendo os outros divididos entre relatórios de viagens de embarcações, comunicados oficiais do Ministério da Marinha, uma seção dedicada a necrologia de oficiais e bibliografias, contando neste último tópico, com um artigo do próprio diretor Sabino Eloy, intitulado ‘*Almirante Barroso*’, texto de caráter de homenagem, onde estabelecem a figura do Almirante Barroso, o Barão do Amazonas, como um herói para a instituição Marinha, vitorioso na Batalha do Riachuelo durante a guerra contra o Paraguai.

Em 1887, Sabino se afasta por decisão pessoal do cargo de Diretor geral da revista e de suas tarefas na Secretaria da Marinha, deixando a vaga na *Revista Marítima Brasileira*, para o então Capitão de Fragata Alfredo Augusto de Lima Barros, colaborador e redator da revista desde sua nova concepção, em 1881. A RMB segue sua nova fase de publicações, marcada de tempos em tempos por substituições no cargo de comando, que demonstraram formar etapas importantes de mudanças em sua estrutura, administração e os posicionamentos ideológicos e políticos, das publicações do periódico. Assuntos oriundos de temática técnicas militares, se perpetuam nas paginas da RMB, até praticamente o final do século XIX, quando

---

<sup>56</sup> E.A . *Episodio da guerra do paraguay*. Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 1881.p27

<sup>57</sup> ROCHA, M. Carneiro da. *O Torpedo*. Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 1881.P.17

começam a surgir artigos que consistiam também em biografias e narrativas sobre a experiências de almirantes em combate, bem como o emprego dos recursos militares em tempos de paz e artigos sobre reformas administrativas, recursos navais e formação de estratégias dentro da Marinha brasileira.

## 1.2

### Institucionalização da RMB e sua rede hierárquica

A primeira *Revista Marítima Brasileira*, de meados do século XIX foi editada e comercializada pela *Typographia do Diário*, pertencente à Nicolau Vianna Lobo, e anteriormente à Zeferino Vito de Meirelles, então vice-diretor da Imprensa Régia a partir de 1822.<sup>58</sup> A RMB neste momento, teve suas edições publicadas da seguinte maneira:

**Tabela 1 – Relação de publicações da Revista Marítima Brasileira entre 1851 à 1855**

Ano	Período	Números	Volume <sup>59</sup>
1851	1º de março a 15 de dezembro	01 a 20	I
1852	1º de janeiro a 1o de dezembro	01 a 23	II
1853	1º de janeiro a 15 de fevereiro	25 a 28	II
1853	1º de julho a 15 de dezembro	01 a 12	III
1854	13 de janeiro a 30 de junho	03 a 24	III
1854	20 de julho a 13 de dezembro	01 a 11	IV
1855	1º de janeiro a 28 de julho	02 a 21	IV

Fonte: (BERGER, 1984 apud ARIAS, 2013)

<sup>58</sup>ARIAS NETO, José Miguel. *Em busca da cidadania: praças da Armada Nacional 1867-1910*. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo.p.74

<sup>59</sup>BERGER, Paulo. *A tipografia no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1984. In ARIAS NETO, José Miguel. *Revista Marítima Brasileira: 1851-1855 – A Liberdade de Pensamento na Marinha Imperial e o Projeto de Nação no século XIX*. Revista Brasileira de História Militar, v. 8 2012.p.4-29

Jose Arias, comenta que esta tipografia havia pertencido a Zeferino Vito de Meirelles, então vice-diretor da Imprensa Régia a partir de 1822.<sup>60</sup> Em seu segundo nascimento, de 1881, já discutido anteriormente nessa pesquisa, a *Revista Marítima Brasileira* se apresenta, para além de outras transformações estruturais, como um periódico já institucionalizado, reformulado e que atendia uma outra proposta definida por um conselho editorial organizado diretamente pelo departamento da Imprensa Naval. Este modelo da RMB, então, é o que vai imperar como vigente ao longo do século XX, e é o mais similar ao padrão que segue nas publicações atuais, alternando apenas detalhes de seções que compõe a revista e em alguns momentos sua periodicidade de tiragens, entre bimestral e trimestral, mas não parando de maneira prolongada suas edições em nenhum momento posterior.

Ao contemplarmos o longo período de publicações da *Revista Marítima Brasileira*, podemos perceber e entender à quais estruturas institucionais, ela estava filiada, dentro é claro, da Marinha de Guerra do Brasil. A RMB, foi uma produção impressa subordinada, de diversas instancias militares, ou organizações militares(OM) em toda sua história, percebendo também, que não apenas o comando das publicações da revista modifica na rede hierárquica da Marinha, como a própria estrutura administrativa da Marinha do Brasil sofreu constante alterações em sua organização e modelo de fluxograma, durante a passagem de comando de diferentes Ministros da Marinha, que fizeram reformas burocráticas e organizacionais em seus mandatos. Daremos assim uma atenção maior, nas reformas mais significativas, que afetam direta ou indiretamente a manutenção da publicação do periódico em si, buscando analisar alterações na linha de subordinação e hierarquia da organização militar responsável pela edição da *Revista Marítima Brasileira*. Mudanças significativas, foram fruto de uma progressão natural de eventos no Brasil, que dependiam de intervenção direta ou não de suas forças armadas, como revoltas internas e conflitos externos que surgiram ao longo de todo o século XIX, tanto no cenário político nacional quanto no que tange aos assuntos de caráter internacional.

A participação brasileira na Guerra do Paraguai, ou guerra da tríplice-aliança, já mencionada anteriormente na pesquisa, foi um importante evento para clarear uma série de mudanças dentro da instituição Marinha, reformular pensamentos e corroborar com novos projetos editoriais, sendo os mesmos, refletidos nas publicações da *Revista Marítima Brasileira* do período. Mas se ao fim da guerra contra Solano Lopez, a Marinha alcançou

---

<sup>60</sup>ARIAS NETO, José Miguel. *Em busca da cidadania: praças da Armada Nacional 1867-1910*. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo.p.81.

prestígio e se firmou como potência Sul Americana nas águas, os anos que se sucedem nos mostram um significativo declínio de âmbito institucional.

Para o Almirante Armando Amorim Ferreira Vidigal, a explicação para isso pode ser verificada, pois não haviam recursos para a manutenção de uma esquadra qualificada, que se adequasse às necessidades estratégicas de Defesa Nacional, que puderam ser identificadas ao longo da História do Brasil, nem exemplos de casos de necessidade de material bélico, como a questão das Missões Navais com a Argentina, o aumento das tensões no subcontinente sul-americano devido às dissensões entre a Argentina e o Chile sobre a Patagônia e o Estreito de Magalhães, levaram o Brasil a estruturar um programa de re-aparelhamento naval significativo e de ordem imediatista. Para Vidigal, a Proclamação da República tirou da Marinha do Brasil poder político, quadro este que se agravou ainda mais, com a Revolta da Armada<sup>61</sup> de 1893, e, sem o almejado prestígio nacional e poder político, a Marinha de Guerra do Brasil perdeu acesso às verbas para a sua atualização e renovação de meios técnicos, além de não conseguir acompanhar o desenvolvimento tecnológico<sup>62</sup> que rompia gradativamente internacionalmente no setor marítimo, com grande fomento já vislumbrado na França e Inglaterra por exemplo.

Jose Arias observa, que em 1894 o Ministro José Gonçalves Duarte demonstrava em seu relatório, uma desorganização por parte das repartições da Marinha do Brasil, culminando na paralisação de trabalhos e dispersão de pessoal<sup>63</sup>. Ainda durante a Revolta da Armada, os praças da Armada que permaneceram leais ao governo, foram incorporadas às forças de terra. Quanto aos oficiais, haviam sido considerados desertores mais de oitenta pessoas, cujos postos foram ocupados por oficiais que permaneceram apoiadores do Estado, então criado um quadro extraordinário de promoções para premiar outros mais<sup>64</sup>.

Todo esse plano de fundo que molda o contexto de atuação da Marinha do Brasil no século XIX, vai, ao longo do século, sendo perceptível nas redefinições de prioridades e estruturas internas. Em 1868, foi promulgada a criação do Museu Naval, com sua inauguração efetiva apenas em 1884, no intuito de preservar a história da instituição, das suas ações

---

<sup>61</sup>Sobre esse assunto, indico leituras como o livro ‘‘A revolta da Armada’’ de Helio Leôncio Martins e a pesquisa ‘‘A Formação da Marinha de Guerra do Brasil (1821-1845)’’ do professor Dr. José Miguel Arias Neto.

<sup>62</sup>VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. *A evolução do pensamento estratégico naval brasileiro*. 3a ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1985.p 67-70

<sup>63</sup>ARIAS NETO, José Miguel. *A Marinha Brasileira no início do século XX: TECNOLOGIA E POLÍTICA*. Revista Antíteses, 1, v. 7, n. 13, jan. /Jun. 2014. p 86-87

<sup>64</sup>BRASIL. MINISTÉRIO DA MARINHA. Relatório apresentado ao Vice-Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo ministro e secretário dos negócios da Marinha, Contra-Almirante José Gonçalves Duarte, em 1894. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1894. P31-33. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u2128/>

realizada, que nas palavras da Marinha, serviria para: ‘*passar para próximas gerações o testemunho de gratidão àqueles que serviram a pátria com dedicação e heroísmo e muitas vezes com sacrifício da própria vida*’<sup>65</sup>. O Museu Naval se reuniria com a *Revista Marítima Brasileira*, e posteriormente com o Arquivo da Marinha, sob uma direção única. Este último, como nos mostra Carlos Lopes, tem sua origem na criação de espécies de “cartórios” na estrutura organizacional do Arsenal de Marinha da Corte e da Secretaria de Estado e Negócios da Marinha, respectivamente em 1834 e 1842, para a então tarefa de organização dos “papéis” daqueles dois órgãos militares de relevante importância para Marinha Imperial. Os cartórios que geraram o Arquivo da Marinha exerciam funções correlatas a arquivos correntes, se dispendo à ordenação da documentação de organizações militares com rotina administrativa complexa.<sup>66</sup>

Na estrutura administrativa da Marinha do Brasil de 1889-1907, durante a reforma organizacional feita pelo Almirante Wandenkolk, o organograma oficial demonstra a existência da seção ‘*Biblioteca da Marinha e Museu do Mar*’ (sendo reunidos como um só em 1890), subordinados diretamente ao gabinete do Ministro da Marinha, cabendo a ele, a administração total e nomeação dos redatores e autores da *Revista Marítima Brasileira*<sup>67</sup>. Antes dessa reforma, a biblioteca era separada da seção do Museu da Marinha, mas já exercia função de responsável pela publicação e distribuição da RMB. Membros Republicanos, civis e militares da Armada, iniciaram uma campanha para “restaurar” a Marinha do Brasil, ideal que se insere no contexto de emergência de um novo pensamento estratégico naval, impactado pelos acontecimentos internacionais que demonstravam uma superioridade internacional marítima de outras nações, como vistas nas vitórias da Marinha japonesa sobre a China nos anos de 1894 e 1895 e, da dos Estados Unidos sobre a Espanha, na guerra hispano americana de 1898<sup>68</sup>, bem como os crescentes orçamentos militares europeus e norte americanos, muito mais expressivos do que os dispostos para o Brasil. Os frutos da campanha de restauração da Marinha de Guerra do Brasil começaram a ser colhidos a partir da presidência de Rodrigues Alves. Nesse período, o Ministro da Marinha Júlio César de Noronha, deu início ao movimento de reformas com a elaboração do programa naval de 1904,

---

<sup>65</sup>BRAGA, Luiz Henrique de Azevedo. *Serviço de documentação da Marinha-60 anos*. V 123, n 7/, jul/set 2003.p12

<sup>66</sup>SILVA, C. A. Lopes da. *Redescoberto a Marinha Oitocentista: o Projeto de Descrição do Acervo Documental da Secretaria de estado e Negócios da Marinha - 1808 a 1890*. Associação Brasileira de Estudos de Defesa, 2009. P 04-06

<sup>67</sup>CAMINHA, Herick Marques. *Historia administrativa do Brasil: Organização e administração do Ministério da Marinha na Republica*. V. 36. Fundação Centro de Formação do Servidor Público. Serviço de Documentação da Marinha, Rio de Janeiro, 1989. P.49

<sup>68</sup>ARIAS NETO, José Miguel. *A Marinha Brasileira no inicio do século XX: TECNOLOGIA E POLÍTICA*. Revista Antíteses, l, v. 7, n. 13, jan. /Jun. 2014. p 90



que foi apresentado em um momento em que as expectativas para com o governo mudavam. Para nossa pesquisa, continuamos aqui ainda, nos referindo acerca da progressão de alternâncias estruturais, como em 1906, quando quem assume o cargo de Ministro da Marinha é o Almirante Alexandrino, conhecido por ter feito importantes mudanças na estrutura administrativa do próprio Ministério, com medidas que estipulavam as fragmentações das organizações militares, criando assim, numerosas Inspetorias (órgãos de direção setorial, normativos e fiscalizadores), mas centralizando na figura do Ministro decisões de toda ordem e todo nível. Essas mudanças ocorrem no que é conhecido como 1º fase da Reforma Alexandrino, estabelecida entre 1907 à 1911<sup>69</sup>.

Em uma importante menção para nossa pesquisa, vemos que 1911 também foi o ano de implementação da Imprensa Naval, criada sob o nome de Tipografia do Almirantado, resultado da união das tipografias pertencentes à Superintendência de Navegação, à Escola Naval e a escolas profissionais, e substituindo a editora *Lombaert & C.* Ela destinava-se a impressão das publicações do Estado Maior da Armada, bem como publicações sigilosas de cunho estratégico e Ordens-do-Dia, ficando também responsável pelo fornecimento do material da secretaria para todas as unidades da Armada, e tempos depois, pela publicação efetiva da *Revista Marítima Brasileira*, bem como outros periódicos navais. Para nosso interesse sobre a estruturação hierárquica, é válido ressaltar, no mesmo programa de reformas, o Decreto 6.510 de 15.06.1907 que reorganiza a repartição anterior da Biblioteca e Museu do Mar, rebatizando-a de ‘Diretoria da Biblioteca, Museu e Arquivo da Marinha’<sup>70</sup>, esta, com sede na Rua D. Manuel, n.15, no centro do Rio de Janeiro, atual endereço sede do Museu Naval. Esse decreto, possui capítulo inteiro dedicado as atribuições referentes a nova Diretoria, encarregada das publicações da *Revista Marítima Brasileira*, Boletim administrativo e contribuindo com a publicação da *Encyclopedia Naval*.<sup>71</sup> Entre os artigos apresentados no decreto de criação da diretoria, destaca-se o Art. 67, que designa a *Revista Marítima Brasileira*, como publicação destina a tratar de qualquer assunto relacionado a Marinha de Guerra e também do âmbito da Marinha Mercante, e o Art. 69, destacando o fato

---

<sup>69</sup>CAMINHA, Herick Marques. *Historia administrativa do Brasil: Organização e administração do Ministério da Marinha na Republica*. V. 36. Fundação Centro de Formação do Servidor Público. Serviço de Documentação da Marinha, Rio de Janeiro, 1989.p.64

<sup>70</sup>MARTINS, Hélio Leôncio; SALDANHA DA GAMA, Artur Oscar. *A Marinha na Segunda Guerra Mundial* in *Historia Naval Marítima Brasileira*, Volume Quinto TOMO II. Serviço de Documentação Geral da Marinha. Rio de Janeiro, 2006.

<sup>71</sup>REITZ, Alessandra *O processo de formação do Arquivo da Marinha do Brasil como instituição de pesquisa histórica e militar (1907-1953)*. Revista Navigator V.4-N.7, Rio de Janeiro 2008.p.24-26

que a publicação de artigos estava aberta a qualquer pessoa, pertencente ou não as forças armadas, sempre à tratar de assuntos relativos ao meio marítimo, em diferentes ramos.<sup>72</sup>

Nas primeiras décadas do século XX, a *Revista Marítima Brasileira* permaneceu subordinada a esta diretoria até 1923, quando, passa a ser subordinada especificamente ao Estado Maior da Armada, órgão criado no que é conhecida como 2º Reforma Alexandrino, tida como essencial para assuntos referente à preparos de guerra e tendo sua organização e operação expedida diretamente pelo próprio Ministro<sup>73</sup>. Esse quadro estrutural permanece até os anos finais da década de 1930 e início da década de 1940, quando ocorre a criação da Divisão de História Marítima, seguida de perto pela criação do Serviço de Documentação da Marinha(SDM), tendo ao longo dos anos passado por pequenas modificações, mas nada substancial no que diz respeito a sua condução administrativa.

### 1.3

#### **RMB no século XX: aproximação Norte Americana com a Marinha de Guerra do Brasil e a figura de Didio Costa**

O século XX foi um século de mudanças em todos os âmbitos, gerando reconfigurações nos entendimentos de velhas estruturas políticas e ideologias, e transformações nos métodos econômicos vigentes, alterando inclusive cenários sociais, no âmbito mundial. O historiador Eric Hobsbawm ressalta, uma ampla difusão que o crescimento no campo tecnológico e da produção material geraram atrelados ao conceito de ‘progresso’ nesse período:

Em termos materiais, em termos de conhecimento e de capacidade de transformar a natureza, parecia tão patente que a mudança significava avanço, que a história – de todo modo a história moderna – parecia sinônimo de progresso<sup>74</sup>

Importante para nós, referindo-se a Marinha de Guerra do Brasil, é a presença e perceptível influencia norte americana em suas estruturas. Tal aproximação é bem notável, ao olharmos para os artigos publicados nesse momento em específico, nas edições da *Revista*

---

<sup>72</sup>BRASIL. decreto 6.510 de 15 de junho de 1907. *Reorganiza a Bibliotheca e Museu da Marinha*.Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 11 de junho de 1907, 19º da Republica. Seção 1, p 4966.

<sup>73</sup>CAMINHA, Herick Marques. *Historia administrativa do Brasil: Organização e administração do Ministério da Marinha na Republica*. V. 36. Fundação Centro de Formação do Servidor Público. Serviço de Documentação da Marinha, Rio de Janeiro, 1989.p.81-83

<sup>74</sup>HOBSBAWM, Eric. *A era dos impérios*. 1875-1914. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2009, p. 46-47.

*Marítima Brasileira*, que passam a contar, ao longo das primeiras décadas do século XX, com uma grande quantidade de textos configurando em traduções, majoritariamente oriundas de periódicos navais norte americanos, bem como, artigos referentes à homenagens para Almirantes e Comandantes estadunidenses, em suas passagens pelo Brasil, no que ficou conhecido como Missão Americana, objeto que analisaremos em outro momento, nesta dissertação.

Em um contexto mais amplo sobre a virada do século XIX para o XX, o Brasil, por ser dependente de produtos industrializados de países com uma indústria mais forte, naturalmente faz jus ao estreitamento de relações com tais nações, visto que o cenário nacional, manter relações políticas era preservar sua maior expressão da esfera econômica, que se baseava consideravelmente na exportação agrícola, atendendo às demandas do mercado estrangeiro com as produções nacionais, tais como o café, o cacau, o algodão e o açúcar, como exemplos.<sup>75</sup> O Ministro das Relações Exteriores, o Barão de Rio Branco, foi um dos responsáveis por notar que a crescente favorável que os Estados Unidos viviam em seu desenvolvimento interno,<sup>76</sup> fazia com que os mesmos fossem vistos como benéficos para recém conflagrada Republica que se formava no Brasil, e uma parceria, poderia impulsionar a nação brasileira à galgar maior destaque internacional.

Vidigal ressalta, que a Marinha brasileira ao longo de sua historia, desde a criação, buscou principalmente inspiração na Marinha Britânica, vista como a mais importante e poderosa força naval no século XIX e até principio do século XX, quando o evento da Primeira Guerra Mundial fez com que surgisse um novo país no cenário internacional configurando status de potencia militar, os Estados Unidos<sup>77</sup>. Essa caracterização norte americana como potencia em ascensão constante, e seu invejável quantitativo de aparato militar atuante em sua Marinha de Guerra, constituiu uma realidade que não passou sem ser notada e assimilada pelo continente americano em geral.

A influência exercida pelos norte-americanos na esfera militar naval, então, começa a ser observada dentro da Marinha do Brasil, em princípios do século XX, na vigência de contratação de oficiais Norte Americanos para lecionarem na Escola de Guerra Naval, e progressivamente na década de 1920, data em que se inicia, de fato, a instalação e

---

<sup>75</sup>BUENO, Clodoaldo; CERVO, Amado Luís. *A política externa brasileira (1822 – 1985)*. São Paulo,Ed. Ática, 1986. p.158.

<sup>76</sup>BUENO, Clodoaldo; CERVO, Amado Luís. *História da Política Exterior do Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p.162.

<sup>77</sup>VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. *A evolução do pensamento estratégico naval brasileiro*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exercito, 1985.p.75

promulgação oficial, da chamada Missão Norte Americana<sup>78</sup>. Este evento para nós, marcou o início de um processo de relações, que refletiu diretamente sobre a administração da Marinha brasileira, adotando a criação de Diretorias Técnicas, focalizando em treinamento do elemento humano e formulação de doutrinas, e composições estratégicas para a Marinha de guerra do Brasil. Caminha observa, que a mentalidade por trás da decisão de contar com oficiais de outra marinha na estruturação da Marinha brasileira, se estabelecia através de dois pensamentos: os resultados favoráveis obtidos pelo Exército após a Missão Militar Francesa em 1920 e o aumento progressivo, da complexidade de estratégias e engenharia dos navios de guerra, conseqüência direta de experiências adquiridas pelas potências mundiais durante o início do século XX, com a Primeira Guerra Mundial<sup>79</sup>.

No período da Primeira Guerra Mundial(1914-1918), a *Revista Marítima brasileira* aumentou a quantidade de artigos publicados, de traduções de obras internacionais, discursos e debates proferidos em reuniões militares, referentes a situação deflagrada na Europa. Em sua maioria, os artigos nos parecem dar a intenção, de demarcar para o leitor, uma conveniente eficácia estratégica do uso de forças navais, como garantias da superioridade militar em conflitos, tratando os combates realizados no mar como os principais elementos de manutenção de força e demonstração de poder dos países em guerra, noções estas, fundamentais para importantes teóricos da guerra naval, como Alfred Mahan e Julian Cobertt.

A leitura destes teóricos da estratégia militar, influenciou bastante as políticas governamentais norte americanas, e não só serviu de respaldo à expansão norte-americana em direção à América Latina e ao Pacífico, como também induzira o governo dos Estados Unidos a procurar bases de apoio. Na *Revista Marítima Brasileira*, a presença desses teóricos não é tão acentuada nos artigos do início do Século XX, contando apenas com citações e exemplificações de produções bibliográficas, com o aparecimento de menções pontuais ao longo do tempo. O Almirante Vidigal, é um dos que contribuíram para análises das concepções estratégicas de Mahan para a Marinha do Brasil, tendo em 1998<sup>80</sup>, publicado na *Revista Marítima Brasileira*, um artigo intitulado ‘‘ Apontamentos de estratégia naval’’, onde ele apresenta as concepções do autor norte-americano confrontando-as com outros teóricos navais. Em posterior artigo publicado, Vidigal tece análises sobre Mahan, a partir de

---

<sup>78</sup> AMARAL, Misael Henrique. *A influência norte-americana na Marinha brasileira e seus reflexos ao longo do século XX* in Revista Navigator V.10-n 20, Rio de Janeiro, 2014.p.85-86.

<sup>79</sup> CAMINHA, João Carlos Gonçalves. *História marítima*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1980.p.74.

<sup>80</sup> VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. *Apontamentos de estratégia naval*. Revista Marítima Brasileira. jul-set 1998. P. 103

características de geopolítico, estabelecendo uma comparação com outras escolas de geopolítica, em especial as Escolas Alemãs e Francesas.<sup>81</sup>

Sobre a própria experiência de transformações adquiridas com nas primeiras décadas do Século XX, no ano de 1915, a *Revista Marítima Brasileira* sob direção do Capitão de Fragata Arthur Lopes de Mello, publicou em sua edição de janeiro, diversos artigos que tratavam diretamente de assuntos ligados ao evento da Primeira Guerra Mundial, tais como os assinados pelo Segundo Tenente Muniz Barreto: ‘*Em torno da conflagração europeia*’ e uma tradução feita por J.J. Silva Coutinho, ‘*A influencia do Domínio do Mar nas operações militares*’, que levantam questões principalmente pontuando a eclosão da Guerra, como consequência de uma política internacional conflituosa desde o final do século anterior, e localizando no meio das mais variadas conjecturas referentes às conformidades do confronto, o importante e valoroso papel que o controle marítimo teria, para o pensamento de estratégias militares. A publicação de um artigo de Augusto Vinhaes com o título de ‘*A grande Guerra*’<sup>82</sup>, traz em seu texto, comentários sobre o conflito Europeu e a situação dos países envolvidos, observando com um olhar majoritariamente técnico, como no enfoque dado ao uso direto do submarino, visto por militares navais como grande diferencial no combate nos mares naquele momento, e sendo o mesmo, considerado uma arma de gigantesco potencial destrutivo, pela capacidade a ele atribuída de conseguir atacar e afundar navios da Classe *dreadnought*<sup>83</sup>, ao mesmo tempo que era dificilmente detectado nem se transformava em alvo de retaliação.

Progressivamente, dentro das publicações da *Revista Marítima Brasileira* notamos a aparição de artigos traduzidos de publicações Norte Americanas, tratando principalmente de questionamentos sobre assuntos técnicos e organizacionais, mas tendo uma base concentrada em discutir teor político envolvido, o que seriam vistos com ambigüidade nas tomadas de decisão de publicação, pelo corpo editorial do periódico, levando posteriormente, à publicações de artigos com pseudônimo e artigos sem assinaturas, defendendo ou criticando o posicionamento institucional da Marinha de Guerra e os atos do Ministro. Exemplo de dualidade de pensamento dentro do corpo editorial, está presente em artigo “*A fusão dos*

---

<sup>81</sup>VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. *Apontamentos sobre geopolítica*. Revista Marítima Brasileira, jul-set 2002. P 50

<sup>82</sup>VINHAES, Augusto. *A grande Guerra*. Revista Marítima Brasileira, n. 7, Janeiro de 1915.p.1183

<sup>83</sup>Nome de um navio da *Roayl Navy* (Marinha Real Britânica), o HMS *Dreadnought*, lançado em 1905.Foi o primeiro couraçado deste, e tipo foi de tal forma revolucionário, que *Dreadnought* passou a designar não só o navio, como a classe de navios idênticos que lhe seguiu, e foi utilizada até para designar todas as classes de navios tanto da Grã Bretanha quanto de outros países que seguiam as mesmas regras básicas de configuração.

*quadros da Marinha*”<sup>84</sup>, de 1918, quando autor desconhecido tece comentários sobre o sistema até então adotado pelo Brasil, de uma organização de dois corpos distintos de oficialato, os da Armada (ou oficial de convés) e os maquinistas (oficial engenheiro). Jovens oficiais, principalmente os que haviam tido contato após treinamento em navios norte-americanos, pareciam entender essa administração como obsoleta, e defendiam um modelo norte americano de unificação de corpo de oficiais, diferente do modelo vigente que era defendido principalmente por oficiais mais antigos, e que era adotado em Marinhas como a da França e Alemanha. Um artigo publicado em 1919, chamado ‘‘A crise dos quadros de officiaes na Marinha’’ , comenta sobre o assunto:

(...) um grande passo para o ideal fusionista; é a realização de uma parte do vasto plano de reorganização de serviços e de constituição de um corpo unico de officiaes de marinha, regulamentado, ha varios annos já, na Inglaterra e nos Estados Unidos, e para o qual tende toda a idéa de progresso que se firma na lógica e nos argumentos da Historia.<sup>85</sup>

A presença de norte americanos nas organizações militares brasileiras continuou forte ao longo dos anos, mas a influencia exercida nas publicações da revista cai ao longo dos anos de 1930, na conhecida como de Segunda Fase da Missão Americana, quando mudanças no corpo editorial da *Revista Marítima Brasileira*, além de um cenário internacional em alerta por movimentações políticas e militares acontecendo na Europa, tiraram o foco das publicações dos estadunidenses, dando lugar à uma nova linha de produção de artigos, focada então, em análises e comentários sobre questões que expressam ideais de interesse nacional.

Uma importante figura para a *Revista Marítima Brasileira*, começa a se destacar a partir de 1914, data em que surgem as primeiras publicações de quem viria a ser um dos maiores idealizadores de projetos para o periódico no inicio dos anos de 1930, o então Tenente Didio Afonso da Costa (1881-1953). No final dos anos 1920 e ao longo dos anos 30, o corpo editorial da RMB sofreu mudanças significativas, e Didio já na posição de Comandante, assume em 1932 a redação geral da *Revista Marítima Brasileira*, promovendo uma seqüência de mudanças no estilo de publicações do periódico, retirando o foco de assuntos estritamente técnicos e inserindo artigos de outras naturezas, mais acadêmicas , de

---

<sup>84</sup>ANONIMO.A *fusão dos quadros da Marinha*. Revista Marítima Brasileira .ns 7 e 8, janeiro/fevereiro,1918.p.586

<sup>85</sup>SEMENOFF (pseudônimo). *A crise dos quadros de officiaes na Marinha*. Revista Marítima Brasileira, Rio de Janeiro, , n6,janeiro,1919.p.277

pesquisadores e historiadores que se debruçavam no século XX, em escrever uma História Naval e Marítima Brasileira e publicações artigos com viés nacionalista.

Há de se lembrar, que esse período de transição do modelo de publicações adotado pela nova direção da revista, estava inserido no contexto do Estado Novo, um período de crescente aumento de periódicos, centros culturais e serviços que tentaram consolidar uma política cultural brasileira e o ideal público de valorização do nacional. Ângela de Castro Gomes compreende este momento, como uma forma do governo vigente constituir uma política de institucionalização da cultura, identificados por uma série de revistas e publicações empenhadas em se debruçar num resgate do passado brasileiro e na defesa do ‘espírito nacional’, que era intenção do Estado<sup>86</sup>. A partir da metade dos anos 30, o cenário internacional se encontra instável e a constante possibilidade de outra guerra na Europa é cada vez mais intensa, o que se reflete nas publicações da *Revista Marítima Brasileira*, onde podemos notar uma intensificação de uma das seções presente desde a primeira formulação do periódico, a denominada ‘*Revista de Revistas*’, tratando de trazer trechos, discussões, debates, que foram publicados em periódicos militares pelo mundo, reunindo e traduzindo-os para a revista, fornecendo ao leitor, uma apanhado geral de informações sobre movimentação militar, diplomacia e conflitos que foram se concretizando durante o período.

Assim como muito que contribuíram com publicações na RMB, e que virariam figuras de importância para a construção da História Naval Brasileira, tais como o próprio primeiro diretor e fundador da *Revista Marítima Brasileira*, Sabino Eloy Pessoa, José Egydio Palha (redator da RMB e diretor da biblioteca da marinha no final do século XIX), Henrique Boiteux(historiador naval, diretor da biblioteca da marinha e da RMB em vários períodos), Lucas Alexandre Boiteux(historiador naval e da História da Marinha do Brasil), Didio Costa é o autor de obras muito referenciadas e apreciadas até os dias de hoje por pesquisadores e historiadores que trabalham com assuntos ligados a temáticas náuticas, destacando obras biográficas sobre Júlio de Noronha e Saldanha da Gama, e figuras históricas da própria instituição da Marinha, como Barroso, Tamandaré e Inhaúma; obras de contexto marítimo no país, como ‘*O Mar e o Brasil*’ e ‘*O Brasil e o Ciclo das Grandes Navegações*’, e uma de suas principais obras, publicadas em partes e bastante comentada em diversos artigos da RMB, ‘*Subsídios para a História Marítima do Brasil*’, dividida em nove volumes.

---

<sup>86</sup> GOMES, Ângela de Castro. *História e Historiadores*. A Política Cultural do Estado Novo. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

No final da década de 1930, é criada por decreto do Ministro da Marinha a Divisão de História Marítima do Brasil, em 1938, sendo diretamente subordinada ao Estado Maior da Armada, criada com função de catalogação de títulos e documentos existentes na Biblioteca e no Arquivo da Marinha, visando à escrituração da História Naval.<sup>87</sup> Essa divisão contava com o Comandante Didio Costa também em sua direção e servia como um dos principais produtores de artigos acadêmicos sobre História Marítima, que iam para publicações na *Revista Marítima Brasileira*, só sendo substituído em 1943, pelo então criado, Serviço de Documentação da Marinha (SDM), que tiraria de vez a publicação da RMB da subordinação da Biblioteca da Marinha. Com a criação do SDM, a Divisão de História foi transferida para este serviço com a denominação de Seção de História Marítima do Brasil, funcionando atualmente com a nomenclatura de Diretoria de Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha(DPHDM), organização militar responsável por gerir e administrar desde visitas culturais ao Museu Naval, à pesquisas feitas no arquivo da Marinha e também controlar a publicação da *Revista Marítima Brasileira*, bem como outras publicações da Marinha do Brasil, como a Coleção *História Naval Brasileira* e da história administrativa da Marinha .

---

<sup>87</sup> PARENTE, Paulo Andre Leira. *O Almirante Tamandaré através da Revista Marítima Brasileira: a construção da memória de uma instituição da Marinha do Brasil (1897-1950)*.Revista Navigator. V3, n. 6,Rio de janeiro,2007.p 61



## CAPÍTULO

### 2

#### **Falando sobre Guerra: debates conceituais, o romper da Grande guerra e o olhar da RMB sobre as forças militares navais do início do Século XX**

Como apresentado em nossa proposta de investigação ao longo desta pesquisa, a presente dissertação interessa-se particularmente, pela análise dos dois grandes confrontos bélicos que marcaram, até então, a História da Humanidade: as duas grandes Guerras Mundiais, e a construção de um entendimento acerca destes eventos através das abordagens vistas nas publicações do periódico militar *Revista Marítima Brasileira*. Na virada do século XIX para o século XX, a tensa situação diplomática e econômica entre as potências europeias conflou-se em um envolvimento massivo de diversos países, formando o intenso quadro dos eventos bélicos que eclodiram nas duas primeiras décadas desse século. Sem dúvida, o século XX se configura como um dos grandes momentos da História da humanidade, ao observamos por exemplo, o processo de desenvolvimento das capacidades e competências que homem alcançou em restrito período de tempo, se comparado aos séculos anteriores. A capacidade criativa e organizacional do elemento humano ao longo do século nos demonstrou um grande desenvolvimento em habilidades naturais de inovação, onde seu senso de percepção e uso de inteligências, mesmo que muitas destas atribuições tenham sido direcionadas para o campo da destruição, em um apogeu da intrínseca noção de barbárie do homem.

O historiador Eric Hobsbawn, ao escrever sua obra *Era dos Extremos: o Breve século XX*<sup>88</sup>, provavelmente tenha conseguido denominar com incrível precisão, o conturbado momento que a humanidade viveu no período. O adjetivo ‘*extremo*’ para o este século, é expressado na catástrofe de um período marcado pelos maiores eventos beligerantes da era contemporânea, sendo eles de âmbito globalizado ou regional, como o fenômeno Guerra e as suas conseqüências, marcando sua presença de maneira forte, trazendo consigo a problemática das relações entre as sociedades, naqueles particulares momentos. É o século dos maiores e mais intensos conflitos, e os mais desastrosos em questão de números de mortes provocadas pelas guerras, tendo como exemplo citadas pelo historiador, as quatro principais nesse quesito: a Primeira Guerra Mundial (1914-1918); a Segunda Guerra Mundial (1939-1945); a

---

<sup>88</sup> HOBBSAWN, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX(1914-1918)*. Companhia das Letras, 2008.p.14

Segunda Guerra Sino-Japonesa (1935-1945) e a Guerra da Coréia (1950-1953). Segundo o autor, a situação se agravou:

mas não apenas porque sem dúvida ele foi o século mais assassino de que temos registro, tanto na escala, frequência e extensão da guerra que o preencheu, mal cessando por um momento na década de 1920, como também pelo volume único das catástrofes humanas que produziu, desde as maiores fomes da história até o genocídio sistemático.<sup>89</sup>

Compreendemos então, o porquê do autor nomear em seu livro, o primeiro momento do século de *Era da catástrofe*, cuja delimitação se deu pela progressão exponencial que a crise de 1929 refletiu sobre economias em todo mundo, pelo período cronológico do acontecimento das duas grandes guerras, e pelas ondas revolucionárias promulgadas pelo sistema político econômico da URSS como alternativa para o sistema capitalista. Também foi o século, da inclinação de parcela da sociedade para a idolatria de líderes carismáticos e de discursos messiânicos, bem como da fomentação dos fascismos e o descrédito das democracias liberais. Hobsbawn ainda analisa o século XX, em mais dois períodos que se seguem, um chamado *A Era de Ouro*, advindo do pós guerra e da relativa sensação de paz que se presenciou nas décadas de 50 e 60, atestada por expansões econômicas, estabilização do capitalismo e de transformações sociais. E a última etapa, nomeada de *Desmoronamento*, alusão aos períodos dos anos 1970 e 1991, em que caem por terra os equilíbrios dos sistemas econômicos, tendo o capitalismo dos norte-americanos conseguido superar o socialismo soviético, através de um modelo de costumes e tecnologias que se expandiram através do fenômeno da globalização.

Acreditamos ser necessário para nosso segundo capítulo, abordar primeiramente um panorama conceitual sobre o conceito de Guerra, demonstrando selecionadas abordagens teóricas, de estudiosos que se entregaram às análises das particularidades dos conflitos bélicos ao longo da História, aos objetos do estudo militar e o as novas abordagens metodológicas do campo da História Militar, campo este atrelados à forma de se estudar o comportamento dos eventos militares com os aspectos sociais e políticos da sociedade. Posteriormente, observar o contexto histórico da eclosão da Primeira Guerra Mundial, a entrada estratégica dos Estados Unidos no conflito e a eventual declaração de Guerra, do Brasil com as potências inimigas, direcionando nosso olhar para o impacto desse evento para a Marinha do Brasil, observando

---

<sup>89</sup> HOBSBAWN, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1918)*. Companhia das Letras, 2008.p.30

sempre, a caracterização e a construção do imaginário do conflito através das publicações de artigos da *Revista Marítima Brasileira*.

## 2.1

### **Guerra: de abordagens conceituais aos debates do campo da História Militar**

Estou cansado e enjoado da guerra. A glória não é mais que a luz do luar. Somente aqueles que nunca deram um tiro, nem ouviram os gritos e os gemidos dos feridos, é que clamam por sangue, vingança e mais desolação. A guerra é o inferno". ( Gen. William Tecumseh Sherman)<sup>90</sup>

Se verificou ser de suma importância, utilizarmos essa parte de nosso capítulo, para nos situarmos na importante tarefa de tentar entender os objetivos, de se debruçar sobre os estudos das manifestações do evento Guerra, e todos os objetos relacionados à sua compreensão. Faz-se necessário de antemão, abordar uma síntese que sinalize em nosso trabalho, para a importância de se estruturar definições conceituais em busca de uma compreensão do objeto em discussão. Sobre este aspecto, Reinhart Koselleck nos diz:

Os conceitos não nos instruem apenas sobre o caráter singular de significados passados; a par disso, eles contêm possibilidades estruturais e simultaneidades como não-simultaneidades, as quais não podem ser apreendidas por meio da seqüência dos acontecimentos na história. Conceitos que abarcam fatos, circunstâncias e processos do passado...<sup>91</sup>

Nos direcionando para a chave de interpretações desta etapa da pesquisa, onde abordaremos em seu amplo sentido, o conceito de Guerra, buscamos poder enxergar diferentes abordagens, que ao longo dos estudos da História da humanidade, buscaram a compreensão e análise das conjunturas fatorias, das causas e das motivações presentes nos momentos de surgimento de guerras, ao longo do desenvolvimento natural das sociedades, buscando sempre dar nosso olhar de maneira atenciosa, às particularidades que transformaram o fenômeno Guerra, em um evento entendido como fruto de seu tempo, que ao mesmo passo

---

<sup>90</sup>Frase atribuída ao general William T. Sherman, que lutou no exército norte americano durante a guerra civil, citada no livro " " de Jerome Davis, Segunda edição, New York: Schuman,1952.

<sup>91</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.P.116

que se configura como amplo em suas definições teóricas, se faz restrito às especificidades de cada época em que tais conflitos foram conflagrados.

Em uma tida, concepção natural do fenômeno, ainda que não sendo unânime em consenso acadêmico, se encontra uma forma recorrente de olhar, que versa do imaginário do ser humano em seu meio social, sendo percebida assim desde a *Ilíada* de Homero, um dos primeiros registros narrativos detalhados de uma ocasião de Guerra, indo até os mais diversos e diferentes estudos da modernidade, onde, dificilmente foi concebido o entendimento da condição humana em sociedade, sem se observar a presença de momentos de conflitos e combates.

É perceptível para nós então, que durante a História da humanidade, a conceituação de Guerra se apresentou por diferenciações em suas estruturas de análise, originando ao longo do tempo, em diversificações em suas interpretações e ramificações em grupamentos de características de similaridade, que transformaram o conceito amplo, em conceitos derivados, numa visão mais particular para análises, como por exemplo visto nos desdobramentos, como o conceito de guerras civis, de guerras coloniais e de guerras ideológicas, para citarmos apenas alguns. Não devemos então, tratar a Guerra como uma caracterização absoluta, mas buscar entendê-la, tal como na visão de John Keegan, como ferramenta chave, instrumental e relativa, que vai se construindo pautada em uma metodologia rigorosa e própria, ser seguida pelo Historiador<sup>92</sup>.

Na concepção de Susana Poças de Carvalho, sempre que fazemos o exercício intelectual de tentar alcançar em definitivo o conceito de guerra, observamos que o mesmo, é muitas vezes resumido a uma simplista idéia de: disputa violenta entre grupos distintos de indivíduos, com determinada forma de organização, agindo isoladamente ou em coletivos. Para Susana, quando fazemos referência à gênese da guerra, torna-se necessário descrevê-la como um estado natural e uma herança do homem em evolução.<sup>93</sup> Se a violência é a lei da natureza, a hostilidade, a reação automática dos homens, então a guerra não seria nada mais do que a expressão dessas atividades praticadas coletivamente, que podemos expressar através das palavras de Rui de Azevedo Teixeira, em: “*A apoteose da violência é a guerra*”<sup>94</sup>.

Para nossa dissertação, buscamos nos diferentes modos de se interpretar a Guerra, uma visão que aborde as diversidades do objeto, tentando ao máximo, compreender como as

---

<sup>92</sup>KEEGAN, John. *A Batalha e a História*. Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro. 2006 p.10

<sup>93</sup>CARVALO, Susana Maria Poças de. *Dois olhares sobre uma guerra: A Costa dos Murmúrios*. Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses Interdisciplinares Universidade Aberta Lisboa, Outubro de 2008

<sup>94</sup>TEIXEIRA, Rui de Azevedo. *A Guerra e a Literatura*. Lisboa. Editora Vega, 2001.p.14.

guerras do século XX são entendidas no imaginário de ‘homens de guerra’, militares das forças armadas brasileiras enquanto agentes inseridos nestes eventos. No que tange a aproximação do fenômeno, com os quadros de avanços tecnológicos que as forças militares dispõem em momentos de eminentes confrontos, foco principal dos artigos da *Revista Marítima Brasileira* ao longo das primeiras décadas do século XX, e sobre todo o esforço gerado em pesquisas para evoluções dos mecanismos que visam uma superação técnica-militar e maximização do poderio bélico, Creverd compreende a Guerra, como um evento governado pelo artifício da tecnologia.<sup>95</sup> Ludolf, reconhece a importância da tecnologia na guerra, porém considera que: ‘foram inovações no campo da política que exigiram e liberaram o enorme progresso tecnológico nas armas a partir do século XIX.’<sup>96</sup> E nesta percepção de influência tecnológica nos assuntos do campo das relações internacionais, a compreensão acerca do fator tecnológico ganha profunda influência nas relações internacionais, levando assim diversos autores da Ciência Política a analisar o papel da tecnologia promoção da guerra ou da paz.<sup>97</sup>

Na visão de Kenneth Waltz, ao analisarmos a teoria sobre o rompimento do evento Guerra, devemos partir para o desenvolvimento intelectual de duas concepções, tendo na primeira e mais importante, a conclusão de que os fatores mais fundamentais nas causas de guerras são aqueles oriundos da natureza humana e seu comportamento. Nessa concepção, para Waltz, as guerras seriam fenômenos ocasionados da estupidez e do egoísmo Hobbesiano inerentes ao homem, sendo outras causas das guerras, secundárias e subordinadas a esses fatores, então naturalizados. Uma eventual eliminação da figura da Guerra nas sociedades, só passa a ser possível então, partindo da conclusão de uma necessária mudança no comportamento psicológico e entendimento do homem como ser e agente social, apontando a necessidade de se usar a análise política para complementar e organizar as descobertas dos fatores sociais e psicológicos, na compreensão das causas da Guerra. A segunda concepção de Waltz, está relacionada com a explicação das causas da Guerra a partir da organização interna dos Estados e a tentativa de estabelecer momentos de prosperidade corrigindo seus defeitos para se alcançar a paz.<sup>98</sup>

---

<sup>95</sup>CREVELD, Martin van. *Technology and War I*. In: TOWNSHEND, Charles(Org.). *The Oxford History of Modern War*. Oxford: Oxford University Press, 2000.p.195.

<sup>96</sup>WALDMANN Júnior, Ludolf.*Tecnologia naval e política* : o caso da marinha brasileira na era dos contratorpedeiros, 1942-1970. São Carlos,UFSCar, 2013.p16

<sup>97</sup>WALDMANN Júnior, Ludolf.*Tecnologia naval e política* : o caso da marinha brasileira na era dos contratorpedeiros, 1942-1970 São Carlos,UFSCar, 2013.P.21-25

<sup>98</sup>WALTZ, Kenneth N. *O Homem, o Estado e a Guerra: uma análise teórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.p.230.

Continuando por buscar entender o evento através de diferentes interpretações, temos a análise de Loureiro Santos, que também estabelece a Guerra por concepções naturalistas, como por exemplo, no que ele chama de noção cataclísmica, por onde se analisa e compreende a guerra como uma estática e inevitável catástrofe a ser enfrentada<sup>99</sup>. Para Santos então,

numa guerra real, há uma mistura de todas estas concepções.(...) A guerra, e portanto todas as armas que não são utilizadas, visam a paz, mas é uma paz que seja favorável aos vencedores. É isso que se pretende quando se parte para uma guerra..<sup>100</sup>.

Essa abordagem natural do fenômeno, também é vista pelo talvez mais reconhecido, e relevante no que tange assuntos estratégicos, teórico de guerra de todos os tempos, o general prussiano Carl Von Clausewitz (1780-1831), que teceu suas considerações iniciais sobre a guerra, em sua obra ‘*Da Guerra*’. Clausewitz, concebe a guerra como “*um ato de violência para levar o inimigo a fazer a nossa vontade*”. E sobre sua referida noção de violência, ainda comenta: “*a violência, ou seja, a força física (...) é, pois, o meio; a submissão compulsória do inimigo à nossa vontade é o objetivo último*”.<sup>101</sup> Suas concepções sobre a guerra, geraram as primeiras reflexões sobre o fenômeno em sua expressão moderna, visto por ele pela ótica de ferramenta para uso da política de Estado, e cuja estas análises vem oriundas de suas experiências pessoais com as guerras da Revolução Francesa e em conflitos contra os exércitos do General Napoleão Bonaparte, seu contemporâneo.

A violência e as sinalizações estratégicas que os embates napoleônicos exigiam, produziram um perceptível entendimento da estrutura e gênese do fenômeno nos textos de Clausewitz. Assim,

Afirmamos, pois, que a guerra não pertence ao domínio das artes e das ciências, mas sim ao da existência social. Ela constitui um conflito de grandes interesses, solucionado através de sangue, e é só por isso que difere dos outros conflitos. Seria melhor compará-la, mais que a qualquer arte, ao comércio, que também é um conflito de interesses e de atividades humanas; assemelha-se mais ainda à política, a qual, por sua vez, pode ser considerada, pelo menos em parte, como uma espécie de comércio em grande escala. Além disso, a política é a matriz na qual a guerra se desenvolve; os seus contornos, já formados de um modo rudimentar, escondem-se nela assim como as propriedades dos seres vivos nos seus embriões<sup>102</sup>

---

<sup>99</sup>SANTOS, Loureiro. Reflexões sobre Estratégia. Temas de Segurança e Defesa. Instituto de Altos Estudos Militares. Publicações Europa-América.2000.p. 204

<sup>100</sup>SANTOS, Loureiro. Reflexões sobre Estratégia. Temas de Segurança e Defesa. Instituto de Altos Estudos Militares. Publicações Europa-América.2000.p 205

<sup>101</sup>CLAUSEWITZ, Carl von. *Da Guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.p 3

<sup>102</sup>CLAUSEWITZ, Carl von. *Da Guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.p.127

A análise de Clausewitz da amalgama entre o campo político e a Guerra se tornou recorrente em observações em sua obra, bem como expressada em sua famosa máxima “*a guerra não é somente um ato político, mas um verdadeiro instrumento político, uma continuação das relações políticas [...] por outros meios*”<sup>103</sup>, em que a diferença entre os conceitos estaria apenas nos meios dispostos a serem utilizados. O general também comenta, sobre a característica marcante da representação da Guerra, que:

A guerra, então, é apenas um verdadeiro camaleão, que modifica um pouco a sua natureza em cada caso concreto, mas é também, como fenômeno de conjunto e relativamente às tendências que nela predominam, uma surpreendente trindade em que se encontra, antes de mais nada, a violência original de seu elemento, o ódio e a animosidade, que é preciso considerar como um cego impulso natural, depois, o jogo das probabilidades e do acaso, que fazem dela uma livre atividade da alma, e, finalmente, a sua natureza subordinada de instrumento da política por via da qual ela pertence à razão pura.<sup>104</sup>

Para Pascal Boniface<sup>105</sup>, o general prussiano enxergava a guerra como um instrumento a ser usado intencionalmente, e que a partir dessa interpretação, teria refletido sobre o viés político e racional em que se desenvolve o fenômeno, resultando em sua obra, na conclusão da agregação da política com a conflagração da Guerra em si, como já mencionado neste capítulo. Em outra abordagem sobre a conceituação do fenômeno, retornamos ao historiador inglês John Keegan, que abre sua obra, *Uma história de guerra*, com uma provocação aos que se guiam pela máxima de Clausewitz como absoluta em sua interpretação, afirmando no início de sua análise, que a guerra não seria a continuação da política por outros meios, mas sim uma questão que move e moverá interpretações de acordo com as mudanças sofridas pelas mentalidades e pelo mundo em geral<sup>106</sup>. A frequência de conflitos ocorridos, dos mais variados aspectos, trás percepções e obrigam o historiador a adotar metodologias diferenciadas para cada abordagem dos mais variados aspectos que abrangem esse conceito.

Entrando nos debates que cercam o conceito no que se refere às formas da História de se analisar e estudar os objetos que permeiam a Guerra, Nuno Teixeira delimita o lugar de privilégio que o conceito apresenta, estando o mesmo, presente nos primeiros trabalhos a serem considerados como produções de História, ainda pelos gregos da antiguidade, que projetavam em suas narrativas épicas, o que se tornou conhecido como História batalha<sup>107</sup> pela

---

<sup>103</sup>CLAUSEWITZ, Carl von. *Da Guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 2003p.27

<sup>104</sup>CLAUSEWITZ, Carl von. *Da Guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.p.30

<sup>105</sup>BONIFACE, Pascal. *Dicionário das Relações Internacionais*. Plátano Edições Técnicas. 1997. Lisboa.p.164

<sup>106</sup>KEEGAN, John. *Uma História de Guerra*. Companhia das Letras. 2006 pag 3.

<sup>107</sup>TEIXEIRA, Nuno Severiano. A história militar e a historiografia contemporânea. In: *Revista A Nação e a Defesa*. Lisboa: Instituto de Defesa Nacional, ano XVI, nº 59, 1991.

historiografia ocidental, onde esta seria um embrião de um campo inteiro de estudos da História, a chamada História Militar, outrora pautada em narrativas de grandes feitos e conquistas em batalhas, bem como voltada para a representação de biografia de grandes heróis militares, como generais e almirantes tidos como ilustres.

Como mostra Paulo Andre Leira Parente, devemos entender que o a Guerra se constrói por uma estrutura histórica, que é dinâmica no tempo das civilizações. Assim como a própria noção de História, o conceito não é homogêneo em todas as culturas, e cabe ao historiador da “nova historia militar”, não trabalhar o conceito como objeto fechado, mas sim, como um elemento histórico relativo e instrumental, pautado por uma metodologia específica pelo o que se almeja compreender.<sup>108</sup>

Para nós então, Guerra se configura como um fenômeno amplo, que foge do entendimento a priori de uma simples manifestação da natureza destrutiva e se configura em profundas análises de fatores sociais, políticos, ideológicos, inerentes ao entendimento psicológico do papel do homem em sociedade. Entender e estudar as guerras e conflitos da humanidade, deve ser feito transpondo as barreiras metodológicas já ultrapassadas do isolamento do objeto, visto que essa forma de se produzir uma História Militar, se substituiu por abordagens que utilizam da metodologia multidisciplinar nos campos da produção Histórica, tais como a História Política e Social, onde são tacadas análises de diferentes olhares e objetos que contextualizam o evento. Neste campo da produção de História, visando a abordagem da Historia Militar propriamente dita, Quincy Wright comenta a resignificação da Guerra por diferentes povos e culturas, baseada em quatro grandes causas: forças materiais; influencias racionais; instituições sociais e reações de personalidade<sup>109</sup>.

Se o estudo do fenômeno Guerra vem de longa tradição, de Homero, Heródoto e Tucídides, conseguimos há alguns anos, verificar uma significativa fomentação nas pesquisas acadêmicas, relativas à ao campo da história militar, muitas delas encontradas em produções acadêmicas brasileiras. Centenas de anos depois, e mesmo após a narrativa de batalhas continuar vigente em muitos trabalhos que se utilizam desse tema, o novo foco começou a permear sobre outras instâncias, se estendendo em suas abordagens ao analisar questões diplomáticas, relações internacionais e eventos políticos que re-significaram o *status quo* de

---

<sup>108</sup>PARENTE, Paulo Andre Leira. *A Construção de um nova História Militar*.Revista brasileira de História Militar.Ano1,Ed.Especial de lançamento, 2009. Disponível em <<http://www.historiamilitar.com.br/Artigo1RHBM0.pdf> .Acessado em : 05 de Maio, 2016.

<sup>109</sup>WRIGHT, Quincy. *A guerra*. Rio de Janeiro, Bibliex. 1988.p.159.



determinados períodos e governos, como por exemplo, os surgimentos dos fascismos no século XX.

Esta verificada multidisciplinaridade do estudo da História com outros campos das ciências humanas, principalmente a antropologia e Teoria Social a partir do século XX, fomentou para o surgimento de ferramentas para a análise e estruturas metodológicas dos campos da história, abrindo-se para novos objetos e temáticas que se aplicam à Historiografia em geral, ressignificando e inventando novas formas de compreender a relação dos indivíduos em sociedade, inclusive com a introdução da idéia de ‘cultura política’.<sup>110</sup>

Conceitos chave como, o papel social, o status, a mobilidade, a dinâmica e interação social, a estratégia, a função social e estrutura, ampliaram o espectro das pesquisas, na medida em que trouxeram novas questões, novos instrumentos analíticos e novas reflexões para os historiadores a partir de outras categorias.<sup>111</sup> Essa nova abordagem é bem apresentada por Morillo e Pavkovic em:

Nós, portanto, chegamos a uma definição ampla de história militar, que não abrange apenas a história da guerra e as guerras, mas que inclui qualquer estudo histórico em que os militares de todos os tipos, arte da guerra (a maneira pela qual os conflitos são na verdade disputados em terra, no mar e no ar), as instituições militares e as suas várias interseções com a política, economia, sociedade, natureza e cultura formam o foco ou tema do trabalho. Uma indicação óbvia de uma definição tão ampla é que muitos trabalhos de história militar poderiam ser classificados de várias formas como história política, econômica, institucional, intelectual, social ou cultural. Na verdade, a melhor história, militar ou não, necessariamente atravessa muito dessas fronteiras acadêmicas, a fim de apresentar uma visão do passado tão rica e profunda quanto possível. Na prática, a história militar foi beneficiada de avanços metodológicos e critérios derivados de outros subcampos da história, bem como de campos acadêmicos distintos, mas relacionados, tais como antropologia, sociologia e crítica literária.<sup>112</sup>

Neste contexto de renovação historiográfica, percebe-se também uma alteração profunda nos modos de compreensão e produção da História Militar. Atualmente denominada de uma Nova História Militar<sup>113</sup>. Como já menciona, desvinculando-se da temática exclusiva da guerra, essa nova corrente afasta-se da História Militar tradicional e abarca novos temas, novos objetos, novos, sujeitos, novos conceitos, novas abordagens. Como explica Soares e Vainfas:

---

<sup>110</sup>REMOND, Rene. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: UFRJ,1996.

<sup>111</sup>BURKE, Peter. *História e Teoria Social*. Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Unesp, 2002.

<sup>112</sup>MORILLO, Stephen; PAVKOVIC, Michael F. *What is Military History?* 2nd ed. Cambridge: Polity, 2013, p.4

<sup>113</sup>LOUREIRO, Marcelo. A produção da História Militar recente: Desafios e perspectivas. III Seminário de Estudos: Poder Aeroespacial e Estudos de Defesa.2014.

A nova história militar não apenas apresenta novos objetos para o seu campo de estudos, aproximando-a da história sociocultural e da história econômica, como também vem desenvolvendo novas abordagens investigativas, como a introdução desses novos objetos e, até mesmo, ao focalizar os temas clássicos estudados pelas gerações anteriores de historiadores <sup>114</sup>

Voltando nossa atenção para o cerne dos estudos desenvolvidos na Nova História Militar, vista já há algum tempo entre os historiadores militares americanos e brasileiros, e que justamente ganha força nesse processo de atualização dos campos do estudo da História ao longo do século XX<sup>115</sup>, encontramos explicações sobre o campo e a representatividade na historiografia militar brasileira no livro organizado por Vitor Izecksohn, Celso Castro e Hendrik Kraay, ‘*Nova história militar brasileira*’. Nesta obra, nos são apresentados trabalhos que não se limitam transcrever uma história descritiva e tradicional, mas sim, uma compreensão do fenômeno que se estende para além dos limites das batalhas, aproximando-se principalmente da teoria social e antropológica ao observar os fenômenos políticos, sociais, culturais e econômicos, que se coadunam, e seus impactos no convívio em sociedade, abordados pelos mais diversos aspectos de transmissão, e introjetados no dia a dia das populações que direta ou indiretamente alvos dos conflitos armados<sup>116</sup>.

Como o autor Russel F. Weigley defende, a referida Nova História Militar tem por função, promover novas considerações e relacionar a História Militar como parte da História geral, estabelecendo relações do âmbito militar como uma projeção ramificada da sociedade, entendidas em suas relações com o Estado e pelo próprio pensamento militar. Russel corrobora, ao entendimento já visto neste capítulo, do caráter agregador da História Militar, que não se prende ao estudo de estratégias e movimentações em batalhas, mas que com a utilização de recursos e metodologia em conjuntos a outros campos históricos, como o campo da História Política e História Social, se desdobra em análises diferenciadas de seus objetos<sup>117</sup>. Para o professor Marcos Sanches, a “nova” história militar é, portanto, profundamente interdisciplinar, envolvendo a sociologia, pedagogia, economia, ciência política, antropologia, filosofia, de acordo com cada tema ou problema, para conseguir dar conta da amplitude das questões tratadas<sup>118</sup>.

---

<sup>114</sup>SOARES, Luiz Carlos; VAINFAS, Ronaldo. 2011. *Nova História Militar*. In: C. CARDOSO; R. VAINFAS, Novos domínios da história. Rio de Janeiro: Campus-Elsevier, 2011.p 124

<sup>115</sup>ARCHER, Jones. *The Art of War in the Western World*. ed 1. New York: Oxford University Press.1987

<sup>116</sup>CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor; KRAAY, Hendrik(orgs).*Nova História militar brasileira* . Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2004.

<sup>117</sup>WEIGLEY, Russel F . *Novas Dimensões da História Militar*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

<sup>118</sup>SANCHES, Marcos Guimarães.*A guerra:problemas e desafios do campo da História militar brasileira*. Revista Brasileira de História Militar. n. 1, 2010 p 5-6

Observamos ainda, o rumo tomado pelos conflitos da História mais recente da humanidade, aqui analisados à luz das publicações da *Revista Marítima Brasileira*, e como eles nos fornecem novas abordagens para entender a base que o conceito de Guerra ganha ao longo de nossa contemporaneidade. Verificamos o início, com o século XX, de uma era onde se estabelece o conceito da guerra total, evento globalizado em suas instâncias, de caráter mundial em sua capacidade de dragar os países ao seu núcleo de envolvimento. Este, se configura como o surgimento de fenômenos militares muito mais organizados e motivados por ideologias do que puramente a essência conquistadora e expansionista do evento Guerra, como em outrora contemplado.<sup>119</sup>

A produção de conhecimentos, oriundos de ferramentas do campo da História Militar, vem se mostrando então, ao contrário do que muitos pensavam, não mais um domínio exclusivo dos intelectuais militares. O campo da história ganhou nova dimensão, ampliando seu restrito nicho de investigação de outrora, para abertura de múltiplos pontos em comum que são encontrados nos diversos ramos de conhecimento da História. Compreende também o estudo de aspectos institucionais do estamento militar e das relações entre civis e soldados, na paz e na guerra, do sistema militar forjado pela sociedade e as opções estratégicas e táticas adotadas em operações. Em suma, o estudo de História Militar apresenta tanto valor educacional como utilitário, permite compreender o estudo da guerra como um todo e relacionar suas atividades em períodos de paz.

A justificativa de demonstração de como entendemos o conceito e o englobamento de objetos que constroem o campo da Nova História militar, nos remete estritamente ao objetivo de nosso trabalho. Utilizamos da abordagem metodológica empregada ao tratamento de fonte impressa, da caracterização de um periódico como a RMB, para buscar uma compreensão da dinâmica dessa relações sociais, vieses políticos e estruturação do pensamento dos militares, alvo específico de leitores do periódico. Usamos então, a *Revista Marítima Brasileira* como fonte, para entender ao olharmos suas publicações, como se configurou e foi demonstrado ao longo do século XX principalmente, a essência do surgimento do evento guerra, transfigurado aqui sob a luz das duas grandes guerras mundiais. Abordaremos a diante, o romper da Grande Guerra, a eclosão da conhecida posteriormente por Primeira Guerra Mundial, buscando relacionar com os textos das páginas da RMB, para tentar entender, se há uma efetiva constatação do cenário internacional que se origina o evento e o papel das forças militares

---

<sup>119</sup>HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: breve historia do século XX(1914-1918)*. Companhia das Letras, 2008.p.29

brasileiras, dentro dele, para os personagens que compunham a Marinha de Guerra do Brasil, no momento da progressão deste conflito internacional.

## 2.2

### **O horror irrompe no Ocidente: panorama do processo de deflagração da Grande Guerra**

A guerra não é uma patologia que, com a devida higiene e tratamento, pode ser plenamente prevenida. A guerra é uma condição natural do Estado, que se estruturou de modo a constituir um instrumento eficaz de violência em nome da sociedade. É como a morte – embora possa ser adiada, virá quando tiver de vir e não pode ser evitada indefinidamente.<sup>120</sup>

O século XIX se finda, mesmo que tenha contado com conflitos isolados, visto que estes eventos não se transmutaram em proporções de perigo generalizado que despendessem o envolvimento massivo de nações, com relativa sensação de segurança internacional. Assim, a Primeira Guerra Mundial, se transfigura como evento que, originário na Europa e espalhado em escala global, estilhaça um momento de relativa paz geral.<sup>121</sup> Localizamos como uma exceção, o acontecimento relativo a chamada Guerra da Criméia, de 1854 à 1856, no sentido que se envolveram potências da Europa, tendo a França e a Grã-Bretanha, contra o Império Russo e sua tentativa em expandir seus domínios na região dos Bálcãs<sup>122</sup>. Na concepção do ideal neocolonialista<sup>123</sup>, observado na virada do século XIX para o XX, a Inglaterra e França primeiramente, sendo à Itália e Alemanha as ultimas potencias a se inserir no sistema, vivenciaram satisfatório momento de conquista e expansão territorial,<sup>124</sup> majoritariamente nas regiões da África e Ásia, sob luz das práticas políticas e econômicas imperialistas.

Hobsbawm, em *A Era dos Impérios* analisa a Primeira Guerra Mundial pelo viés de sua inserção no contexto político Europeu do início do Século XX, tendo, como grande

---

<sup>120</sup>BOBBIT, Philip. *A Guerra e a Paz na História Moderna*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2003 p.785.

<sup>121</sup>STEVENSON, David. *1914-1918: a historia da Primeira Guerra Mundial*. São Paulo, Ed. Novo Século, 2016.p.05

<sup>122</sup>HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: breve historia do século XX*. Companhia das Letras, 2008.p.31

<sup>123</sup> O termo Neocolonialismo, foi utilizado pelo líder ganês Kwane Nkrumah, em 1965 na obra *Neocolonialism: The last Stage of Imperialism* de 1967, como forma de compreensão de uma dominância político-econômica externa, que se instalava na África.

<sup>124</sup>STEVENSON, David. *1914-1918: a historia da Primeira Guerra Mundial*. São Paulo, Ed. Novo Século, 2016.p.07-08

“potencializador” de uma eminente Guerra, as políticas externas de alianças diplomáticas e formação de blocos militares, junto com as práticas colonialistas, entre as principais potências, responsáveis diretas pela deflagração do conflito, como visto:

...gradualmente a Europa foi se dividindo em dois blocos opostos de grandes nações. Tais blocos, fora de uma guerra, eram novos em si mesmos e derivavam, essencialmente, do surgimento no cenário europeu de um Império Alemão unificado, constituído entre 1864 e 1871 por meio da diplomacia e da guerra, às custas dos outros, e procurava se proteger contra seu principal perdedor, a França através de alianças em tempos de paz, que geraram contra-alianças. As alianças, em si, embora implicassem a possibilidade da guerra, não a tornavam nem certa nem mesmo provável<sup>125</sup>

Conquistas expansionistas já eram observadas ao longo do século XIX nestes territórios, tendo como grandes expoentes as já referidas potências da Inglaterra e França e por objetivo de fomentar as importantes transformações sofridas advindas da Revolução Industrial e de seus desenvolvimentos tecnológicos, importante para a economia capitalista que estava em crescimento nas potências Europeias, dependentes de recursos primários industriais, que neste momento em seus territórios eram limitados.

O equilíbrio de poder no continente europeu se mantinha preservado segundo o modelo estabelecido no Congresso de Viena,<sup>126</sup> cujo objetivo era restabelecer a paz nos pós guerras napoleônicas e a estabilidade política na Europa<sup>127</sup>. Neste contexto, o império britânico, ainda que não mais hegemônico sobre os demais Estados, se favoreceu de uma investida adiantada no processo de indução à industrialização, o que aumentou sua produção e conseqüentemente, expandiu seus mercados estrangeiros, marcando assim um relevante êxito estratégico e logístico no domínio de rotas marítimas, após então, conseguir a liderança do comer ultramarinho<sup>128</sup>.

A empreitada inglesa na hegemonia das linhas de comércio marítimo, não se constituiu frente ao acaso, mas sim, graças a efetividade prática de uma poderosa força militar naval, remetente às consagradas vitórias sobre as forças napoleônicas no século XIX, tendo como

---

<sup>125</sup>HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios*. 1875-1914. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2009p.431

<sup>126</sup>O Congresso de Viena decorreu na capital austríaca entre 11 de Novembro de 1814 e 9 de Junho de 1815, onde participaram os representantes de todos os Estados envolvidos nas guerras napoleônicas, com o objetivo de reestruturar os moldes do antigo regime e evitar novas revoluções, como as ocorridas na França.

<sup>127</sup>ZAMOYSKI, Adam. *Ritos de Paz: a queda de Napoleão e o congresso de Viena*. Editora Record, 2012.

<sup>128</sup>LESSA, Antonio Carlos. *História das Relações Internacionais: a pax britânica e o mundo no século XIX*, Petrópolis: Vozes, 2005.P.55

figura heroica principal, a persona do Almirante Nelson<sup>129</sup>, reconhecido entre outros feitos, por suas estratégias vitoriosas na Batalha de Trafalgar<sup>130</sup>. Se confirmaria assim, o que permaneceria em uma constante quase que indiscutível, ao longo do século XIX, à soberania da Marinha Real Britânica nos mares do mundo. Nas décadas finais daquele século, começava a se constatar um ruído conflituoso que colocava em desequilíbrio a situação entre os Estados Europeus, que se preservava de maneira eficiente desde as promulgações do Congresso de Viena. Esse desequilíbrio, foi fruto comprovado, do aparecimento das novas potências que se formavam na Europa, passadas por seus processos de unificação territorial e construção de identidades nacionais, a Alemanha e a Itália.

O caso Italiano se difere, pois é conhecido o seu atraso inicial em seu avanço industrial, comparando ao caso da Alemanha, pela Itália ser mais dependente em matéria-prima, e devido suas forças militares do período, não serem niveladas ao mesmo nível que de outros Estados Europeus. Tais características, fizeram a Itália se limitar em posicionamentos nos mercados comerciais, e ficar de fora da ‘‘corrida colonial’’. Em contrapartida, observando o Império Alemão, este, conseguiu se estabelecer ativamente no campo industrial, fruto de um desenvolvimento e modernização efetuado a curto tempo, que somados de forças militares bem estruturados e aparelhados lhe garantiu uma posição confortável em comparação com as tradicionais potências europeias que dominavam os mercados, conseguindo ingressar no sistema colonialista e disputar territórios e mercados nos continentes da África e Ásia<sup>131</sup>. Também se deve lembrar que a França, após perder a Guerra de 1871<sup>132</sup>, foi obrigada a pagar uma grande indenização à Alemanha, de acordo com o Tratado de Frankfurt<sup>133</sup>, e ceder as províncias da Alsácia e da Lorena, donas de grande quantidade de carvão e minério de ferro, o que favoreceu o mencionado processo de desenvolvimento industrial, mas, fez se gerar também um mal-estar diplomático, que intensificaria pelo território Europeu, no vindouro século XX.

---

<sup>129</sup>Horatio Nelson promulgou padrões que até hoje são adotados como referência pela Marinha Real e diversas outras pelo mundo. Comandou uma frota vitoriosa nas batalhas do Cabo de São Vicente, Nilo e Copenhague, e no Mediterrâneo superou uma armada franco-espanhola na decisiva Batalha de Trafalgar (1805).

<sup>130</sup>LIGHT, Kenneth. *Trafalgar 1805: um mundo em transformação*. In: VIDIGAL, Armando; ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. (orgs.). *Guerra no mar: batalhas e campanhas navais que mudaram a história*. Rio de Janeiro: Record, 2009, p.180.

<sup>131</sup>DOPCKE, Wolfgang. *Apogeu e colapso do sistema europeu (1871-1918)*. Brasília: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, 2001

<sup>132</sup>A guerra franco-prussiana foi um conflito armado envolvendo a França contra um conjunto de estados germânicos liderados pela Prússia, que se desenrolou entre 1870 e 1871. Em sua origem estava a política desenvolvida pelo chanceler prussiano Bismarck, com a intenção de unificar a Alemanha.

<sup>133</sup>O Tratado de Frankfurt foi um acordo firmado no dia 10 de maio de 1871, em Frankfurt, entre o império alemão e a França, que restabeleceu a paz após a Guerra Franco-Prussiana.

Vemos assim, que como resultante desse clima de rivalidades e atritos internacionais que pairava no cenário internacional Europeu, naturalmente as potências buscaram estabelecer acordos diplomáticos e firmar acordos e alianças militares, como na conhecida Tríplice Aliança (1882), e posteriormente, também a constituição da chamada Tríplice Entente (1907). O Império Alemão se encontrava de um lado, que temia um estado de isolamento geográfico e político forçado pelas potências rivais, desenvolveu acordos com a Áustria-Hungria e a Bulgária, formando o bloco militar conhecido como Tríplice Aliança. Em contrapartida, do outro lado dos poderios militares, potências como a França, Inglaterra e Rússia estabeleceram acordos de aliança militar fragmentadas em pares, formando a Entente anglo-francesa, a Entente anglo-russa e uma última, a Entente franco-russa, constituindo assim o bloco militar conhecido por Tríplice Entente.<sup>134</sup>

Com o adentrar do século XX, é notável o desequilíbrio existente entre as potências da Europa, que se intensificam em disputas políticas e territoriais, pela influência no mercado estrangeiro e articulado sob a luz da corrida armamentista que se intensifica, no fomento de investimentos feitos nas forças militares. Além das desavenças provocadas pelo fim da Guerra Franco-prussiana, haviam também, outras tensões políticas que iam gradativamente se espalhando pelo território europeu, e já enunciavam uma eventual divergência generalizada. Tensões essas, como vista na situação, onde a Inglaterra pretendia expandir sua esfera de influência sobre o Oriente Médio, sob dominação Turco-Otomana, Áustria-Hungria e Itália disputavam o domínio sobre o Mar Adriático e a crise dos Bálcãs<sup>135</sup>, o ‘barril de pólvora da Europa’, desde 1908, quando o Império austro-húngaro resolveu anexar ao seu território às províncias turcas da Bósnia e da Herzegovina, localidades que vinham sendo cobiçadas pela Sérvia, e a Rússia.<sup>136</sup> Ao comentar sobre a Sérvia, é necessário observar que o nacionalismo sérvio estava relacionado com a idéia do pan-eslavismo, o qual se baseava no entendimento de que todos os eslavos da Europa Oriental eram pertencentes a uma grande nação, tendo o protetorado da Rússia. Após montarmos este panorama geral sobre as tensões existentes, nesse cenário conflituoso em que pairavam o sentimento de insegurança, percebemos a estruturação do clima de desenvolvimento do militarismo e nacionalismo extremista, e é nesse clima, que o irreversível conflito foi enfim deflagrado, após ocorrer o assassinato do herdeiro do trono austro-húngaro, o Arquiduque Francisco Ferdinando, em 28 de junho de 1914, quando este estava em visita à cidade de Sarajevo na Bósnia. O caso foi promulgado como o

---

<sup>134</sup>HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios. 1875-1914*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2009.p.281

<sup>135</sup>SONDHAUS, Lawrence. *A Primeira Guerra Mundial*. São Paulo: Contexto, 2013.

<sup>136</sup>HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios. 1875-1914*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2009.p.295

estópim necessário para que o império austro-húngaro agisse contra a Sérvia, e assim, se iniciasse o conflito armado na Europa e as deflagrações oficiais de Guerra.

Com a Guerra anunciada, e acionadas as políticas de alianças militares citadas anteriormente, rapidamente foram envolvidas as grandes potências que, por serem detentoras de regiões coloniais e potências no mercado internacional atraíram para o conflito outros países de distantes regiões, marcando assim o início da Primeira Guerra Mundial, conflito que se estenderia até o ano de 1918.<sup>137</sup>

### 2.2.1

#### **O envolvimento brasileiro no conflito: breve exposição sobre o cenário nacional**

No virar do século XX, em meio aos eventos que transcorriam entre as grandes potências no cenário mundial, em âmbito nacional o Brasil ainda remoia as duras conseqüências de seu envolvimento no prolongado confronto contra os vizinhos do Paraguai.<sup>138</sup> Além disso, havia a situação delicada, fruto das dificuldades econômicas em que mergulhou o Império em decorrência do processo de abolição da escravatura e fim da economia escravista, e do orçamento custoso que foi despendido para financiar a Guerra contra os paraguaios, o que forçou o governo brasileiro a reduzir gastos, os quais foram limitados principalmente nos setores militares.

Com essa situação, houve insatisfação dos militares que sentiam-se desprestigiados e deixados de lado pelos governantes, mesmo após a vitória brasileira na Guerra, que despendeu de sacrifícios nos campos de batalha em defesa do Império do Brasil. Esta situação delicada de insatisfação do comando militar, gerou forças aos movimentos republicanos que eclodiam, contrários a administração monárquica.<sup>139</sup> Já em momento posterior a proclamação da República, movimentado por uma inicial instabilidade política nacional, a dinâmica interna se estabilizou e a política externa brasileira teve progresso, a partir da entrada de José Maria da Silva Paranhos Junior, o Barão do Rio Branco, frente à situação nacional.<sup>140</sup> Tendo uma gestão eficiente para com os interesses particulares do Brasil, o Barão do Rio Branco teve

---

<sup>137</sup> FERRO, Marc. *História da Primeira Guerra Mundial 1914-1918*, Rio de Janeiro, 1990.

<sup>138</sup> Para maior aprofundamento sobre a Guerra do Paraguai, indicamos o livro “Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai”, de Francisco Doratioto.

<sup>139</sup> BORIS, Fausto. *História do Brasil*, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.p.196

<sup>140</sup> BORIS, Fausto. *História do Brasil*, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004 .p.137-139



como principais pontos característicos de sua administração, o anseio pela preservação da soberania nacional, visando projetar medidas para soluções problemáticas relacionadas, dentre outros motivos, à demarcação de fronteiras, e a projeção do país no cenário internacional, de interesse nacional. Em conjunto com às mudanças visíveis promovidas pela ascensão dos Estados Unidos à categoria de potência mundial em plena ascensão contínua, o prestígio de Rio Branco, permitia a ele autonomia na concepção e execução de uma política exterior que fosse complexa e eficiente, ao operar com forças e interesses diversos nas problemáticas acerca situações fronteiriças e de demarcações.<sup>141</sup> O Barão do Rio Branco passou então, a fomentar uma aproximação do Brasil aos Estados Unidos, já que no contexto geopolítico sul-americano, o Brasil passou a ser visto como representante dos interesses dos Estados Unidos na região. Para os interesses do Brasil, essa aproximação privilegiada como aliança externa era concebida em um contexto de tentativa de obtenção também de uma hegemonia continental, na qual o Brasil teria a proeminência na América do Sul.<sup>142</sup> Esta política de flerte diplomático com os Norte Americanos implicava no alinhamento do Brasil aos preceitos da Doutrina Monroe, pela qual competiam aos Estados Unidos zelar pela ordem e manter a paz nas Américas, garantindo uma situação de defesa territorial do continente americano frente às possíveis agressões Europeias. Após a deflagração da Primeira Guerra Mundial em 1914, o Brasil se posicionou como neutro ao conflito e no primeiro pronunciamento como presidente da República ao Congresso Nacional, em 1915, o Presidente Wenceslau Braz preserva a situação de neutralidade do Brasil no conflito que se desencadeava na Europa.<sup>143</sup> O distanciamento geográfico dos países em conflito, as crises políticas, financeiras e econômicas por que passava, seu atraso tecnológico e industrial e a fragilidade de suas instituições militares, conduziam o Brasil a se restringir à sua política interna e ao contexto regional sul-americano.

No cenário de fomento do campo da intelectualidade e política do Brasil, observamos em março de 1915, a criação do que ficou conhecido por “Liga Brasileira pelos Aliados”<sup>144</sup>, no estado do Rio de Janeiro, se tratando de uma associação que contava com o apoio das nações aliadas, que por meio de cartas, mantinham contato e enviavam correspondentes para

---

<sup>141</sup> BUENO, Clodoaldo . *Política Externa da Primeira República*. Os anos de apogeu: de 1902 a 1918, São Paulo: Paz e Terra, 2003. p25

<sup>142</sup>HERNANDES, Pablo Santos. *Cinema e Política da Boa Vizinhaça: a expedição de Walt Disney ao Brasil*. 2015. 168 paginas, Dissertação de mestrado- Unirio.p.50

<sup>143</sup>BRAZ, Wenceslau. Mensagem Presidencial apresentada ao Congresso Nacional em 1915. Disponível em:<<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/wenceslau-braz/mensagens-ao-congresso/mensagem-ao-congresso-nacional-na-abertura-da-primeira-sessao-da-nona-legislatura-1915>. p9. Acessado em 15 de junho de 2016.

<sup>144</sup>VINHOSA, Francisco Luiz Teixeira .*O Brasil e a Primeira Guerra Mundial*, Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1990.

auxiliar os membros da Liga. Essa Liga reunia entre os nomes de seus membros, importantes figuras do cenário político e cultural do momento, além de contar com a participação de importantes nomes da intelectualidade brasileira, como Coelho Neto, Graça Aranha, Rui Barbosa, Antônio Azeredo, Pedro Lessa, Félix Pacheco, dentre outros nomes que figuravam na lista de pertencentes à rede de sociabilidade da referida Liga<sup>145</sup>. Além de preservar as diretrizes de apoio a causa Aliada no cenário internacional, ali eram celebradas, por exemplo, festas e concertos com o intuito de arrecadar fundos para os soldados que estavam no front e contribuições para a Cruz Vermelha. Um dos fatores determinantes para que a população dos grandes centros urbanos tomasse algum posicionamento quanto à causa aliada foi a forte influência européia, principalmente francesa, e a atuação da imprensa fluminense, como propagandista de qual lado dos países beligerantes o Brasil deveria apoiar e formador da opinião pública.

Logo, foram sentidas e percebidas no Brasil, as conseqüências do prolongamento do conflito, atingindo majoritariamente num primeiro momento, o campo econômico nacional, pois os países beligerantes, já não realizavam com a freqüência e intensidade de outrora, suas compras de sacas de café, que era o principal produto de exportação do país, além disso, o Brasil vinha sofrendo com a diminuição da importação de manufaturados. Essa situação se agrava com a proibição de se importar café, imposta pela Inglaterra em 1917, quando esta passou a considerar que o espaço de carga nos navios era necessário para produtos mais vitais, por causa das grandes perdas causadas pelos afundamentos de navios mercantes pelos alemães. Assim, ocorre a diminuição de arrecadação das vendas, os preços de manufaturados e dos combustíveis aumentaram e a sociedade sofria com essas oscilações econômicas.

Estas observadas dificuldades de comércio com a Europa, abriu amplas oportunidades para a entrada de produtos norte-americanos, possibilitando assim o crescimento dos Estados Unidos e lhe colocando como principal parceiro econômico das nações latino-americanas, especialmente do Brasil.<sup>146</sup> Outra implicação da guerra que afetou negativamente a economia brasileira do período, foi a crise que atingiu o setor nacional dos transportes marítimos, devido à falta crescente de navios de comércio e aos riscos que as embarcações corriam, com a navegação para o exterior, o que dificultou ainda mais a exportação do café, limitando seus

---

<sup>145</sup>PIRES, Livia Claro. *Pela nação e civilização: a Liga Brasileira pelos Aliados e o Brasil na Primeira Guerra Mundial*. Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH-Rio. Rio de Janeiro, jul. 2012

<sup>146</sup>VINHOSA, Francisco Luiz Teixeira. *O Brasil e a Primeira Guerra Mundial*, Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1990.p175-177.

mercados consumidores. O reconhecimento do estado de guerra com o Império Alemão se deu após o torpedeamento do vapor brasileiro *Macau* e do aprisionamento de seu comandante.

É então posta em vigor, lei que foi sancionada em 16 de novembro de 1917, e proibia, aos alemães no Brasil, todo tipo de comércio mantido com o exterior, bem como o transporte de carga inimiga em navios nacionais e a remessa de fundos para o exterior. Foram cassadas as licenças para o funcionamento de companhias de seguro e bancos alemães em vigência no Brasil<sup>147</sup>. Apesar das pressões exercidas pelos Estados Unidos e países europeus, como Reino Unido e França, com os quais o país mantinha estreitas relações comerciais, o Brasil conseguiu manter-se neutro até 1917, ano em que a pressão externa somada aos já comentados fatores de origem interna, levaram o Brasil a entrar na Grande Guerra, sendo o único país sul-americano a se envolver oficialmente no conflito.

Tal entrada na Primeira Guerra Mundial envolveu questões de interesses econômicos, políticos e também por ter uma relação de “dependência” comercial com os países europeus e o mercado norte americano. A versão oficial registra, que o Brasil ingressou na guerra devido afundamento de seus navios mercantes por submarinos alemães, sendo feita assim, a declaração do estado de guerra contra a Alemanha. O presidente Wenceslau Braz sancionou o reconhecimento do Brasil em estado de guerra, em concordância com os países do bloco militar da Entente.<sup>148</sup>

O Brasil revogou sua neutralidade em favor da França, Rússia, Grã-Bretanha, Japão, Portugal e Itália em junho de 1917, reconhecendo o estado de guerra no mês de novembro daquele ano e, no que tange a presença da força naval no conflito, enviando uma Divisão Naval em Operações de Guerra em maio de 1918. Seguindo no viés militar, é notável que ao eclodir a guerra na Europa, o Brasil mantinha relações bastante cordiais com os principais países beligerantes, como a Alemanha, que era seu principal parceiro comercial, seguida pela Inglaterra e depois França.

A maior expressão da participação da Marinha de Guerra do Brasil brasileira na Primeira Guerra ao lado de suas potências aliadas, consistiu no envio de uma divisão naval, sob o nome de Divisão Naval em Operações de Guerra (DNOG), com comando geral do contra-almirante Pedro Max de Frontin, com destino à Europa em 16 de maio de 1918. Outras providências tomadas pelo governo brasileiro foram o envio de nove oficiais aviadores da

---

<sup>147</sup>VINHOSA, Francisco Luiz Teixeira - *O Brasil e a Primeira Guerra Mundial*, Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1990, p.124

<sup>148</sup>PIRES, Livia Claro. *Pela nação e civilização: a Liga Brasileira pelos Aliados e o Brasil na Primeira Guerra Mundial*. Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH-Rio. Rio de Janeiro, jul. 2012

Marinha e do Exército para auxiliar nos combates aéreos, e de uma missão chefiada pelo deputado e médico Nabuco de Gouveia, à França, e sendo composta de médicos-cirurgiões que, auxiliados por um corpo de estudantes e de soldados do Exército, configuravam o Hospital do Brasil, para o tratamento de feridos de guerra. Apesar de uma atuação inexpressiva militarmente, o Brasil foi o único país da América do Sul a participar do conflito, o que garantiu sua presença na Conferência de Paz, que seria realizada em 1919 em Versalhes, e na organização da Liga das Nações.

Entendemos, que a melhor contribuição do Brasil, que seus aliados esperavam na guerra, se baseava no na condução de sua econômica nacional, agindo para evitar a importação de artigos essenciais e fomentar consideravelmente a exportação de gêneros de primeira necessidade. A participação ofensiva militar brasileira na guerra não era num primeiro momento esperada acontecer, em razão, da conhecida internacionalmente, fragilidade desta expressão do poder nacional. Porém, a necessidade de contribuir com o esforço bélico aliado na tentativa de justificar sua pretensão de se posicionar entre as grandes potências nas conferências de paz levou o Brasil a adotar diversas iniciativas subsidiárias, como abertura dos portos nacionais à Marinha estadunidense, bem como as missões de patrulhamento conjunto pelas Marinhas do Brasil e dos Estados Unidos ao longo do Atlântico Sul, além do envio, da já comentada aqui, divisão naval para colaborar no patrulhamento da costa ocidental africana, ao longo do estreito de Gibraltar.<sup>149</sup>

A DNOG, escalada para lutar nos mares europeus, era composta com os melhores meios de que dispunha a Marinha de Guerra do Brasil, naquele período: os cruzadores *Rio Grande do Sul* e *Bahia*, os contratorpedeiros *Piauí*, *Rio Grande do Norte*, *Paraíba* e *Santa Catarina*, o navio-auxiliar *Belmonte* e o rebocador de alto-mar *Laurindo Pitta*. O almirante Frontin, determinou a partida dos navios à medida que ficassem prontos e foram necessários cinco meses de intensos preparativos para que os primeiros navios da DNOG tivessem condições de deixar o porto do Rio de Janeiro. Sairam inicialmente os contratorpedeiros *Piauí* e *Paraíba*, em maio de 1918, rumando em direção à Salvador, e no dia 09 de maio zarparam os contratorpedeiros *Rio Grande do Norte* e *Santa Catarina*. Os cruzadores *Rio Grande do Sul* e *Bahia* deixaram a cidade do Rio de Janeiro em 11 de maio. Somente dois meses após a saída dos primeiros navios, o navio-auxiliar *Belmonte* e o rebocador de alto-mar *Laurindo Pitta* deixaram o porto do Rio de Janeiro, respectivamente a 06 e a 08 de julho de 1918.

---

<sup>149</sup> VINHOSA, Francisco Luiz Teixeira - *O Brasil e a Primeira Guerra Mundial*, Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1990.

## 2.3

### **As forças navais no início do Século XX, e as perspectivas de um periódico militar**

No momento da virada do século XIX para o XX, *Revista Marítima Brasileira* se preservava, à distancia de qualquer tomada de posicionamento que pudesse emitir, conflituosa idéia com o posicionamento da instituição militar referente ao processo político de transição para o modelo republicano. A RMB, se manteve constante em sua estrutura temática, de pautar majoritariamente em assuntos específicos ao âmbito marítimo e naval, priorizando ainda por assuntos de ordem técnicos militares. A representação de observações sobre o contexto político brasileiro, excluindo quanto a participação em conflitos, teve sua primeira menção, em artigo sobre o novo modelo estrutural que estava por emergir no final dos Oitocentos no Brasil. Na edição de 1890 sob direção geral do então Capitão Tenente Carlos Vidal de Oliveira, há a presença de artigo, com caráter oficial e informativo, tratando sobre as alterações ocorridas no quadro estrutural de oficiais da Marinha do Brasil.

O artigo “*Reforma Compulsória*” foi escrito, pelo já Vice Almirante, Eduardo Waldenkolk e trata de tecer elogios à nova promulgação de lei, posta em pratica por Marechal Deodoro da Fonseca, no comando do governo provisório, onde este instituía a reforma por limite de idade para os oficiais combatentes, o que na concepção do almirante Waldenkolk: “*atendeu ás duas mais palpitantes necessidades da marinha de guerra – emulação aos moços, descanso e confoto aos cansados servidores da Pátria*”.<sup>150</sup> Para o autor ainda, essa medida foi “*a pagina de ouro do primeiro ministro da marinha dos Estado-unidos do brazil*”, marcando um indicativo promissor para o que era esperado de melhorias e necessidades para a Marinha do Brasil, com uma gestão do governante de origem militar.

Podemos verificar, ainda nesta edição, alusão à um nítido posicionamento político republicano, o que estaria em afirmativa, para as constantes insatisfações e desmotivações das forças militares para com o governo do império, já comentadas em nosso trabalho. No artigo, o autor se refere ao papel do *Club Naval* como ambiente de convergência do apoio das forças navais do Brasil ao projeto republicano e na confiança que os oficiais tinham em melhorias

---

<sup>150</sup> WANDENKOLK, Eduardo. *Reforma compulsória por limite de idade*. Revista Marítima Brasileira. Anno 9, volume 17, 1890.p.18

que viriam a partir da instauração deste novo modelo de governo, o que demonstra uma discrepância com o discurso de posicionamento político do editorial de se manter nulo frente posições ideológicas políticas, e do próprio projeto do *Club*. Nas palavras do autor do artigo:

Quando a historia estudar com calma os acontecimentos que precederam e motivaram o advento da Republica, ver-se-há que o Club Naval sempre foi um centro de propaganda republicana, um núcleo de opposição às forças ainda vivas do regimen monarchio : a maioria de seus membros foi obreira consciente da demolição do throno.<sup>151</sup>

O *Club Naval*, foi fundado em 1884, por jovens oficiais da armada, como uma forma de estreitar laços entre os militares em um ambiente de sociabilidade, visando promover a troca de conhecimento profissional, bem como, proporcionar incentivo a leituras, com a criação de uma biblioteca própria e seu desenvolvimento intelectual. Os assuntos que versavam sobre questões internas da Marinha como Instituição, como questionamentos políticos, seriam tratados nas regras gerais de seus colaboradores por: ‘*são naturalmente analisadas pela critica científica, imparcial como deve sempre ser, sem opinião preconcebida*’.<sup>152</sup>

O Século XX surge, e num inicial momento, observamos que a *Revista Marítima Brasileira* mantém, sua vigente estrutura editorial, não alterando a relação dos assuntos tratados pelo periódico, que versavam sempre, para o já citado teor ao âmbito marítimo e naval, sobre assuntos técnicos militares, e ainda, artigos estritamente de caráter informativo de ordem militar, incluindo breves biografias e homenagens a seus heróis militares, da Guerra da Paraguai. Sobre os avanços nos investimentos navais e tecnologias novas, a Marinha Brasileira ficava para trás se comparado a potências europeias com tradição marítima, contando com equipamentos defasados e antigos, remanescente do conflito com os paraguaios e que não foram substituídos ou aperfeiçoados devido problemas com investimento nos setores industriais navais. A Marinha brasileira das primeiras décadas do XX, ainda estava se recuperando dos momentos difíceis vividos durante a Revolta da Armada de 1894, tanto materialmente como politicamente. No período, foram adquiridos os seguintes meios navais:

---

<sup>151</sup>FREITAS.Carlos Vidal de Oliveira. *Club Naval*.Revista Marítima Brasileira.Rio de Janeiro, volume 17, 1890.p.177.

<sup>152</sup>ANONIMO. *Noticias Várias: Club naval*. Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, volume 8.,1890.p.213.

um cruzador pesado, três cruzadores torpedeiros e dois encouraçados guarda-costas. Esses navios juntaram-se a uma Esquadra bastante ultrapassada<sup>153</sup>.

Como observou o vice-almirante Armando Vidigal, a respeito do final do século XIX, “Definitivamente, países que não se industrializaram estavam afastados, de maneira irremediável, da condição de grandes construtores navais e, (...) conseqüentemente, da possibilidade de disporem de um poder naval de alguma expressão real.”<sup>154</sup> Há, uma perceptível disparidade de tecnologias entre as marinhas Brasileira e Norte Americana, notada por exemplo, no artigo exposto durante edição da RMB de 1901<sup>155</sup>, sob título de “*Canhão norte-americano de 16 polegadas (40'',6)*, que trata-se de uma análise, do mencionado armamento, utilizado há algum tempo, pelos norte americanos na defesa de seus portos. O autor A. Ferraz, Capitão Tenente e engenheiro naval, observa um favorável momento econômico dos Estados Unidos, que contava com recursos financeiros importantes para serem usados em suas artilharias e forças militares, frutos de uma indústria bélica prospera, conseguindo inclusive rivalizar em igual eficiência com as das potências européias do mesmo período.<sup>156</sup> Consta ainda no texto, uma observação sobre a situação brasileira, em:

Nossa pátria não póde, sobretudo ainda em transe de uma dolorosa reconstituição financeira, fazer os mesmos prodígios. Póde, entretando, aspirar que alguma coisa se faça, mais modesta embora, mas que seja de algum modo digna de sua importancia como nação. Nossas fortalezas, referimo-nos às de marinha, estão em tão desolador estado, sob o ponto de vista de suas artilharias, que seu rearmamento é, de todo o ponto urgente e inadiável.<sup>157</sup>

A situação armamentista da Marinha de Guerra do Brasil se mostrava delicada, na medida em que circulavam informações, atestando sobre o estado dos Arsenais, sem equipamentos, fruto de cortes realizados em 1899, quando foram demitidos mil e quatrocentos operários do Arsenal do Rio de Janeiro, pois seus salários não haviam sido contemplado no orçamento, e que não seria possível desenvolver projetos de construção de navios, pois as

---

<sup>153</sup> ARAUJO, JOHNY. *A construção do Poder Naval brasileiro no início do século XX: dos programas navais à grande guerra (1904-1917)* Revista Navigator n°2, Rio de Janeiro, 2005.p. 72

<sup>154</sup> VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. *A evolução do pensamento estratégico naval brasileiro*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército, 1985.p.45

<sup>155</sup> FERRAZ. A. *Canhão norte-americano de 16 polegadas(40'',6)*. Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, Anno 10, volume 12.p.60

<sup>156</sup> FERRAZ. A. *Canhão norte-americano de 16 polegadas(40'',6)*. Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, Anno 10, volume 12.p.62-64

<sup>157</sup> FERRAZ. A. *Canhão norte-americano de 16 polegadas(40'',6)*. Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, Anno 10, volume 12.p.65

atividades deste arsenal ficaram perto de totalmente paralisadas, limitadas, à exceção de atualizações e aperfeiçoamento de material<sup>158</sup>

Mesmo sem uma eminência de conflito armado, os artigos da RMB demonstram, um pensamento homogêneo entre seus autores, que parecem compreender uma necessidade de uma organização de segurança efetiva, como nos exemplos estrangeiros que fomentam suas industriais bélicas ainda em tempos de paz, se preparando para eventuais conflitos ou mesmo para se manter em ordem com os preceitos das estratégias militares, principalmente as de cunho marítimo.<sup>159</sup> Nesta resolução, o chamado domínio do mar, resulta em importante aporte estratégico ao abarcar em seus objetivos, o de tomar possível o estabelecimento de comunicações de forma relativamente fáceis, desimpedidas e baratas entre regiões não contíguas e distantes, e de sustentar em seu cerne, inestimáveis recursos econômicos, como os bens de natureza biológica, mineral e energética, seguindo a fórmula sustentada por Alfred Mahan, em que o domínio do mar conduz à riqueza em tempo de paz e à vitória em tempo de guerra.<sup>160</sup>

Depois de grandes debates nos meios políticos, foi aprovado o decreto número 1.296, de 14 de dezembro de 1904, autorizando uma série de medidas para a modernização da Marinha, como a autorização de reformas nos prédios do arsenal, investimentos na Escola Naval e pedidos de construção de embarcações de guerra, tais como os da classe dos monitores.<sup>161</sup> O ministro Júlio César de Noronha, deu início ao movimento de reformas, com a elaboração do programa naval de 1904. Este programa, foi apresentado em um momento onde as expectativas do governo se alteravam. Ao final do governo Campos Sales mais de um milhão de imigrantes haviam entrado no país, e os investimentos estrangeiros voltaram a fluir, momento propício para a reorganização das forças armadas brasileiras. Nos dois primeiros anos do novo governo, o Ministro Júlio César de Noronha foi responsável por formular um diagnóstico acerca a Marinha de Guerra e propôs, um plano de reorganização naval. Em 1902, ele já havia constatado que:

(...) o nosso material flutuante está tão empobrecido que nem sequer conta uma verdadeira unidade de combate, na moderna acepção do termo. Efetivamente,

---

<sup>158</sup> BRASIL. MINISTÉRIO DA MARINHA. Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Contra-Almirante J. Pinto da Luz, Ministro de Estado dos Negócios da Marinha. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900 p.59

<sup>159</sup> VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. *A evolução do pensamento estratégico naval brasileiro*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército, 1985.p.59-62.

<sup>160</sup> CARVALHO, Virgílio de. *A importância do Poder Naval em Tempo de Paz*. Revista Defesa e Nação. Instituto de Defesa Nacional, ano iv, nº 12.p.93.

<sup>161</sup> ANONIMO. *Ministério da Marinha: expediente da terceira seção*. Revista marítima Brasileira. Anno 24, nº 7, 1905.p.1399.



exceção feita dos guarda-costas Deodoro e Floriano, do cruzador Barroso e dos cruzadores torpedeiros Timbira, Tupi e Tamoio, que, no seu gênero, são eficientes, e bem assim do Riachuelo, Aquidaban, Benjamin Constant e República que podem ser utilizados como força de reserva, nenhum outro navio tem o menor valor militar (...). Assim sendo, outra coisa não nos é lícito fazer, senão enfrentar o problema da reconstituição do nosso poder naval com resolução e patriotismo, distinguindo com justeza o que é vital, indispensável do que acessório, adiável, afim de que a renda pública seja bem utilizada. O preparo para a guerra é o melhor meio de torná-la improvável.<sup>162</sup>

Assim, entendemos que o Ministro procurava demonstrar a necessidade de dar ao corpo da Armada uma formação profissional, em conformidade aos aperfeiçoamentos advindos dos progressos da indústria. Era necessária uma formação mais sólida, principalmente voltada para o oficial naval, não condizia mais com o cenário internacional, uma formação base, mas sim aperfeiçoamento e especialização, com escolas de artilharia, instrução de manuseio de torpedos, desenvolvimento da formação da linha superior de comando, em táticas e estratégias. Jose Miguel nos lembra, que neste momento, também se constatou a existência de grande numero de material humano no corpo da Marinha de Guerra, combatentes e maquinistas, em relação ao quantitativo do material flutuante da instituição.<sup>163</sup> Assim, em relatório de 1904, Júlio de Noronha apresentou ao presidente da república as deliberações que estava tomando para equipar a Marinha de meios navais que acreditava serem os mais adequados à necessidade do País.

Além disto, o Ministro propunha mudanças nos regulamentos e funcionamento de quase todas as instituições navais: biblioteca, museu, carta marítima (hidrografia, faróis) contadoria, conselho naval e quartel general. No mesmo relatório, era apresentado o plano global de reforma para a Marinha de Guerra do Brasil, e as medidas já tomadas no sentido de sua implementação. Ele se resumia a pontos básicos, como a remodelação do material bélico naval; a instrução e adestramento do pessoal que o dever guarnecer as novas embarcações; o preenchimento de pessoal especializado que cobrisse as necessidades existentes nos corpos de Marinha; a criação de um porto militar com usina apropriada, não só à reparação, como à construção de navios.<sup>164</sup>

---

<sup>162</sup> BRASIL. MINISTÉRIO DA MARINHA. Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Contra-Almirante Júlio Cesar de Noronha, Ministro de Estado dos Negócios da Marinha. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1903. 7

<sup>163</sup>ARIAS NETO, José Miguel A Marinha Brasileira no início do século XX: Tecnologia e Política. Revista Antitese v. 7, n. 13, jan./jun. 2014.p.100.

<sup>164</sup> A administração da Marinha: 1902-1906. *Subsídios para a história marítima do Brasil*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 1950, v. IX.3

Em março de 1905, a RMB publicou o artigo ‘*A artilharia para os encouraçados brasileiros do programma de 1904-05*’<sup>165</sup>, que estabelece a necessidade da ampliação de número de encouraçados, navios com melhor estrutura de defesa e artilharia mais eficiente para combate costeiro. Em 31 de dezembro de 1909, foram incorporados à Esquadra os contra torpedeiros da classe Pará. Foram os primeiros navios planejados de acordo com o programa naval de 1906. A construção ficou a cargo do estaleiro inglês Yarrow. Os navios receberam a designação de CT (Contratorpedeiro), seguida da numeração: CT-2 Pará, CT-5 Paraíba, CT-1 Amazonas, CT-10 Mato Grosso, CT-4 Rio Grande do Norte e CT-3 Piauí. Em 1910 chegaram os demais CTs, eram eles CT-6 Alagoas, CT-7 Sergipe, CT-8 Paraná e CT-9 Santa Catarina.<sup>166</sup>

Na década de 1910, nas proximidades com a deflagração da Grande Guerra, a *Revista Marítima Brasileira* procurou atentar em suas edições, a comparativos entre as forças navais das marinhas européias, observando os novos usos de tecnologias industriais que aumentavam a eficiência dos meios marítimos. Na edição de janeiro de 1911, verificamos a existência de dois artigos que seguem neste objetivo, o ‘*Marinha de guerra japonesa*’<sup>167</sup>, e ‘*futuro da marinha russa*’<sup>168</sup>, dedicados ao tecer comentários sobre estas Marinhas e suas performances nos conflitos que se sucediam no século XX, oriundos nas já citadas problemáticas políticas e diplomáticas vividas em solo Europeu. É notável nos artigos da *Revista Marítima Brasileira* a partir de 1910, um teor em seus artigos de indubitável certeza de uma breve conflagração em guerra, que eventualmente pudesse depender de envolvimento da própria marinha do Brasil, aumentando assim a necessidade de preparo humano e bélico.

### 2.3.1

#### ***A Revista Marítima Brasileira e as Marinhas da Grande Guerra (1914-1916)***

No longo do ano de eclosão da guerra, em 1914, estando sob direção geral do Capitão de Mar e Guerra Henrique Boiteux, a RMB permanece dando maior destaque à aspectos

---

<sup>165</sup> ANONIMO. *A artilharia para os encouraçados brasileiros do programma de 1904-05*. Revista Marítima Brasileira. Anno 14, n°8-9, 1905.p.1224

<sup>166</sup> MENDONÇA, Mário de; VASCONCELOS, Alberto. *Repositório de Nomes dos Navios da Esquadra Brasileira*. 3a edição. Rio de Janeiro. SDM, 1959. p.192-195

<sup>167</sup> VINHAES, Augusto. *Marinha de guerra japonesa*. Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro., n°7., 1911.p.1259

<sup>168</sup> PORTUGALOF, Nicholas. *O futuro da marinha russa*. Revista Maritima Brasileira. Rio de Janeiro, n°7. 1911.p.1229

puramente técnicos do conhecimento naval, se voltando cada vez em suas análises aos modelos estrangeiros de Marinhas como referências a serem seguidos pelas forças nacionais, apresentando levantamentos de quantitativos sobre número de embarcações, oficiais, armamento, etc. Na primeira edição de 1914, em sua seção ‘*Noticiário Marítimo*’, é mostrado uma tabela comparativa das esquadras de guerra, das grandes potências militares vigentes até então, se baseando em estatísticas e dados retirados, segundo o organizador do seção, Capitão de corveta Francisco Antonio Pereira, pelo departamento de inteligência norte americana. Segue abaixo, modelos baseado nas referidas tabelas:

**Tabela 2 – Comparativo organizado quanto a tonelagem:**

	<b>Construídos</b>	<b>Em construção</b>	<b>Total</b>
Inglaterra.....	2.052.711	538.580	2.591.291
Alemanha.....	943.338	284.870	1.228.208
Estados Unidos.....	760.002	161.842	921.844
França.....	645.891	230.264	876.155
Japão.....	497.199	204.900	702.099
Rússia.....	283.681	401.692	685.373
Itália.....	259.136	192.953	452.089
Austria.....	98.351	60.389	258.740

(PEREIRA,1914)

**Tabela 3 – Comparativo organizado quanto a navios couraçados:**

	<b>Dreadnought <sup>169</sup></b>		<b>Cruzadores couraçados</b>		<b>Pre-dreadnought</b>
	Construídos	Em construção	Construídos	Em construção	Construídos
Inglaterra.....	18	14	9	1	40
Alemanha.....	13	6	4	3	20
Estados Unidos....	7	5	1	3	24
França.....	2	9	x	x	18

<sup>169</sup> Dreadnought foi o tipo predominante de navio de guerra encouraçado no início do século XX. O mais avançado e que serviu de modelo para os posteriores, foi construído em 1906 pela marinha britânica, sendo considerado o símbolo Maximo do ‘status militar’, sendo alvo de cobiça entre as grandes marinhas pelo mundo que desejavam tal poder de fogo.

Japão.....	2	4	x	x	13
Russia.....	2	7	x	4	8
Italia.....	2	7	x	x	8
Austria.....	2	2	x	x	9

---

(PEREIRA,1914)<sup>170</sup>

Podemos analisar por estas informações, que a Inglaterra inicia o confronto internacional, contando com uma composição naval mais diversificada e com maior quantitativo de embarcações, dispondo ainda, de cruzadores de batalha leves e outros navios de guerra de classes anteriores aos famosos *dreadnoughts*. Essa aparente superioridade inglesa em meios navais, se mostrava fundamental para a manutenção da vigilância aos inimigos, sem, desfaltar a proteção necessária em ser dada, ao mar do norte.<sup>171</sup>

Notamos em nossa pesquisa, uma crescente preocupação nas publicações da *Revista Marítima Brasileira*, com relação às movimentações militares nos mares, tendo na mesma edição de janeiro de 1914, na seção ‘*Revista de Revistas*’ do periódico, uma tradução de texto norte americano, extraído da revista *The Navy* e de autoria dada ao Comandante J.S.Mckean, sobe a importância estratégica do Canal do Panamá para as forças navais e a logística comercial Europeia. Para o comandante, devia-se atender a requisitos estratégicos essenciais para determinar o rumo e eficiência de uma Marinha em subjugar seu adversário no mar em situação de combate, nos campos da tática e estratégia naval, priorizando a utilização de maior quantitativo de homens e melhores navios e canhões do que o oponente dispõe<sup>172</sup>.

O Panamá, configurava para a estratégica marítima, a linha de operação mais curta ligando duas zonas áreas estratégicas de grande valor, os Oceanos Atlântico e Pacífico. A zona estratégica do atlântico dividia-se naturalmente em duas partes: o atlântico norte, tendo seu limite ao sul pela linha de Trindade à ilha de cabo verde; e o atlântico sul, todo ao sul da referida linha. A do Pacífico, conta com a divisão do Pacífico norte, limitado ao sul pela linha do Panamá, Ilhas Galapagos e Singapura<sup>173</sup> e em zonas naturais, divididas em oriental e ocidental. Obter controle no mar em época de guerra é um principio básico no que diz respeito à estratégia marítima, pois ‘*o fim principal de toda guerra marítima reside na conservação*

---

<sup>170</sup>PEREIRA, Francisco Antonio. *Noticiário Marítimo*.Revista marítima Brasileira. Anno 33, numero 7, 1914.p.1343

<sup>171</sup> HUMBLE, Richard . *A marinha alemã: a esquadra de alto mar*. Rio de Janeiro: Renes, 1974.p.25-30.

<sup>172</sup>COITINHO,J.I.S.*Revista de Revistas: Valor estratégico e comercial do canal do panamá*. Revista Marítima Brasileira. Anno 33, numero 7, 1914.p.1081-1084

<sup>173</sup>COITINHO,J.I.S.*Revista de Revistas: Valor estratégico e comercial do canal do panamá*. Revista Marítima Brasileira. Anno 33, numero 7, 1914.p .1086

*para um beligerante, da liberdade das vias marítimas, negando-a, por outro lado, ao adversário*''<sup>174</sup>

Ao romper da Grande Guerra, é publicado nas paginas da RMB, em texto na edição de agosto de 1914, uma breve passagem de cunho informativo, de autoria do Capitão Tenente Affonso Livramento, informando oficialmente o início da guerra na Europa, observando que o evento, já era esperado por todos aqueles que acompanhavam as movimentações militares, porém igualmente temerosa pelos que se viam em situação de alerta constante de uma eminente deflagração de conflito, em solo europeu. O autor escreve então, acentuando em tom trágico, o fatídico início da guerra:

Os negros bulhões que de há muito se vinham encastellando sobre o continente europeu, trazendo em perenne desassocego as diversas raças que o povoam, acabam de enovelar-se em desenfreada e medonha procella, donde partem para todos os lados, com desusado fragor, os mais trovejantes e destruidores raios.<sup>175</sup>

Podemos notar ainda no artigo, uma declarada esperança de que o conflito se firmasse em curta duração, pois, seria perceptível a sensação de que a guerra não se limitaria ao território europeu, visto que as alianças militares e diplomáticas já estavam estabelecidas, e o impacto que o rompimento das redes comerciais teria sobre os outros continentes, eminentemente, atestaria à participação direta ou indireta de outros países além dos da Europa. O autor então, clama:

Praza aos céos que ao tremendo furor do cataclysmo que ameaça derrocar e subverter em seus fundamentos não só as terras da Europa como o mundo inteiro, corresponda a brevidade que costuma acompanhar os desabalos temporaes; e que das ruínas que fatalmente vão por toda parte juncar o solo regado do sangue generoso de tantas centenas de milhares de victimas do pavoroso morticinio, surja, ao menos, sorridente e esplendorosa uma nova idade de ouro para toda a Humanidade!<sup>176</sup>

Durante o processo de configuração inicial da Guerra, a posição de neutralidade Brasileira foi evidenciada desde seus momentos iniciais, permanecendo como marca do país, ao longo dos três primeiros anos da guerra. No '*Noticio marítimo*' da RMB, de agosto de 1914, além de expor uma transcrição da declaração oficial do Brasil, firmada pelo decreto n 11.037 de 04 de agosto de 1914, onde se estabelece a neutralidade oficial, é comentado

---

<sup>174</sup>GABAGLIA, A. C. Raja. *Poder Marítimo nas Duas Guerras Mundiais* (1914-1918 – 1939-1945). Rio de Janeiro, Imprensa Naval, 1953.p.73.

<sup>175</sup>LIVRAMENTO, Affonso. *A Conflagração Européia* . Revista Marítima Brasileira, anno 34, numero 2.p 205

<sup>176</sup>LIVRAMENTO, Affonso. *A Conflagração Européia* . Revista Marítima Brasileira, anno 34, numero 2.p.206-208

também, que a partir da eminente situação que tava forma na Europa, havia necessidade de estabelecer as regras em que o país deve se pautar sob a ocasião e situação nacional, tanto para manter a plenitude da neutralidade com os países beligerantes, tanto para fazê-los respeitar nossos portos e águas territoriais<sup>177</sup>.

A *Revista Marítima Brasileira* ao longo da Primeira Guerra, segue transmitindo para seus leitores, informativos de maneira massiva sobre os acontecimentos militares navais do conflito. Há ainda, a predominância de artigos que se estabelecem não mais apenas como detalhamentos técnicos, mas como resenhas de operações de guerra e uso de determinadas embarcações que melhor atuam em cenários específicos do confronto, numa intenção de retratar os cenários de guerra para futuras análises e aprendizado por parte da Marinha de Guerra do Brasil, divulgando a participação das forças militares navais internacionais.

Em 1915, assume a direção do periódico, o Capitão de Fragata Arthur Lopes de Mello, que entrou no comando da RMB, museu e arquivo da marinha para substituir o então diretor, o capitão de mar e guerra Henrique Boiteux. Em sua edição de janeiro, encontramos um artigo intitulado ‘*a grande guerra*’, onde o capitão tenente Augusto Vinhaes tece comentários sobre a estratégia inglesa de proteção ao mar do norte, ao passo que demonstra preocupação se esta seria a melhor forma de agir contra a Alemanha, que já se mostrava com grande força em sua progressão nos mares, fortifica pelo o uso de submarinos e desenvolvendo o torpedo, grande temor das embarcações do início do século XX. Vinhaes comenta sobre ataques que a marinha real estaria recebendo e da falta de cuidado com os inimigos submersos, poderosas ferramentas de guerra que contavam com o elemento surpresa para efetuar seus ataques, os quais muitas embarcações não dispunham até o momento de eficaz estratégia para combatê-los: ‘*submarinos, diz com razão Sir Percy Scott, são unidades inimigas das quaes se foge, mas que ninguém pensa em procurar para combater e destruir*’,<sup>178</sup>.

Observamos, nas progressões de publicações analisadas, que parecia pairar sobre o ambiente naval, uma constante preocupação de se atualizar em meio as modernidades produzidas ao longo da virada do século e que estavam em constante desenvolvimento na guerra que assolava a Europa. Não bastava apenas se concentrar em táticas antigas e eficientes, mas, buscar a dominância nas novas arenas de batalha que se criavam neste novo século, como os armamentos vindos dos ares com aviação e agora do fundo dos mares, com os submersíveis. As demais marinhas de guerra pelo mundo, revelaram perplexidade e

---

<sup>177</sup>FONSECA, HERMES. *Noticiário Marítimo*. agosto Revista Marítima Brasileira, anno 34, numero 2.p 728

<sup>178</sup>VINHAES, Augusto. *A grande guerra*. Revista Marítima Brasileira. anno 34, numero 7.p.1182

despreparo em se adaptar à nova modalidade de guerra no mar, visto que as normas habituais para emprego bélico de navio de superfície, não eram aplicáveis aos submarinos. Até aquele momento, as perdas navais na guerra se estabeleciam com a Alemanha sofrendo maiores derrotas, tendo eles perdidos em torno de 187 navios mercantes, sendo alguns aprisionados em portos ingleses quando se deu a declaração da guerra, ao passo que ingleses sofreram com 72 perdas mercantes neste cenário inicial da Grande Guerra. A marinha mercante exerce papel fundamental em sua relação com a marinha de guerra e o desenrolar de uma guerra em si, pois para a estratégia naval, o poder naval de uma nação é o resultado da soma da eficiência de suas duas marinhas, compartilhando seus desenvolvimentos.<sup>179</sup>

O submarino, se revelou, como sendo um elemento de grande curiosidade e admiração por parte dos autores da RMB, que constantemente escreviam sobre o uso e façanhas protagonizadas por esse tipo armamento submersível, desde seu inicial uso no final do século XIX, e sua alta produtividade alcançada no século XX. O fascínio pode ser explicado pela capacidade e inventividade que o uso dessa arma proporcionava para os estrategistas navais de todas as marinhas do mundo. Porém, a arma que num futuro próximo daquele momento, seria ainda mais eficaz e mortífera, nas grandes batalhas navais da Segunda Guerra Mundial, na Grande guerra não contavam com conforto ou condições sustentáveis para sua tripulação. Em texto da edição de novembro de 1915, sobre os submarinos de combate, vemos que:

A vida no interior do submarino é, praticamente, insuportável. Sem contar os factores moraes que vao attenuando pela acção continuada do costume e do habito, há tantos inimigos da vida e tanta molestia na atmospherá viciada de um navio peixe, que tornam-se annos de desgaste as semanas passadas nelle, e mezes de consumo as energias gastas cada dia nesse ingrato e extravagante trabalho

O oxygenio necessario ao ar é alimentado continuamente por meios chimicos, renovando uma bomba a atmospherá viciada (...). Vive o marinheiro nessa atmospherá misturada, untado de azeite que destila de todas as partes, aspirando os vapores do acido sulfurico emanante dos accumuladores e o irresistivel odor da benzina ou dos azeites volateis que usa a machina de explosão, recebe nos seus ossos a fria sensação de uma neveira activissima capaz de condensar o vapor d'agua, e sofre a humidade da densação continua sobre as paredes do casco.<sup>180</sup>

Os ingleses desde início do conflito tinham a estratégia de fechar o mar do norte aos navios alemães, mantendo um serviço de patrulha continuo em uma área extensa, o que atraía a presença de submarinos alemães quanto dispunham de boas condições, como bases de

---

<sup>179</sup> MAHAN, Alfred T. *The Influence of Sea Power Upon History 1660-1783*. Dover Publications, 1987. p147-154.

<sup>180</sup> PROENÇA, Nicanor. *Revista de revistas :o submarino de combate*. Revista Marítima Brasileira, anno 34, numero 8, 1915. p.1615.

operações em distâncias próximas e o tempo favorável, para iniciar os ataques. A Alemanha se via em situação complicada devido a presença da Rússia no conflito, obrigando-os a abrir duas frentes de batalhas. No mar, não era prudente aos alemães concentrarem suas forças no Báltico contra os russos, pois mesmo contando com esquadra mais fraca, seria independente do resultado, desfavorável para os germânicos, que enfraqueceria seu poder naval, com a perda de algumas embarcações, o que aumentaria a vantagem numérica inglesa ainda mais. Também não poderia concentrar todas suas forças no mar do norte, pois abandonaria o báltico em favor dos russos<sup>181</sup>. O único recurso estratégico seria a guerra de atrito, levando as desvantagens para a Inglaterra, obrigada a fazer um árduo patrulhamento, não só para defender o litoral e as operações militares de qualquer ataque, como também para tornar efetivo o bloqueio dos portos alemães.

Enquanto isto ocorria, a Alemanha se preparava com o fomento das forças submarinas para conseguir prosperar com sua estratégia, tornando o bloqueio inglês arriscado. Para superar o uso do bloqueio tradicional, inoperante no cenário apresentado, o almirantado britânico desenvolveu a tática de bloqueio distante, que consistia em reter a esquadra alemã no mar do norte por uma esquadra britânica baseada em *Scapa Flow*, até o momento que esta pudesse ser atraída para o combate, onde a supremacia inglesa se faria visível.<sup>182</sup> A tentativa de romper com o bloqueio britânico por parte dos alemães, leva em 1916, a Batalha de Jutlandia, que é considerável para a Marinha Alemã, mas não é decisiva e não tem influência geral sobre a situação naval e a progressão da guerra em si. Os britânicos conseguem demonstrar superioridade estratégica nesta batalha, preservando seu domínio nos grandes mares e mostrando a dificuldade que era para os inimigos os vencerem em combate direto. Já os alemães tiveram êxito tático devido ter infligido mais perdas materiais e humanas à Inglaterra, voltando-se à sua soberania no mar báltico e águas litorais oceânicas, embora o tráfego marítimo tenha permanecido limitado a área restrita, mas que abrangia alguns Estados neutros.<sup>183</sup>

No ano de 1917, o governo alemão resolveu declarar guerra submarina irrestrita com a finalidade de bloquear o comércio aliado, a Alemanha já havia decretado bloqueio submarino anteriormente, em duas oportunidades como resposta ao bloqueio aliado, decretado desde o

---

<sup>181</sup> ANONIMO. *O torpedo na guerra atual*. Revista Marítima Brasileira. Anno 34, n 9, 1915.p.1503

<sup>182</sup> VIDIGAL, Armando; ALVES DE ALMEIDA, Francisco (orgs). *Guerra no Mar: Batalhas e Campanhas que mudaram a história*. Ed. Record.2009.p. 362

<sup>183</sup> VIDIGAL, Armando; ALVES DE ALMEIDA, Francisco (orgs). *Guerra no Mar: Batalhas e Campanhas que mudaram a história*. Ed. Record.2009.p. 365



início do conflito.<sup>184</sup> A interferência da guerra no comércio, prejudica todo o sistema econômico mundial, inclusive os de estado neutro, suscitando graves e intrincadas questões de política internacional<sup>185</sup>, como na questão dos afundamentos de mercantes pelos submarinos alemães que continuavam a espreitar pelas rotas do Atlântico. Segundo a *Revista Marítima Brasileira*, em trecho extraído e traduzido do *New York Times*, o esforço americano era admirável no que tange a manutenção das atividades comerciais com os aliados Europeus, tendo em vista que só nos primeiros meses de 1917, se calculavam em perdas de navios o quantitativo de 4.561.000 toneladas, como vemos a seguir:

**Tabela 4 – Quantitativo referente a tonelage comercial dos navios**

Meses	Tonelagem Total	Afundamentos Semanais
Janeiro..... (4 semanas)	333.000	83.000
Fevereiro.....(4 semanas)	479.000	120.000
Março.....(5 semanas)	600.000	120.000
Abril..... (4 semanas)	788.000	197.000
Maió..... (4 semanas)	549.000	137.000
Junho..... (5 semanas)	758.000	152.000
Julho..... (4 semanas)	463.000	116.000
Agosto.....(5 semanas)	591.000	118.000
Total.....4.561.000		
(RMB, 1918) <sup>186</sup>		

Chega a ocasião oficial do rompimento do governo Norte-Americano com a relações diplomáticas entre a Alemanha. Esta ruptura foi seguida de convite do presidente dos Estados Unidos Woodrow Wilson às nações unidas neutras, para que estas acompanhassem tal atitude e também rompessem relações com a Alemanha. Neste período, os Estados Unidos cada vez mais se contemplavam com novas embarcações, realizam exercícios e se mantinham alerta aos acontecimentos da Grande Guerra, principalmente os referentes aos conflitos diretos da Alemanha e Inglaterra. No início de 1917, alguns meses antes de sua entrada no conflito,

<sup>184</sup> STEVENS, W. O. WESTCOTT, A. *História do Poder Marítimo*. Companhia Editora Nacional, 1958.p.

<sup>185</sup> GABAGLIA, A. C. Raja. *Poder Marítimo nas Duas Guerras Mundiais* (1914-1918 – 1939-1945). Rio de Janeiro, Imprensa Naval, 1953.p35

<sup>186</sup> L.C.P. *Revista de Revistas: o estaleiro contra o submarino*. Revista Marítima Brasileira . anno 37,nº 7-8, 1918.p.606-607.

houve o sancionamento de lei para aumentar a esquadra e os programas navais norte-americanos. Estavam programados a construção de 153 embarcações, sendo 148 destinadas aos ofícios de guerra e 5 para serviços auxiliares. O programa completo que contava com o prazo estimado de 6 anos, compreendia as seguintes unidades:

**Tabela 5 – Construções do programa naval norte americano aprovado em 1917**

Couaçados .....	10
Cruzadores couraçados.....	6
Scouts.....	10
Contra-torpedeiros.....	50
Submarinos de alto mar.....	9
Submarinos de costa e portos.....	58
Navio tender.....	1
Transporte.....	1
Navio Hospital.....	1
Deposito de torpedeiros.....	2
Deposito de submarinos.....	1
Transportes de munição.....	2
Canhoneiras fluviais.....	2
<b>Total.....</b>	<b>153<sup>187</sup></b>

### 2.3.2

#### **RMB e a Marinha de Guerra do Brasil na Grande Guerra (1917-1918)**

Bem como aconteceu nos Estados Unidos, o Brasil também procurou a princípio, manter-se neutro com relação ao conflito na Europa. A progressão da guerra afetava

<sup>187</sup> F.P.(org.).*Noticiário naval* . Revista Marítima Brasileira. Anno 36, n° 7-8, 1917 .p. 546

diretamente a economia dos países direta ou indiretamente envolvidos, majoritariamente no que tange à produção industrial dos países beligerantes, que reduziram o volume de carga e acordos comerciais, além de despendem grande parte dos investimentos para a manutenção dos esforços de guerra. Essa situação favorecia o fortalecimento e desenvolvimento da economia norte americana, tornando os Estados Unidos, um grande fornecedor para os mercados estrangeiros e posteriormente, principalmente após a resolução do conflito, em um dos maiores credores para a Europa, em seu processo de reconstrução.

Os Estados Unidos romperam relações diplomáticas com a Alemanha em face dos prejuízos que a guerra submarina irrestrita causaria aos seus negócios<sup>188</sup>, observando um grande prejuízo previsto que o conflito no comércio aliado traria ao mercado americano e o prejuízo por perda dos investimentos feitos aos países aliados na Europa, que poderiam se encontrar em risco de perda no conflito e inadimplência de pagar os empréstimos concedidos pelos Estados Unidos. No caso do Brasil, primeiramente se deu à saída do estado de neutralidade, que rompe relações diplomáticas com a Alemanha, e se alia aos Estados Unidos em favor de seus aliados mútuos. No dia 31 de Janeiro, o governo alemão notificou o Brasil, por meio de um representante em Berlim, do bloqueio naval da Grã-Bretanha, França, Itália e Mediterrâneo Oriental, e que atuaria sem aviso prévio ou restrições, ou seja, qualquer navio que entrasse em território do bloqueio seria afundado. Esse aviso alemão obrigou o presidente brasileiro a se pronunciar mais energicamente, como está registrado na mensagem ao Congresso Nacional no ano de 1917 em que diz “*Poucos dias depois notificamos ao Governo Alemão que o torpedeamento de navio brasileiro em qualquer mar e sob qualquer pretexto importaria na ruptura de nossas relações.*”<sup>189</sup>

A tática de bloqueio marítimo alemão, já havia surgido comentada, em publicação na *Revista Marítima Brasileira*, mais precisamente na edição de agosto de 1915, no artigo do Capitão Tenente Alvaro Porto, intitulado ‘*Os acontecimentos navaes*’. Neste artigo, Alvaro comenta sobre um falso bloqueio que estaria sendo utilizado pelos alemães, que usava das mesmas regras para navios beligerantes e os de bandeira neutra, o que estaria desvalidando os direitos legais do bloqueio e causando complicações sobre o estado de neutralidade. O capitão Alvaro Porto escreve:

---

<sup>188</sup>VINHOSA, Francisco Luiz Teixeira .*O Brasil e a Primeira Guerra Mundial*, Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1990.

<sup>189</sup>BRAZ, Wenceslau. Mensagem Presidencial apresentada ao Congresso Nacional em 1917. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/wenceslau-braz/mensagens-ao-congresso/mensagem-ao-congresso-nacional-na-abertura-da-terceira-sessao-da-nona-legislatura-1917> > Acessado em 07 de agosto de 2016 .

Este facto não faz diferença praticamente a um beligerante mas faz uma grande diferença para o neutro. [...] A Alemanha encara, na pratica, a neutralidade de qualquer nação como uma oportunidade conveniente de fazer uso dos recursos dos neutros para fins de guerra.<sup>190</sup>

O governo alemão então, em telegrama ao Presidente do Brasil Wenceslau Brás, lamentava os prejuízos e transtornos causados aos interesses brasileiros em decorrência do bloqueio submarino aos mercantes. Antecipava que, em ocorrendo algum sinistro, aos navios brasileiros por ações oriundas da marinha alemã, ele se disporia a discutir diplomaticamente as medidas reparadoras, conforme já vinha procedendo com outros países. Alertava ainda, para a necessidade de avaliar as causas dos futuros sinistros, não se atribuindo a culpa antecipadamente à Alemanha, porque também os Aliados haviam lançado minas em profusão no Mar do Norte. O embaixador alemão concluía a nota justificando ser o bloqueio a alternativa indispensável à sobrevivência de seu país, cuja população civil já amargava fome e miséria.<sup>191</sup> O perceptível momento de quebra da neutralidade brasileira era eminente, e a deflagração de beligerância com o governo alemão e entrada oficial do Brasil na Grande Guerra, foram os grandes temas das publicações da *Revista Marítima Brasileira* em sua edição de Setembro-outubro de 1917.

A primeira publicação da edição de numero 3, se configura mais como comunicado oficial do que um artigo, por não contar com assinatura de autoria, e afirmando em seu conteúdo que foi escrito as vésperas da saída da Revista da imprensa. O texto intitulado ‘*O Brasil em estado de Guerra*’, começa comentando que a complicada situação da decretação do estado de guerra e que o mesmo se deu por imposição do governo alemão que obrigou o Brasil, com seus ataques às bandeiras neutras e por atritos diplomáticos, ao chegar ao extremo da declaração de guerra. O breve texto se refere as medidas alemãs como “incomensuráveis insânias” do governo e expressa posição favorável ao governo brasileiro ao chamar o estado de guerra como uma medida contra a provocação germânica, “altiva e patrioticamente aceita pelo que tão sabiamente nos está dirigindo”.<sup>192</sup>

Posteriormente ao comunicado de Estado de Guerra, tratou-se no artigo intitulado ‘*Origens e Conseqüências da Grande Guerra*’<sup>193</sup>, uma transcrição feita pelo Capitão Tenente M. A. Pereira de Vansconcellos, de conferencia realizada no Club Naval, em 28 de agosto de 1917. O texto, expressava a necessidade observada pelos oficiais da Marinha de

---

<sup>190</sup> PORTO, Alvaro. *Os acontecimentos navaes*. Revista Marítima Brasileira. Anno37, volume 9, 1915.p.839

<sup>191</sup> STEVENS, W. O. WESTCOTT, A. *História do Poder Marítimo*. Companhia Editora Nacional, 1958.p.452

<sup>192</sup> ANONIMO. *O Brasil em Estado de Guerra*. Revista Marítima Brasileira. anno 37, nº 3-4,1917.p.156.

<sup>193</sup> VASCONCELLOS, M.A. Pereira. *Origens e Conseqüências da Grande Guerra*. Revista Marítima Brasileira. anno 37, nº 3-4,1917.p.163.

compreensão do fenômeno que assolava o mundo já a três anos, desde sua origem e causas políticas e sociais, aos efeitos que se projetam em todos os cantos do mundo. Se referindo como uma análise imparcial e imperfeita de fatos históricos, o texto condenou as atribuições de ordem pessoal, ou pontos de vista, a serem tomados ao fazer a síntese de tal acontecimento mundial. Pelo contrário, havia uma preocupação perceptível, de não ficar apenas com a observação, mas sim de se referenciar por meio dos documentos oficiais produzida pelos beligerantes e das diversas publicações produzidas ao longo do período de guerra mundial, tanto em panfletos e livros, por escritores nacionais ou estrangeiros, o texto é quase uma linha do tempo da origem do conflito, com os principais incidentes diplomáticos provocados desde a guerra franco-prussiana, à unificação da Alemanha no século XIX, e eventos ao longo do século XX e da década de 1910, além de acontecimentos durante a Guerra, todos narrados e aportados por atribuições feitas à militares estrangeiros sobre os fatos que são detalhados.

O autor deixa nítido no artigo, que se pretendia culpar à origem política do conflito, explicitamente o governo Alemão por sua natureza conflituosa, sua falta de tato diplomático e ações militares que fizeram o cenário mundial se voltar contra eles em união à causa aliada. É interessante observar, que no início da transcrição há epígrafes, atribuídas às figuras conhecidas internacionalmente, que expressavam este sentimento de rancor pelo Estado da Alemanha. Uma atribuída à Henri Heine<sup>194</sup>, sobre os prussianos: “ *Les Prussiens?... la nature les a faits bêtes, la science les a rendus méchants.*”. E outra atribuída ao filósofo alemão Schopenhauer : “ *En prevision de ma mort, je fais cette confession, que je meprise la nation allemande a cause de sa betise infinie, et que je rougis de lui appartenir.*”<sup>195</sup> Com prosa apoteótica, o autor comenta sobre o destino das conseqüências que a Guerra traria, fruto de duas visões antagônicas de expressões políticas, e comparando a magnitude das conseqüências do confronto, com a importância com outros eventos que influenciaram o “destino da civilização”<sup>196</sup>, tais como o nascimento de Cristo, a Reforma e a Revolução Francesa.

A edição de setembro-outubro de 1917, seguiu em sua temática específica de enfoque às informações da Grande Guerra, sem tecer comentários ou destacar a participação que

---

<sup>194</sup> Provavelmente está se referindo à Johann Heinrich Heine, poeta romântico alemão do século XIX, que foi tido por suas obras como subversivo e censurado muitas vezes por autoridades alemãs enquanto estava em Paris e logo teve suas obras banidas e lhe foi imposto proibição de retorno para sua Terra, fazendo-o permanecer em exílio na França.

<sup>195</sup> VASCONCELLOS, M.A. Pereira. *Origens e Conseqüências da Grande Guerra*. Revista Marítima Brasileira. ano 37, nº 3-4, 1917. p.157

<sup>196</sup> VASCONCELLOS, M.A. Pereira. *Origens e Conseqüências da Grande Guerra*. Revista Marítima Brasileira. ano 37, nº 3-4, 1917. p.167

caberia às forças armadas brasileiras no esforço de guerra com os aliados norte americanos e Europeus. Contou também, com artigos de ordem didática para militares, sobre o uso de novos modelos de armamentos, equipamentos de melhoria de disparo e novas tecnologias navais, como visto nas publicações, ‘*Pontilheiro Hollifield*’ e ‘*Noções de Plotagem*’. Em artigo chamado ‘*Operações Navaes: Preparo do navio para o combate*’, é traçado como manual a ser seguido por militares, ordenanças detalhadas e minuciosas de natureza técnica militar para a preparação das embarcações encouraçadas de guerra, ou navios auxiliares, além do treinamento do material humano para manuseio e emprego de armamento das embarcações, como torpedos e canhões. Além disso, haviam instruções de combate em caso de investidas inimigas feitas de manhã e á noite, e como se precaver se situando em distancias seguras de áreas confirmadas por embarcações inimigas.

Em 1918, último ano da desoladora guerra que se rompia em solo Europeu, sob a então direção do Capitão de Mar e Guerra José Libanio Lamenha Lins de Souza, a *Revista Marítima Brasileira* se preservou em demonstrar em suas publicações, artigos que tendiam à explicação das ações tomadas por marinhas ao longo do mundo durante a progressão da Guerra, mas, com praticamente nula menção, ao envolvimento militar do Brasil no conflito Mundial. A edição Janeiro-Fevereiro daquele ano, iniciou-se com texto, do Vice Almirante Estevão Adelino Martins, intitulado ‘*O que deve ser a Marinha Mercante*’, visando traçar a importância estratégica e colaboração de tal instituição para a manutenção e êxito das ações da Marinha de Guerra.<sup>197</sup> Sobre a efetiva participação naval brasileira na guerra, além das missões nacionais de patrulhamento e proteção dos portos e litoral nacional, na seção ‘*Noticiário Marítimo*’, há a primeira explanação sobre a divisão naval de cooperação brasileira, que iria atuar com as forças armadas aliadas contra a Alemanha, a já mencionada por nós, Divisão Naval de Operações de Guerra (DNOG.), sob o comando do contra almirante Pedro Max Frontin.

O presidente do Brasil Wenceslau Braz, antes da partida dos navios da Divisão, compareceu para prestar cumprimentos à missão, a bordo do navio *Rio Grande do Sul*, acompanhado do Almirante Alexandrino de Alencar, então Ministro da Marinha; do Dr. Nilo Peçanha, Ministro das relações exteriores, além de Pedro Lessa e Affonso Vizey, representantes da Liga de Defesa Nacional.<sup>198</sup> Na ocasião, foi proclamado discurso do Dr. Pedro Lessa, Ministro do Supremo Tribunal Federal e presidente da Liga de Defesa Nacional,

---

<sup>197</sup>MARTIS, Estevão Adelino. *O que deve ser a Marinha Mercante*. Revista Marítima Brasileira. anno 37, n°7-8, 1918.p.467 .

<sup>198</sup>F.P.(org). *Noticiário Marítimo*. Revista Marítima Brasileira. anno 37, n°7-8, 1918.p.619.

sobre a partida e importância patriótica e para a projeção internacional do Brasil, que aquela missão no exterior representava. O Ministro comenta:

Com a vossa partida para a grande guerra , alcançais desde já dois grandes triunfos, fazendo hombrear a Marinha do Brasil com as primeiras esquadras do mundo e dando-nos a mais intimativa e eficaz de todas as lições de patriotismo. [...]Todas as nossas homenagens a vós, meus prezados compatriotas, que bem compredestes que a grande guerra é também nossa; porque é por meio della que havemos de assegurar no futuro a nossa integridade territorial, a nossa independência, a nossa liberdade e a nossa dignidade.<sup>199</sup>

A Divisão Naval em Operações de Guerra foi estabelecida especificamente para atender a missão de patrulhamento do Oceano Atlântico para colaborar com o esforço de guerra aliado com unidades navais da Inglaterra, França e Estados Unidos, evitando a ação dos submarinos alemães (*U-boot*), durante a Primeira Guerra Mundial.<sup>200</sup>

Era composta com as embarcações que estavam mais atualizadas para o tipo de missão necessária em águas estrangeiras, tais como os cruzadores *Rio Grande do Sul* e *Bahia*, os contratorpedeiros *Piauí*, *Rio Grande do Norte*, *Paraíba* e *Santa Catarina*, o navio auxiliar *Belmonte* e o rebocador de alto-mar *Laurindo Pitta*. Sua missão principal de patrulhamento se configurava em vigiar as águas do litoral africano do Atlântico, compreendidas pelo triângulo estratégico: Dacar, Arquipélago Cabo Verde e Gibraltar<sup>201</sup> Vale a notificação em nossa pesquisa, de que não há nas edições da *Revista Marítima Brasileira*, do período de atuação da missão brasileira na Grande Guerra, e é praticamente nulo nas edições posteriores, tendo apenas breve menção em uma edição de 1987, nas notificações, sobre particular caso ocorrido durante vigia de patrulhamento da Divisão Naval na África.

No relato transcrito, a divisão naval, que contava com marinheiros inexperientes, além claro da possibilidade eminente de transito de submarinos naquela área, foi surpreendida quando cardume de toninhas foram confundidos com o rastro de um periscópio, fazendo com que a embarcação *Bahia* disparasse seus canhões acreditando se tratar de ameaça submarina inimiga.<sup>202</sup>

---

<sup>199</sup>F.P.(org). *Noticiário Marítimo*. Revista Marítima Brasileira.anno 37, n°7-8, 1918.p 707.

<sup>200</sup>GAMA, Arthur Oscar Saldanha *A Marinha do Brasil na Primeira Guerra Mundial*, Rio de Janeiro: Capemi, 1982.p.7.

<sup>201</sup>ALONSO, Wladimir; SCHUCK-PAIM, Cynthia; SHANKS, Dennis; ALVES DE ALMEIDA, Francisco. A alta mortalidade da pandemia espanhola na divisão naval em operações de guerra em 1918.Revista Navigator n°17, 2013. P.29

<sup>202</sup>MAIA,Prado. *DNOG: uma página esquecida da história da Marinha Brasileira*, Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1961.p.99

Também vale informar, que em setembro de 1918 a DNOG, foi assolada com violência por uma epidemia de gripe espanhola, tendo alguns de seus navios, com mais de 90% de seus efetivos completamente prejudicados e fora de atuação<sup>203</sup>. Em novembro do mesmo ano, foi assinado o armistício pondo fim às hostilidades na Europa, e nos meses que seguiram, a DNOG percorreu ,em visita , as nações aliadas, entre janeiro e março de 1919, para comentar o desfecho de sua missão de patrulha e auxílio ao esforço de Guerra aliada.

---

<sup>203</sup>ALONSO, Wladimir; SCHUCK-PAIM, Cynthia; SHANKS, Dennis; ALVES DE ALMEIDA, Francisco. *A alta mortalidade da pandemia espanhola na divisão naval em operações de guerra em 1918*. Revista Navigator n°17, 2013.p.32



## CAPITULO

### 3

#### **A Segunda Guerra Mundial e a Marinha do Brasil: o cenário internacional e o envolvimento militar do Brasil na Batalha do atlântico e a RMB**

A Segunda Guerra Mundial é assunto recorrente na Academia, aparecendo em dissertações, teses, estudos, sendo esmiuçada e analisada por diversos pontos de vista, abordagens e campos científico, porém, ainda possui uma gama de objetos que podem, devem e precisam ser estudados e analisados. Entre as estimativas numéricas da guerra, temos em torno de 50 milhões de mortos (a maioria civil) como resultado direto dos combates, e o numero só aumenta considerando também as que morreram por fome e doença, como resultado direto da guerra, estes valores são caracterizados como algo perto de oito vezes mais do que na Primeira Grande Guerra<sup>204</sup>.

Para John Keegan, devemos perceber as histórias dos acontecimentos ao longo da Segunda Guerra Mundial como a própria História do mundo entre 1939-1945<sup>205</sup>, pois o conflito conteve, verdadeiramente um sentido mundial em amplos aspectos, envolvendo grande parte dos Estados e Impérios então existentes, permanecendo afastados só aqueles extremamente distantes geograficamente para participarem ou marcados com próprias guerras internas<sup>206</sup>.

Uma das diferentes formas de se interpretar e buscar compreender o evento da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), é como esta, sendo um resultado direto de um senso de paz , mal resolvido após a Primeira Guerra, onde seria então, a continuação do primeiro conflito, um produto derivado de uma consciência coletiva construída pelos abalados dos atos do final do confronto, tendo em sua origem política, os tratados de paz que os países aliados fizeram pós a Primeira Guerra Mundial, especialmente Grã-Bretanha e França, impuseram às potências centrais, como o de Versalhes, assinado em junho de 1919 com a Alemanha; o de Saint-Germain-en-Laye, de 19 de setembro de 1919 com a Áustria; e o de Trianon, de 2 de junho de 1920, com a Hungria. A Alemanha se encontrava arruinada após à Grande Guerra, com sua produção industrial paralisada, lidando com miséria e soldados tomando suas cidades. Toda responsabilidade da Primeira Guerra é imposta à ela pelo Tratado de Versalhes,

---

<sup>204</sup> MENDEL, Ernest. *O Significado da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo, Ática, 1991, p. 180.

<sup>205</sup> KEEGAN, John., *A Batalha e a História*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed.,2006 p 31

<sup>206</sup> KEEGAN, John., *A Batalha e a História*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed.,2006.p 32.

e esse cenário é visto como propício para a ascensão do Nazismo e toda a preparação que se dará para uma nova guerra. Porém, diferente da guerra de 1914 que foi desenrolada por uma forte presença de concorrência internacional no expansionismo industrial principalmente, a Segunda Grande Guerra, foi motivada por antigos e novos fatores, como outras razões econômicas, e um grande fator, o ideológico.

Abordaremos neste capítulo de nossa dissertação, sobre a já bastante esmiuçada Segunda Guerra, focando particularmente, em observar as publicações da RMB no período entre guerras e ao longo da progressão do conflito propriamente dito, principalmente nas questões referentes à Marinha do Brasil, objeto central das publicações do periódico. Começaremos observando o estado em que se encontrava a Marinha do Brasil no período entre as duas grandes guerras, principalmente ao longo da década de 1920, salientando nossos olhares, para uma possível aproximação maior da Marinha do Brasil com os norte-americanos. Então, seguiremos traçando um panorama contextual da deflagração da Guerra como um todo, abordando os impasses internacionais e militares que conflagraram no processo de construção dos fatores que levaram a um eminente novo confronto na Europa. Posteriormente, iremos nos debruçar nas publicações da *Revista Marítima Brasileira* do período, afim de observar à maneira com que os acontecimentos militares foram reproduzidos pelos oficiais do corpo editorial e quais informações foram consideradas pertinentes para o fomento de informações sobre o conflito para seu público alvo, os militares da Marinha. No final de nosso capítulo, buscaremos compreender como se configurou a entrada do Brasil (1942) ao lado dos Aliados na Segunda Guerra, e principalmente o envolvimento e papel dado à Marinha brasileira, por suas alianças militares, nas missões navais exercidas no Atlântico Sul.

### 3.1

#### **A Marinha do Brasil no período entre guerras (1919-1939) e a RMB: A necessidade de atualização dos meios navais e a aproximação com os norte-americanos**

Havia já nas primeiras décadas do século XX, a preocupação das autoridades navais em se estabelecer uma estratégia naval brasileira que coadunasse com o novo cenário mundial que se construiu com os diversos confrontos acarretados no início do século, e também buscar adquirir meios navais mais modernos, para então capacitar as guarnições a operar esses navios novo. Essa atitude pretendida, seria respaldada pela utilização de mão de obra especializada,

estrangeira, com os oficiais de fora do país, no adestramento dos militares brasileiros, como vemos explicitado no relatório de 1908 do Almirante Alexandrino de Alencar, então Ministro da Marinha, ao presidente da República:

(...) os planos e propostas para os novos e modernos navios foram estudados e analisados por oficiais gerais (...) e engenheiros, aos quais foi recomendado emitir opinião a respeito, apontando as alterações que lhes afigurassem necessárias (...) e para preparar adequadamente o guarnecimento desses navios deveria se utilizar dos serviços de grande potência naval para instruir a nossa Marinha<sup>207</sup>

O período compreendido no que denominamos de Entre Guerras (1918-1939), se configura em um período complicado para a resolução de questões envolvendo a Marinha de Guerra do Brasil, em que a frota sofria intenso processo de degradação causado pela falta de renovação material, onde a obsolescência do equipamento era latente. Essa situação retrograda das forças brasileiras, se via mesmo em 1919, ao passo que as marinhas pelo mundo, passavam por verdadeiras transformações e processo de evolução tecnológica naval que mudava as concepções de poder naval e a própria utilização dos diferentes tipos de navios, o Brasil se encontra em situação de estagnação.<sup>208</sup> Abaixo, tabela com as embarcações de Guerra do país, ao final da Grande Guerra:

**Tabela 6- Principais navios de guerra da Marinha do Brasil, em 1919**

Tipo	Navio	Deslocamento (em toneladas)	Armamento	Lançamento
Encouraçado <i>Dreadnought</i>	<i>Minas Gerais,</i> <i>São Paulo</i>	19.250	12 canhões de 305 mm, 22 canhões de 120 mm e 8 canhões de 47 mm	1908-1909
Encouraçado Guarda-Costa	<i>Deodoro</i> <i>Floriano</i>	3.162	2 canhões de 240 mm 4 canhões de 120 mm, 6 canhões de 57 mm e 2 tubos de torpedos de 470 mm 1898-1899	1898-1899
Cruzador	<i>Bahia,</i> <i>Rio Grande do Sul</i>	2.885	10 canhões de 120 mm, 6 canhões de 47 mm e 2 tubos de torpedos 457 mm	1909

<sup>207</sup> Extrato do relatório do Ministro da Marinha, Almirante Alexandrino Faria de Alencar, ao Presidente da República Afonso Pena, datado de abril de 1908, p.7. Arquivo da Marinha.

<sup>208</sup> WALDMANN JÚNIOR, Ludolf. Tecnologia naval e política: o caso da Marinha Brasileira na era dos contratorpedeiros, 1942-1970. Dissertação (Mestrado em Ciência Política – Universidade Federal de São Carlos), São Carlos, 2013.

	<i>Barroso</i>	2.291	6 canhões de 152 mm, 4 canhões de 120 mm, 10 canhões de 57 mm, 4 canhões de tiro rápido de 37 mm, 3 metralhadoras de 7 mm e 3 tubos de torpedos de 457 mm	1896
	<i>República</i>	1.230	6 canhões de 120 mm, 4 canhões de 57 mm, 6 metralhadoras e 4 tubos de torpedos de 440 mm	1892
Submarino	<i>F-1, F-3, F-5</i>	250	2 tubos de torpedos de 457 mm	1913-1914

---

(MARTINS, 1985)<sup>209</sup>

Posteriormente ao desfecho da Grande Guerra, visto por nós no capítulo anterior, a *Revista Marítima Brasileira* continuou exercendo suas atividades de forma ininterrupta e seguindo sua forma editorial pautada na sua temática base, de informes referentes ao mundo naval e marítimo, pautando majoritariamente em aspectos técnicos do mundo militar. Também é interessante perceber a presença de artigos com assinatura de oficiais norte-americanos nas edições posteriores á 1918, no pós guerra, e um crescente a partir da segunda metade da década de 20. São artigos que trazem em sua maioria assuntos voltados para a temática costumeira do periódico, do eixo técnica-militar e da conduta militar em geral, bastante associados a idéias de inovação e modernização, o que será percebido também na publicação de oficiais brasileiros, principalmente em artigos fruto de transcrições de palestras e seminários que aconteceram na Escola De guerra naval, instituição que contava com recém chegados oficiais norte-americanos vindos na Missão Naval americana de 1922.

No início da década de 1920, devido o desenvolvimento e aparições de novas mecânicas militares e tecnologias que foram observadas e utilizadas pelas forças armadas ao longo do conflito, as publicações da revista voltaram, a se guiar por temas de análise sobre desenvolvimento e aperfeiçoamento técnico, assim como, a busca de um referencial estrangeiro que pudesse servir de modelo organizacional para a Marinha brasileira, estes são uma constante na RMB, fruto desta realidade de desenvolvimento e fomento da industria bélica que a Grande Guerra gerou. Além disso, percebemos uma abordagem maior na

<sup>209</sup> MARTINS, Hélio Leôncio. et al. A Marinha Brasileira no período entre as guerras (1918-1942). In: História Naval Brasileira. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1985.

produção de artigos que versam sobre a própria instituição brasileira da Marinha de Guerra, no que aparenta ser uma tentativa de se localizar nas prioridades do Estado em relação à segurança e estratégias de defesa do país, bem como se firmar como símbolo de importância para investimentos nacionais futuros, que priorizariam as forças armadas e deixariam preparadas para eventuais possibilidades de conflitos no futuro.

Encontramos, em edição de janeiro de 1921, sob direção do Capitão de Mar e Guerra A. Thompsom, um artigo de sua própria autoria intitulado ‘*Defesa da Costa do Brazil sob o ponto de vista Strategico*’<sup>210</sup>, com texto anunciado como retirado de uma apresentação feita pelo Capitão Thompsom à Escola de Guerra Naval em 1918, e contando ainda com uma observação da diretoria ao final da página, de que foram retiradas antes da publicação no periódico, todas as informações que podiam ser caracterizadas como confidencial. O texto, traz para discussão elementos militares de estratégica naval sobre ações ofensivas e defensivas, e a importante função que a Marinha deveria exercer sob estes aspectos para assim, garantir a supremacia e preservar seus limites territoriais. Por defesa de costa, ou defesa costeira, o autor compreende todos os meios de defesa terrestre e de defesa marítima, isoladamente ou em combinação, que venham a preservar um litoral da ação agressiva do inimigo, e para ele, a melhor maneira de proteger de fato a costa de seu território, seria combinar ação direta das defesas fixas terrestres com a ação indireta das esquadras no mar.

O autor ainda, vai de encontro aos ideais de defesa nacional que Alfred Mahan tece no século XIX em sua obra ‘*The Influence of the Sea Power Upon History (1660-1783)*, onde ele, também atribuiu em sua concepção estratégica para garantia do Poder Naval, que a melhor defesa costeira é uma esquadra, e não há melhor maneira de vencer uma esquadra inimiga do que iniciando uma ofensiva. Entretanto, para Mahan, as forças navais deveriam ter emprego ofensivo, em outras palavras, emprego oceânico e não costeiro<sup>211</sup>. Mahan percebeu, que as nações que possuíssem o controle das rotas comerciais marítimas e uma posição geográfica favorável com relação ao mar deteriam papel de destaque no cenário político internacional. Com a clara proximidade com os norte americanos na formação dos oficiais da Marinha brasileira<sup>212</sup>, a influência mahaniana que caracteriza a base do pensamento estratégico estadunidense acaba por influenciar na revitalização do pensamento estratégico naval brasileiro. Esse entendimento, de desenvolver e investir em um programa para a

---

<sup>210</sup> THOMPSON, A. *Defesa da Costa do Brazil sob o ponto de vista Strategico*. Revista Marítima Brasileira, anno 40, n°7, 1921.p.522.

<sup>211</sup> ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves. *Alfred Thayer Mahan: Os elementos do poder marítimo*. Revista Marítima Brasileira, Rio de Janeiro, v.130, n. 1-3. 2010

<sup>212</sup> ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. *Alfred Thayer Maha: O Homem*. Revista Marítima Brasileira, Rio de Janeiro, v.129, n. 4-6 2009

Marinha de Guerra do Brasil, esbarrava com o problema de falta de recursos destinados para à instituição.

Caminha acentua, que o pensamento de se ter oficiais de outras marinhas na formulação doutrinária da Armada brasileira seria reforçado por dois motivos: Primeiro, o vislumbre dos bons resultados obtidos pelo Exército brasileiro após a contratação em 1920, da Missão Militar Francesa, e segundo, a perceptível crescente complexidade dos navios e engenhos de guerra conseqüente à experiência adquirida pelas potências durante as primeiras décadas do século XX e a Primeira Guerra Mundial <sup>213</sup>. Mesmo após o fim da Grande Guerra, não se pensou em programas navais para melhorar as unidades brasileiras, tanto que o Ministro Almirante Gomes Pereira, substituto do Almirante Alexandrino, ainda se queixava da má preparação da Esquadra, e propunha uma nova reforma que pudesse substituir aqueles navios que haviam lutado na costa africana pela DNOG. <sup>214</sup> Helio Leôncio comenta, que o Ministro afirmava que a esquadra não correspondia às necessidades da defesa do litoral brasileiro. Ter que encomendar unidades navais dos estrangeiros, geralmente a preços elevados, fazia a marinha hesitar, até que a diminuição do Poder Naval nacional os fizessem adquirir os navios para reforçá-los <sup>215</sup>.

Na década de 1920, os navios da marinha brasileira eram considerados obsoletos, e o Poder Naval nacional, visto por militares como decadente frente as modernidades e necessidades do mundo no século XX. No pós-guerra, a situação do material flutuante já era precária o suficiente para o então titular da pasta da Marinha, Raul Soares (1919-1920), afirmar em seu relatório ministerial que “a decadência do nosso poder naval é um fato tão grave que se tem hesitado em dar-lhe publicidade” <sup>216</sup>. Nas publicações das edições seguintes à 1921, pouco se acrescenta em termos de discussões internas do pensamento militar brasileiro, se concentrando como habitual, em publicações de caráter puramente técnico, ou biográficos de militares de outrora, tais como visto na edição de agosto-setembro, que conta com artigos, escrito pelos redatores do periódico naquele período, como : ‘*Napoleão o Grande*’ de Augusto Vinhaes; ‘*Technologia Marítima*’ de A.C. Petit; ‘*Limpeza e conservação do material d’artilharia*’ de R. Siqueira; E na edição novembro-dezembro : ‘*Electricidade*’ por Oswaldo Storino; ‘*Estaleiros e oficiais*’ de Augustin Normand; ‘*Canhões Electricos*’

---

<sup>213</sup> CAMINHA, João Carlos Gonçalves. *História marítima*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1980.

<sup>214</sup> BRASIL, Ministério de Estado dos Negócios da Marinha. Relatório, 1919, Rio de Janeiro: Impr. Nacional, 1919. p. 7.

<sup>215</sup> MARTINS, Helio Leôncio. *Historia Naval Brasileira*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1985.p.206

<sup>216</sup> MARTINS, Hélio Leôncio. *História Naval Brasileira*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1985.p.140

sem assinatura de autor; e artigo sobre a proclamação da república intitulado ‘15 de novembro de 1889’, por Augusto Vinhaes.

Ainda ao longo da década de 1920, a Marinha de Guerra Brasileira já apresentava em seu quadro de instrutores da Escola da Guerra Naval, oficiais norte americanos, além de contar com o regresso de oficiais brasileiros que passaram por um período de estágio de adestramento na marinha norte americana, acompanhando a modernização dos meios bélicos navais.<sup>217</sup> Havia então, uma idéia já bastante difundida entre o alto oficialato da marinha de se precisar qualificar seu elemento humano, buscando aproximação com aqueles que teriam como fornecer a instrução necessária para o desenvolvimento da marinha, além do consenso já comentado, de que a Missão Francesa no Exército, teria feito muito para o desenvolvimento interno da Instituição, visto que a experiência da primeira guerra mostrou que não bastava apenas incorporar embarcações estrangeiras com técnicas avançadas à frota brasileira, mas sim, qualificar os homens para se adaptar aos novos tipos de situações de combate que surgiam frente o progresso tecnológico bélico, sendo assim a vinda da Missão norte americana era vista por muitos como importante auxílio na organização geral da Marinha de Guerra do Brasil.

Uma breve menção aos militares estadunidenses no Brasil, se verifica na publicação da RMB, de fevereiro de 1922, onde há, na abertura da edição, breve texto intitulado ‘*Missão estrangeira para a marinha*’, que constava de um pedido aos colaboradores da revista, que enviassem artigos sobre o assunto tratado, sejam eles de ordem favorável ou não<sup>218</sup>, deixando claro, que não iriam ser publicados aqueles que a redação julgasse providos de qualquer crítica ou ataque de cunho pessoal. No artigo mencionado, o autor se refere à falta de prestígio, fruto do dito abandono do Estado nas questões militares navais e obsolescência de equipamentos, que assolava a marinha na década de 20:

Nos já tivemos uma marinha respeitada e que, na sua época, era o expoente Máximo das nossas aspirações. Orgulhava-se, então, com justa razão, a nossa Pátria possuí-la e estava tranquilam relação aos serviços que della poderia exigir. Navios e arsenaes, aparelhamento administrativo, pessoal superior e subalterno, tudo nos seus devidos termos collimava o mesmo objectivo. Infelizmente, porém, o prurido da reforma e as luctas das competências e das ambições, nos afogaram a pouco e pouco num labor inglório constante e corrosivo; tudo ou quasi tudo destruindo, aniquilando e anarchisando. A Marinha perdeu o seu antigo prestígio, que precisa reaver-se

---

<sup>217</sup> MARTINS, Hélio Leôncio. et al. A Marinha Brasileira no período entre as guerras (1918-1942). In: História Naval Brasileira. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1985.p.260.

<sup>218</sup> PAIVA MEIRA, Gentil Augusto de. *Missão estrangeira para a Marinha*. Revista Marítima Brasileira. Anno 41,nº8, 1922. P. 368.

medir sacrifícios dos quaes primeiro é pormos de partes as nossas susceptibilidades.<sup>219</sup>

E continuando, refere-se à vinda de estrangeiros para a Marinha do Brasil, como importante ferramenta, mas sem desmerecer a competência do pessoal nacional, em:

Não precisamos de chefes, que os possuímos hábeis e competentes;[...]não faltam comandantes para os navios e poderia mesmo dizer que há em demasia, officiaes superiores e subalterno compõe essa nova geração de espíritos lúcidos, estudiosos e dedicados....mas só uma grande missão fará o milagre de aproveitar tanta riqueza abundante, abandonada e esquecida<sup>220</sup>

Desse modo, no dia seis de junho de 1922 foi assinado em Washington, D.C, nos EUA o contrato para se estabelecer a Missão Naval Americana no Brasil<sup>221</sup>. E sua influência, começaria a ser notada, a partir da Escola Naval de Guerra, haja vista que a função desta Escola era de preparação dos oficiais para o arte da guerra, em termos de doutrinas navais e procedimentos, bem como preparar e orientar o pensamento dos oficiais para o estudo dos grandes problemas navais, de modo a estabelecer entre eles uma perfeita unidade, da qual resultassem a formação e definição da doutrina de combate para a Marinha brasileira e também unificar e precisar as idéias profissionais de uma oficialidade articulada aos novos tempos, com intuito de tornar este oficialato, apto para o comando, sob a nova perspectiva da guerra no mar.<sup>222</sup> O estreitamento entre a Marinha brasileira e a norte-americana se daria, sobretudo, devido aos estágios e reparos de navios realizados nos EUA. Desse modo, nota-se uma alteração na inspiração da força naval brasileira, da influência britânica para norte-americana, desde as primeiras décadas do século XX<sup>223</sup>.

Referencias sobre a Missão Naval Americana, aparecem na RMB, publicadas em pequenos trechos nos volumes a partir de 1923, geralmente presentes, em comentários feitos na seção ‘*Noticiário*’, grafada em alguns volumes como ‘*Noticiário Marítimo*’, compilado de informações organizadas pelos redatores, sempre em alusão à alguma colaboração dos membros representantes da comissão americana com oficiais brasileiros, em cooperação nas

---

<sup>219</sup> PAIVA MEIRA, Gentil Augusto de. *Missão estrangeira para a Marinha*. Revista Marítima Brasileira. Anno 41,nº8, 1922.p.369

<sup>220</sup> PAIVA MEIRA, Gentil Augusto de. *Missão estrangeira para a Marinha*. Revista Marítima Brasileira. Anno 41,nº8, 1922.p.370

<sup>221</sup> VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. *A evolução do pensamento estratégico naval brasileiro*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército, 1985.p.74

<sup>222</sup> AMARAL, Misael Henrique Silva do. *A Influencia norte-americana na Marinha brasileira e seus reflexos ao longo do século XX*.Revista Navigator nº20, 2014.p.87

<sup>223</sup> VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. *A evolução do pensamento estratégico naval brasileiro*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército, 1985.p 85.



suas atividades e instruções nos centros de treinamento. Visto por exemplo, na solicitação feita ao Ministro da Marinha, pelo Almirante Vogelgelsang, para que uma comissão brasileira de oficiais superiores se juntasse com a Missão Americana, ao proceder no auxílio na reorganização dos serviços de aviação naval, tendo como base à formulação de uma ampla doutrina de aviação naval, que seria apresentada pelos norte americanos.<sup>224</sup>

Sobre a reorganização interna da instituição, promulgada sob coordenação dos oficiais Norte Americanos, observamos na RMB de 1923, informe anunciado na seção *Noticiário*, com título ‘nova organização da marinha’, sendo a descrição de um novo plano para o organograma da administração da instituição, aprovado pelo Ministério da Marinha, a partir de estudos e da elaboração da Missão naval americana. O modelo proposto de organização do Ministério, ficaria estruturado da seguinte forma: gabinete do Ministro e Diretoria do expediente, com a denominação da Secretaria do Estado; Conselho do Almirantado, Estado Maior da Armada, Diretorias de Navegação, Saúde, Fazenda, Arsenal do Rio de Janeiro, Engenharia, Pessoal, Ensino, Aeronáutica, Portos e Costas, Imprensa Naval (responsável pela RMB), Biblioteca e Museu. A Escola Naval, Escola Naval de Guerra e as Escolas profissionais, formaram uma nova repartição denominada Diretoria de Ensino que ficou destacada do Estado-Maior<sup>225</sup>. A renovação do contrato da Missão Naval Americana, aconteceu em Novembro de 1926, ficando estipulado que a mesma, ficaria no país por mais quatro anos a contar daquela data, além da chegada do novo chefe americano que a assumiria, o contra-almirante Mac-culley, em face do falecimento do Almirante Vogelgesang. Sobre o primeiro chefe da Missão naval Americana no Brasil, a *Revista Marítima Brasileira*, publicou um artigo que leva seu nome, homenageando o oficial, na edição de número 9 de março de 1927<sup>226</sup>, onde foi bastante lamentada a morte do contra almirante Vogelgesang, enaltecendo sua trajetória na vida militar e agradecendo pelos serviços prestados para o desenvolvimento organizacional da Marinha de Guerra do Brasil, além de uma cerimônia organizada pelo Club Naval, para prestar solidariedade aos familiares do militar, que estavam no Brasil.

Para Armando Vidigal, tanto no campo administrativo, como no campo técnico e no profissional, foi de grande contribuição para a Marinha de Guerra do Brasil, presença da Missão Americana, no que tange principalmente ao desenvolvimento interno da instituição, visto que antes e ao longo da década de 20, o precário estado de conversação dos navios brasileiros, somado à incapacidade logística de manutenção e realização de reparos no país,

---

<sup>224</sup>F.P (org). *Noticiário.Revista Marítima Brasileira*. Anno 43,nº2, 1923.p.1367

<sup>225</sup>F.P (org).*Noticiário. Revista Marítima Brasileira*. Anno 43,nº1, 1923.p 462.

<sup>226</sup> ANONIMO. *Almirante Vogelgesang*. Revista Marítima Brasileira. Anno 47, nº7.p1005.

geraram sentimento desânimo e estagnação no meio naval.<sup>227</sup> O processo de aproximação e estreitamento com os norte americanos, com estágios e reparos de embarcações feitas nos Estados Unidos, deram um novo momento contra a estagnação vigente, principalmente por parte dos oficiais de artilharia.

As edições do ano posterior se preservam em sua característica de informe sobre situações direcionada ao ambiente interno da instituição, como por exemplo sobre técnicas que no dia a dia, um militar da força naval brasileira, de acordo com sua função, teria que exercer e os cuidados com saúde que deveriam ser observados pelos marinheiros. Artigos estes de apresentação especificam, como: ‘*Da Refração astronômica*’ do C.Ten. J.F. Milanez, ‘*Organização da saúde mental*’ do Dr.Porto Correro, ‘*accidentes particulares aos navios a vapor*’ do 1º ten. Barbosa Lima, e ‘*A meteorologia e a aviação*’ do almirante a.c.petit, e ‘*Verminoses*’ do Capitão de corveta Dr. Rufino de Alencar Junior, são casos recorrentes de artigos publicados nas edições da RMB do ano de 1923. O mesmo é aplicado nos anos posteriores, como em 1924, na presença de artigos, tais: ‘*A Avaria grave perante tribunais militares*’ de Mario Cardoso; ‘*um novo modelo de Chronômetros de marinha*’ do capitão de corveta Renato Bayardino, ‘*Radiotelegraphia*’ do 1º ten. Diogo Borges, ‘*Cinematica Naval*’ do capitão de corveta Manoel da Costa Ramos, ‘*Signaes modernos para nevoeiro*’ assinado por F.Pereira, ‘*Problemas de artilharia*’ de R.M e seguindo na mesma temática ao longo das edições da década de 20 inteira. Raras exceções transparecem opiniões particulares de oficiais sobre questões nacionais, como podemos observar em publicação de 1924, que por ocasião do levante tenentista, o então Ministro da Marinha Alexandrino Faria de Alencar, utiliza a RMB para criticar o movimento e defender a postura legalista da instituição:

precisamos nos civilizar de uma vez, para que não tenhamos mais lutas pelas armas, entre irmãos, em busca de posições políticas, tão fóra dos moldes da profissão militar. Devemos seguir os exemplos das nações civilizadas e cultas que, com exercitos e marinhas poderosas, assistem às reviravoltas políticas mais radicais, sem a menor manifestação de sua força<sup>228</sup>

No ano seguinte, o Ministro volta a comentar sobre o assunto, na introdução ao Relatório da Marinha, desta vez para criticar os tenentes desta corporação que se juntaram aos seus pares do Exército, conflagrando uma rebelião no encouraçado São Paulo, como visto em:

---

<sup>227</sup> VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. *A evolução do pensamento estratégico naval brasileiro*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército, 1985.p76.

<sup>228</sup> ALENCAR, Alexandrino Faria de. *Disciplina e Patriotismo*. Revista Marítima Brasileira.ano 44, nº2.1924. p.382.

os officiaes [revoltosos] inauguraram um processo novo na história da Marinha para angariar adesões às suas idéas revolucionarias: alliciaram praças, estrangularam ainda mais a disciplina – reuniram-se com os subordinados para concertar os planos da revolta (...) onde o official deserta da disciplina, nesta não é provavel deparar-se o soldado.<sup>229</sup>

Na edição numero 3 de setembro de 1927, há, a criação de uma nova seção nas paginas da *Revista Marítima Brasileira*, a denominada ‘*Cartas à Redação*’, local onde seriam lidas pelo comandante Augusto de Vinhaes, mensagens enviadas por correspondência sobre assuntos ligados às publicações dos artigos do periódico ou qualquer informação que visasse os interesses da nação do Brasil<sup>230</sup>. É inaugurada com texto de 3 páginas, de autoria do referido como escritor português Carlos Malheiro Dias, onde o mesmo tece elogios sobre uma publicação em edição anterior, do próprio Augusto Vinhaes, intitulada ‘*Portugal na era das descobertas*’, em que se comentava as façanhas portuguesas no mundo marítimo à época das grandes navegações do século XV e XVI, bem como traçava uma análise da Historia da chegada dos portugueses ao Brasil. A seção de cartas durou apenas até o ano seguinte, em 1928. Naquele ano, foi publicado como último expediente das *Cartas à Redação*, um assunto que versava com situações vividas pela política interna da instituição, e que ganhou espaço na *Revista Marítima Brasileira*. O assunto se referia sobre a questão da alfabetização dos marinheiros, onde um oficial em anônimo expõe sua indignação, em texto de 5 páginas no periódico, e que comentava a situação vigente frente ao despreparo dos marujos brasileiro, como podemos observar na passagem:

*Allegar-se-há que, passando a praça muito pouco tempo nas fileiras da marinha, todo nosso empenho deve convergir para fazer delle um bom reservista. Disso eu discoro; não se lhe poderá applicar o epitheto de bom, si o marujo não voltar para a vida civil transformado n’um cidadão consciente ,e isso só o será, quando souber ler e escrever.<sup>231</sup>*

A partir desta publicação, foi extinto a seção, retornando a RMB, às publicações costumeiras, abordando somente assuntos de interesse específico ao campo militar naval, referente a maquinários e atualizações de embarcações, deixando de lado qualquer menção aos problemas enfrentados pela instituição, de ordem política ou econômica. Não sabemos se houve algum tipo de boicote por parte dos superiores do Ministério da Marinha, ou a escolha

<sup>229</sup> ALENCAR, Alexandrino Faria de. *Introdução do Relatório da Marinha*. Revista Marítima Brasileira. Anno 44, n°11, 1925. p.1653

<sup>230</sup> VINHAES, Augusto. *Cartas á redacção*. Revista Marítima Brasileira. anno 47, n°3. 1927. p.484.

<sup>231</sup> VINHAES, Augusto. *Cartas á redacção*. Revista Marítima Brasileira. anno 48, n°6 .p.1389

de não comentar mais sobre determinados assuntos, tenha partido dos próprios membros do corpo editorial e seu chefe de redação.

## 3.2

### *A Revista Marítima Brasileira na década de 1930*

O começo da década de 30 para o Brasil, foi um momento de transformações bastante amplas, tanto para as políticas nacionais, quanto para a importante questão para a Marinha do Brasil, do reaparelhamento de seus meios navais, com novos avanços em seus programas navais. O não envolvimento político direto, por parte dos oficiais da Marinha do Brasil, observado na falta de posicionamento por parte dos diretores e redatores da RMB, foi fruto de mudanças causadas tanto pela proclamação da República brasileira, como principalmente pela Revolta da Armada na década de 1930. A instituição naval brasileira passou então a se limitar aos assuntos profissionais e de caráter interno, sem se aprofundar em questionamentos e debates nacionais. Vidigal afirma, que isto pode ter levado a prejuízo de verbas e recursos, porem, lhes deu maior tempo de dedicação à suas tarefas e reorganização estrutural.<sup>232</sup> Dito isto, é compreensível então a falta de informes e artigos sobre o processo político que culminou na chamada Revolução de 30<sup>233</sup>, uma revolta de caráter militar, que se iniciou no Sul do Brasil, e que tinha por objetivo, derrubar o regime político vigente, colocando Getúlio Vargas no poder, em caráter provisório Além da gravíssima condição econômica, era claro aos revolucionários que os modelos de política oligárquica do antigo regime não se sustentavam mais, o que tornava imprescindível grandes reformas estruturais no Estado brasileiro.

Naquele ano, a República Velha foi derrubada por Getúlio Vargas com amplo apoio dos tenentes. O país vivia uma situação econômica crítica, sobretudo por causa dos efeitos da Grande Depressão, iniciada em 1929, que atingiu todos os países numa escala global. O Brasil, cuja economia estava voltada principalmente para um único produto primário de exportação, o café, sofreu bastante com a retração da demanda comercial internacional, que arruinou os preços daquele produto por todas as produtoras no país.

---

<sup>232</sup>VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. *A evolução do pensamento estratégico naval brasileiro*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército, 1985.p77-78

<sup>233</sup>Sobre esse evento, sugerimos a leitura da obra: "A Revolução de 1930" do Historiador Boris Fausto.

A primeira menção ao novo governo, surgiu em publicação na edição da RMB de números 4 e 5, referida ao período de outubro e novembro de 1930, em que aparece, texto de abertura da revista, sem autoria, mas que provavelmente foi escrito pelo diretor da revista daquele período, o Vice Almirante Alberto Fontoura de Andrade, e intitulado ‘*O novo governo*’. O texto se inicia com a afirmativa aprovativa: ‘*O Brasil entrou em nova phase de vida nacional, auspiciosa de certo, pois a aurora do recente advento foi saudada com delirante entusiasmo em toda a vasta extensão de nossa Pátria*’<sup>234</sup>. Logo após, o autor deixa claro que o momento de nova governança era aguardado com ansiedade pela grande maioria dos brasileiros e que à muito já se assinalava para uma, nas palavras do autor, ‘borracha’ no antigo regime de governo. Sobre as posições pessoais e da Instituição, o autor diz:

as breves apreciações que ora fazemos não são exprobrações, nem critica partidária: isso não nos compete; é missão do futuro historiador quando, com imparcialidade e livre das paixões do momento, apreciar os graves sucessos que, de vários annos a esta parte, se vinham avolumando em nosso paiz.<sup>235</sup>

Ainda é exposto no texto, sobre a falta de menção e informação sobre as transformações políticas e eventos que aconteciam no país, justificando que a RMB, se manteve em seu caráter estritamente técnico, porem que este artigo era a maneira dos editores e diretor de prestarem suas ‘referência a um acontecimento altamente significativo, que traz profunda e esperançosa modificação no nosso viver político e social.’<sup>236</sup>

Evidenciamos assim, a posição dos membros da *Revista Marítima Brasileira*, coadunando ou não com a da Instituição da Marinha de Guerra do Brasil, frente à entrada de Getúlio Vargas no comando do país, através do governo provisório, na esperança de que esta transformação política trouxesse para a instituição suas almejadas melhorias, principalmente no quesito de material bélico e meios navais. A situação da frota brasileira continuava precária e não havia grandes sinais de alguma mudança significativa, apesar da necessidade de renovação ser cada vez mais necessária e emergencial. Em seu Relatório de 1930, o contra-almirante Arnaldo Siqueira Pinto da Luz, titular da pasta da Marinha, concluía em tom dramático: “*Pelos retardamentos que tem sofrido, atingiu, pode dizer-se, ao seu auge, isto é, ou o material é renovado, sem delongas, ou o treinamento do pessoal tornar-se-á impraticável pela ausência de navios capazes de se fazerem ao mar*”<sup>237</sup>. Para os cenários de construção naval internacional, podemos citar que já no começo da década, também foi

---

<sup>234</sup> ANONIMO. *O novo governo*. Revista Marítima Brasileira. Anno 50, nº4-5, 1930.p.421.

<sup>235</sup> ANONIMO. *O novo governo*. Revista Marítima Brasileira. Anno 50, nº4-5, 1930p.423.

<sup>236</sup> ANONIMO. *O novo governo*. Revista Marítima Brasileira. Anno 50, nº4-5, 1930.430.

<sup>237</sup> BRASIL. *Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1930. p.15-16.

marcado por um novo acordo de limitação de armamentos navais que vigoraria a partir de 1930. Naquele ano, os Estados Unidos, Reino Unido e Japão se reuniram para assinar o chamado Tratado Naval de Londres, que renovava o hiato na construção de encouraçados, em prática desde a Conferência Naval de Washington em 1922, e estabelecia novas limitações aos navios, em especial os cruzadores. Um novo tratado de limitação de armamentos navais foi assinado em 1936, num cenário em que já era bastante clara uma corrida naval entre as potências navais e a Alemanha.

Em janeiro de 1931, na seção ‘*Revista de Revistas*’, encontramos interessante prospecto intitulado ‘*a futura guerra*’, referenciada a autoria à Clarence Dubose<sup>238</sup>, que apresenta uma perspectiva de como, se acreditavam, que viria a ser uma vindoura guerra, se as nações não conseguissem a mediação diplomática em suas questões internacionais. O autor projeta que “*a próxima guerra será um ‘circo’, um ‘circo aéreo’*”, para usar o termo empregado pelos aviadores. O autor continua afirmando que apesar dos esforços empregados para a conciliação geral, o confronto seria fatal. Para ele, todos os que ficassem embaixo da “*terra sólida*”, combatentes ou não combatentes correriam idêntico perigo de morte pelas bombas aéreas e os gases asfixiantes. Acima das nuvens, os pilotos derramariam sobre a terra, “*chuvas de bombas*” de toda a natureza devastando, “*por todos os meios e modos, a terra indefesa*”. O campo de ação dos aeroplanos, hidroplanos, aviões e aeronaves não teria limites em um eventual confronto.<sup>239</sup>

Essa projeção se mostra bastante interessante, se olharmos a atuação efetiva da aviação militar ao longo da Segunda Guerra Mundial e toda a gama de cenários que foram possíveis graças aos investimentos em estratégia e fomentação das aeronáuticas, como por exemplo, na campanha do Pacífico, com o ataque à Pearl Harbor pelos japoneses, e a batalha de Midway, assim como o intenso uso dos porta-aviões. A aviação também encontrou seus particulares momentos na Guerra, como os conhecidos ataques aéreos à Inglaterra pela *Luffwaffe* alemã e a própria retaliação da força aérea inglesa (RAF). O assunto sobre aviação naval ganha particular destaque em algumas notícias durante as edições de 1931 da RMB, principalmente em informes sobre o desenvolvimento aéreo internacional, o fomento no treinamento do pessoal da aviação, e estratégias coordenadas com embarcações para combate. O fato de estar inteiramente ligada a um período com assuntos marítimos e navais, se dá pela razão da força aérea e os mecanismos da aviação, estarem inseridos nas atividades realizadas

---

<sup>238</sup> Não foram encontradas referências maiores sobre o autor.

<sup>239</sup> DUBOSE, Clarence. *Futura Guerra*. In: VINHAES, Augusto. *Revista de revistas*. Revista Marítima Brasileira, n.º 7. 1931. p. 731

pela Marinha do Brasil, não havendo ainda naquele momento a criação de uma força especializada para tais meios bélicos, que seria posteriormente vista com a criação da Força Área Brasileira.

Continuamos observando o fluxo normal de publicações nas edições que se seguem, se preservando em assuntos de natureza técnica-militar, com muitas postagens referente às novas tecnologias submarinas e o adendo de publicações acerca aviação militar. Na edição de maio-junho de 1934, já com direção do capitão de fragata Didio A. da Costa, aparece pela primeira vez no periódico a coluna de publicações, chamada ‘*Aviões e submarinos*’<sup>240</sup>, de responsabilidade do capitão tenente Cesar Feliciano Xavier. Esta seção, tinha como objetivo filtrar as publicações do referido tema de outras seções de informes da RMB, como as encontradas na ‘*Revista de Revistas*’ e ‘*Noticiário Marítimo*’, criando assim, um espaço específico para tratar de assuntos ligados a estas duas ferramentas de combate, pensadas pelos oficiais da Marinha, como elementos que se complementavam, necessitando constantes debates sobre suas utilizações, estratégias e forças de ataque. Ainda referindo-se ao assunto, que demonstra ser de grande interesse por parte dos redatores do periódico, vemos na edição janeiro-fevereiro de 1935 da *Revista Marítima Brasileira*, pequeno texto na já mencionada seção ‘*Aviões e Submarinos*’, intitulado ‘*Mar e Ar*’, comentando sobre o papel adquirido por estes instrumentos militares na conjuntura e estruturação do poder marítimo e das forças áreas. A afirmação estratégica, devia ser pautada, para o autor, na combinação do uso das duas ferramentas bélicas, como na afirmativa do título ‘*Mar e Ar*’, em oposto à ‘*Mar ou Ar*’, sendo as duas formas bélicas complementares para a construção de uma superioridade de força. Não se deve apenas investir em embarcações e desfavorecer o recurso aéreo, nem vice versa, mas optar por estimular em conjunto as duas vertentes de combate.<sup>241</sup>

Como chefe de redação do periódico, o Capitão de Fragata Didio A. da Costa<sup>242</sup>, intensifica as publicação de conteúdo que versam com abordagens além das clássicas publicações técnicas-militares, lidando mais com artigos que tratam de História, mas especificamente sobre a História Naval, sejam vistos em textos sobre campanhas navais famosas ou biografias de reconhecidos almirantes que tenham contribuído para o desenvolvimento de estratégias e pensamentos táticas náuticos, ao longo da História Mundial. A partir deste momento, surgem nas edições da *Revista Marítima Brasileira*, um novo eixo

<sup>240</sup> XAVIER, Cesar Feliciano. *Aviões e Submarinos*. Revista Marítima Brasileira., ns 11-12.1934.p.1489-1496.

<sup>241</sup> XAVIER, Cesar Feliciano. *Aviões e Submarinos*. Revista Marítima Brasileira., ns 1.1935.p149.

<sup>242</sup> Didio Iratim Afonso Costa, foi o primeiro diretor do Serviço de Documentação da Marinha (SDM), diretor da Revista Marítima Brasileira de 1939-1952 e Chefe da Divisão de História Marítima do Brasil de 1939-1943. Foi responsável pela publicação e criação dos ‘*Subsídios para a História Marítima do Brasil*, bem como autor de outras publicações referente ao campo da História Militar do Brasil.

temático, dentro da nova proposta do periódico, de não apenas apresentar informações técnicas, mas abordar estudos e análises de militares, e civis, sobre assuntos militares. Na edição de março-abril de 1935 por exemplo, o chefe de redação Didio, abre o periódico com um texto de sua autoria denominado ‘*História da Guerra entre Tríplice aliança e o paraguay*’’,<sup>243</sup> que traz uma abordagem menos específica de assuntos estritamente de interesse militar sobre a guerra, e se voltando para analisar questões de natureza política, a conjuntura administrativa das forças militares do período, as estratégias seguidas e etc.

Ainda em 1935, identificamos, a publicação de uma tradução feita pelo Capitão de Mar e Guerra Americo Vieira de Mello, de texto de autor referido apenas como Fitchett, denominado ‘*Nelson e seus comandantes*’<sup>243</sup>. O texto, é uma abordagem biográfica da vida militar do Almirante Nelson em suas campanhas navais pela Inglaterra e suas escolhas particulares para os cargos de comando de suas frotas. Além de abordar características das próprias campanhas militares liderados por Nelson, o texto aborda questões de natureza comportamental do almirante, lida com aspectos estratégicos adotados por ele em suas façanhas navais junto com seus comandantes. A edição segue ainda com publicações como ‘*Façanhas de Joao das Bottas*’ , ‘*Os corsários na lucta de 1825-1828*’ , ‘*Notas de viagem*’’, além de também contar com as publicações de cunho técnico como ‘*Notas de Thermodynamica*’’, ‘*Porto de Paranaguá*’’, ‘*A régua cylindrica de Brygrave e as minhas Altitude and azimuth tables*’ e ‘*Folha de plotar universal*’’. Percebe-se uma gradativa presença de informações, na década de 1930, acerca do poderio marítimo da Europa e informações sobre a construção naval dos principais países europeus e suas Marinhas de Guerra, inclusive a Alemanha, que segundo texto denominado ‘*Trado do Reich com a Inglaterra:O crescimento da força submarina allemã*’ publicação na seção ‘*Revista de Revistas*’’, já continha o maior exercito da Europa e uma das mais desenvolvidas Marinhas de Guerra, e estava a passos de começar, a partir daquele momento, o desenvolvimento de sua construção de submarinos.<sup>244</sup>

O processo de reconstrução do programa naval germânico para atualização de sua frota já havia iniciado em 1932<sup>245</sup>, e incluía entre outras belonaves, uma frota pequena de algumas unidades submersíveis, tendo no ano seguinte, em 1933, criado um centro de

---

<sup>243</sup>MELLO, Americo Vieira de.(trad.) *Nelson e seus comandantes*. Revista Marítima Brasileira Revista Marítima Brasileira..nº9,1935.p.1048.

<sup>244</sup>ANONIMO.*Revista de revistas* . Revista Maritima Brasileira.,nº10, 1935.p.1568

<sup>245</sup>WOLLIAMSON, Gordon.*Wolf Pack: the story of the U-boat in World War II*.Osprey Publishing, 2005.p.13.



treinamento voltado especificamente para os *U-boots*<sup>246</sup>. Em 1935 foi o ano em que o almirante Karl Dönitz começa a chefiar o comando da frota submarina da *Kriegsmarine* nazista, sendo ele, pessoa de extrema relevância no processo de transformação sofrido pela atualização dos meios submarinos do Reich Alemão, principalmente no referente às formas de conduzir as estratégias de ataque das embarcações e suas melhores formas de utilização em combate.<sup>247</sup> Como comenta Clay Blair sobre o almirante Dönitz, ele não estava muito satisfeito com as direções de comando tomadas em relação à frota submarina, já que a *Kriegsmarine*, a Marinha de Guerra Alemã, empregava maior ênfase e energia na construção de grandes navios de superfície, deixando os submarinos em segundo plano.<sup>248</sup> Depois de se dedicar no comando dos submersíveis, o comandante convenceu seus superiores, que em um confronto inevitável com a Inglaterra, no mar, deveriam construir dezenas de submarinos, que poderiam sair vitoriosos se empregados com boas táticas, organização e planejamento.<sup>249</sup> Verificamos ao longo da década de 30, uma nítida intensificação por parte da RMB, de publicações de notícias e informes sobre as forças navais da Alemanha, e da Europa como um todo, sempre ligadas à construção naval e a produção industrial desses países. A maioria dessas publicações se encontram na seção ‘*Revistas de Revistas*’, principalmente, como transcrições e traduções de outros periódicos militares pelo mundo, que tratavam naquele momento, de notícias relevantes sobre o mundo marítimo e naval, e as expectativas geradas no mundo todo para a possível aplicações daquelas medidas, numa futura e eventual Guerra.

No final do ano de 1935, assume a chefia do Ministério da Marinha, o Almirante Henrique Aristides Guilhem, que ficaria no cargo por toda a extensão do governo de Getulio Vargas, até 1945. Guilhem foi responsável para que no ano de 1936, se retomasse a construção naval em território nacional, especificamente na Ilha das Cobras, no 1º distrito naval, no então terminado Arsenal de Marinha, no Rio de Janeiro. Porém ainda em junho de 1932, as primeiras ações efetivas haviam sido tomadas, com a aprovação pelo Governo Provisório, do decreto número 21514, que instituiu um crédito anual de 40.000:000\$, destinado à renovação da esquadra e referente a um período compreendido de 12 anos. Assim, pode ser autorizada a construção de três contratorpedeiros, da classe *Marcílio Dias*, no Arsenal da Ilha das Cobras. Havia planos na Instituição, de se iniciar, em um curto prazo após o início da autorização, a construção de seis navios mineiros, em oficinas particulares, tanto

---

<sup>246</sup> Termo alemão derivado de *Unterseeboot*, usado para dar nomes aos seus submersíveis. Seus submarinos eram nomeados pela letra ‘U’ seguida de um numero de referencia da embarcação.

<sup>247</sup> BLAIR, Clay. *Hitler's U-Boat War: The Hunters, 1939-1942*. Modern Library, 1st Edition, 2000.p.15.

<sup>248</sup> BLAIR, Clay. *Hitler's U-Boat War: The Hunters, 1939-1942*. Modern Library, 1st Edition, 2000.p.77.

<sup>249</sup> BLAIR, Clay. *Hitler's U-Boat War: The Hunters, 1939-1942*. Modern Library, 1st Edition, 2000.p.78.

do Distrito Federal, como de Santos e Bahia.<sup>250</sup> Entretanto, a questão da construção dos cruzadores e das demais embarcações que faltavam era ainda uma dúvida. O país tentou naquele ano a aquisição dos cruzadores e alguns contratorpedeiros nos Estados Unidos, porém não teve sucesso, em grande parte por causa das disposições estabelecidas no Tratado Naval de Londres de 1936<sup>251</sup>.

No ano que antecede à eclosão da Segunda Guerra Mundial, a *Revista marítima brasileira*, em sua edição de agosto de 1938, trouxe publicações com informações, sobre as forças militares de potências mundiais. No texto, ‘*As frotas das grandes potências em 1938*’, por exemplo, foi demonstrado a situação em que estavam as frotas de algumas potências no 1º dia daquele ano, com a exclusão da Marinha italiana, sem aparente justificativa para ficar de fora da análise. O informe, transcreve o quantitativo de alguns tipos de embarcações de guerra de Marinhas como a da França, que contava com 6 encouraçados de mais de 22 mil toneladas em serviço e 3 em construção, além de 52 contra torpedeiros e 48 submarinos.<sup>252</sup> Já, a Inglaterra, contava com base nesses dados obtidos pela RMB, com 15 encouraçados em serviço e mais 5 em construção, além de 6 porta aviões e 54 submarinos. Outra força militar exposta na matéria, é a da Rússia, que detinha em suas unidades em serviço, somadas as frotas no Báltico e do Mar negro, pois não obtiveram informações sobre as do Pacífico, 4 encouraçados, 5 cruzadores e 32 submarinos. É interessante notar, um outro texto na mesma seção, chamado ‘*Proteção ao tráfego marítimo em tempo de guerra*’<sup>253</sup>, que já evocava a necessidade e importância logística e de segurança, do uso dos sistemas de comboios para a proteção das linhas comerciais os tempos de beligerância para se evitar os perigos inimigos e corsários à espreita das embarcações.

Uma das principais ameaças que conhecemos ao longo da Segunda Guerra Mundial, no que tange o cenário naval, foram justamente as ações dos submarinos inimigos que preocupavam a circulação das rotas de logísticas comerciais do Atlântico, levando a um intenso processo de capacitação para enfrentar tais ameaças, e retomar as operações aliadas, utilizando do recurso de comboios para maior proteção dos navios mercantes.

---

<sup>250</sup>BRASIL. *Relatório Apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1937.p.77-81

<sup>251</sup>WALDMANN JÚNIOR, Ludolf. *Tecnologia naval e política: o caso da Marinha Brasileira na era dos contratorpedeiros, 1942-1970*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política – Universidade Federal de São Carlos), São Carlos, 2013.p.41

<sup>252</sup>A.R.(org).*As Frotas das grandes potências em 1938*. Revista Marítima Brasileira.nº1-2,1938.p.99-102.

<sup>253</sup>A.R.(org). *As Frotas das grandes potências em 1938*. Revista Marítima Brasileira. nº1-2,1938.p.105.

### 3.3

#### O raiar da Segunda Guerra Mundial sob o prisma da Campanha do Atlântico

O grande edifício da civilização do século XX desmoronou nas chamas da guerra mundial, quando suas colunas ruíram. Não há como compreender o breve século XX sem ela. Ele foi marcado pela guerra. Viveu e pensou em termos de guerra mundial, mesmo quando os canhões se calavam e as bombas não explodiam.<sup>254</sup>

Sobre a Segunda Guerra Mundial, Hobsbaw destaca a afirmativa que este evento, ao contrário de sua antecessora, em que se restringiu quase que praticamente ao território Europeu, abarcou uma maior parcela de envolvidos, tendo uma quase total participação dos Estados independentes daquele período e ainda que alguns países tenham participado de forma mais nominal,<sup>255</sup> como alguns da América Latina, a guerra é tida sendo assim, como um conflito de caráter mais “global”. A Segunda Guerra Mundial, marca uma série de situações que se iniciam no período imediato após a conclusão da Primeira Grande Guerra, e que reflete as questões políticas e econômicas, e agora também as ideológicas dos líderes das grandes potências Europeias do Século XX. Nessa progressão de acontecimentos que levam a uma crise de alcance mundial, o Brasil se vê permeado de discussões políticas internas e questões que refletem a posição de seu governante Getúlio Vargas, nos eventos da Guerra. Durante todo o século XX, os confrontos entre Estados, principalmente aqueles motivados por fatores de ordem econômica, foram se multiplicando e espalhando por todo cenário mundial. E em consequência de um desses conflitos, o da Primeira Guerra Mundial, e tudo que se sucedeu após seu fim, está diretamente ligado ao maior conflito da humanidade de nossa contemporaneidade.<sup>256</sup>

Devido a uma forte crise que assolava a Alemanha, que se encontrava derrotada e com sentimentos de humilhação pelas consequências que lhe foram impostas ao fim da Grande Guerra, é criado um cenário favorável para a ascensão de regimes controladores de política, pautadas em líderes carismáticos, como no ascender dos Fascismos, do Nazismo e

---

<sup>254</sup> HOBBSAWM, Eric. Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 30.

<sup>255</sup> HOBBSAWM, Eric. Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 32

<sup>256</sup> Trata-se do Tratado de Versalhes, um dos 5 mais importantes acordos de paz que puseram fim na 1ª grande Guerra, onde se estabelece para a Alemanha derrotada a perda de um sétimo de seu território, os dois impérios, alemão e austríaco se tornam repúblicas e proibidas de união, proibiu também o rearmamento da Alemanha. Esse tratado, considerado uma humilhação a nação Alemã, relaciona o crescimento de sentimento nacionalista impulsionado por Hitler para início da Segunda Guerra.

possível preparação para uma nova Guerra. Este novo confronto, contém um aspecto diferente do conflito anterior, o caráter ideológico e político dos países conflitantes, que ampliava a extensão do problema. O transcorrer da oficialização da Guerra, após a invasão da Polônia por parte do regime Alemão, se dá declaração de guerra da Inglaterra contra o Reich de Hitler, em 3 de setembro de 1939. A Grã-Bretanha entrou na guerra porque os alemães invadiram a Polônia, mas não porque nutrissem uma grande admiração ou amizade pelos poloneses: o verdadeiro motivo, o que realmente foi decisivo para britânicos, foi que Hitler havia perturbado o equilíbrio de poder na Europa. O seu país crescia em força e representava, assim, uma ameaça à posição da Inglaterra.<sup>257</sup>

Neste momento de nossa dissertação, não entraremos em profundas discussões ou análises sobre o desdobrar dos acontecimentos que antecedem à eclosão da Guerra na Europa, seguiremos então em síntese, para a efetiva questão da promulgação do Estado de guerra e a deflagração do confronto, nos norteando majoritariamente para acontecimentos que versem sobre a conjuntura dos cenários militares em esfera naval, pois, desde o início da Segunda Guerra Mundial, a mesma é marcada profundamente por situações beligerantes e campanhas navais. Para nós, cabe sinalizar o fato, de que apenas algumas horas depois da declaração oficial de estado de Guerra, ocorreu ataque a um navio Inglês no Atlântico, e se inicia, uma movimentação da *Royal Navy*, a Marinha de Guerra britânica, no Atlântico Norte. A Inglaterra toma uma série de medidas imediatas, destacavam-se a criação do Ministério da Guerra Econômica e o bloqueio naval do Oceano Atlântico à navegação alemã, que tinham o objetivo de “desorganizar a economia do inimigo, de maneira a impedi-lo de fazer guerra eficientemente”. A partir de então, todas as embarcações alemãs ou com destino à Alemanha, em trânsito pelo Oceano Atlântico, fossem elas comerciais ou de guerra, seriam detidas pela Marinha de Guerra da Inglaterra e na denominada Batalha do Atlântico.<sup>258</sup>

A Campanha do Atlântico, teve seu início antes mesmo da invasão alemã na Polônia em setembro de 1939 e terminou com a rendição alemã em maio de 1945<sup>259</sup> e para Francisco Carlos Teixeira, a importância do evento já estava estabelecida antes mesmo do desfecho da guerra, tendo o próprio Churchill, Primeiro-Ministro do Reino Unido durante a Segunda Guerra Mundial, afirmado que a batalha foi o momento de maior temor pela sorte do Império britânico, além do medo da ameaça submarina que assolava as grandes potências, temerosas

---

<sup>257</sup> TEMPONE, Victor. *O Brasil vai à guerra: a inserção brasileira em um conflito global*. Dissertação de Mestrado apresentada em 2007, UERJ, p.70.

<sup>258</sup> FONSECA, Manoel Felipe. *Base Fox: aspectos do estabelecimento e desenvolvimento da base naval da u.s navy no Recife durante a campanha do atlântico sul (1941-1943)*. Dissertação de mestrado apresentada em 2014 na UFPE, p.34.

<sup>259</sup> DOENITZ, Karl. *Memoirs: Ten Years and twenty Days*. New York, Capo, 1997.

de um possível domínio alemão no Oceano Atlântico caso a Inglaterra fosse derrotada<sup>260</sup>. Segundo Churchill:

Nessa época, minha única e certa esperança de vitória dependia de nossa capacidade de travar uma guerra prolongada e indefinida, até que uma esmagadora superioridade aérea fosse conquistada e, provavelmente, até que outras grandes potências fossem atraídas para o nosso lado. Mas o perigo mortal que ameaçava nossas linhas vitais de abastecimento corroía minhas entranhas. No começo de março, afundamentos excepcionalmente numerosos foram comunicados pelo almirante Pound ao Conselho de Guerra. Eu já vi as cifras e, após nossa reunião, realizada no gabinete do primeiro-ministro na Câmara dos Comuns, disse a Pound: ‘Temos de elevar essa questão ao plano mais alto, acima de tudo o mais. Vou anunciar ‘a Batalha do Atlântico’’. Isso, tal como a proclamação da Batalha da Grã-Bretanha nove meses antes, era um sinal que visava a fazer com que todas as mentes e setores se concentrassem na guerra submarina.<sup>261</sup>

Estava naquele momento então, se iniciando o que seria considerado como a maior batalha da Segunda Guerra Mundial, que durou toda a extensão do confronto. O medo do submarino se justifica, por ele possuir vantagens táticas de suma importância no combate naval devido sua capacidade de ‘invisibilidade’, tais como: surpresa no ataque e capacidade de se retirar impunemente.<sup>262</sup> E a razão do Oceano Atlântico ser o grande palco de conflitos e precauções militares de âmbito naval, se dá pela sua história naturalmente marcar suas águas como passagens para o tráfego entre os Estados, afim de manter suas logísticas comerciais em pleno funcionamento.

Historicamente, o Oceano Atlântico tem em seu território um fluxo muito elevado de cargas transitando, servindo de palco para diversos acontecimentos no decorrer da história da humanidade, sendo assim compreensível, considerar a preservação da comunicação entre países e cidades que se vê programada por rotas marítimas. Essa importância para relações comerciais, para o escoamento da produção industrial e de matérias primas, reforçava a necessidade de manutenção da segurança da rota marítima, o que era realizado pelos norte-americanos, que viam na região um ponto estratégico para o posicionamento de uma defesa continental.<sup>263</sup> O Atlântico então, ao longo da própria história da humanidade e suas sociedades, esteve presente como figura marcante nos diversos períodos de tempo em que o

---

<sup>260</sup>TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. A Batalha do Atlântico. In: VIDIGAL, Armando e ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. *Guerra no mar: batalhas e campanhas navais que mudaram a história*. Rio de Janeiro: Record, 2009 .p 383.

<sup>261</sup>CHURCHILL, Winston S. *Memórias da Segunda Guerra Mundial*.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 471-474.

<sup>262</sup>BLAIR, Clay. *Hitler's U-Boat War: The Hunters, 1939-1942*. Modern Library ,1st Edition, 2000.p.35.

<sup>263</sup>CABRAL, Ricardo P. *A Segurança Hemisférica e a Segunda Guerra Mundial in O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*. TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos(org). Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

homem começou a se deslocar para regiões litorâneas e a utilizar da água como instrumento importante de sua estrutura e convívio social. Se na antiguidade clássica se temia o grande oceano, visto como o desconhecido e morada de seres fantásticos e de natureza mística<sup>264</sup>, ao longo dos avanços dos conhecimentos adquiridos pelo homem, foi se tornando cada vez mais um espaço a ser explorado, dominado e usado a seu proveito.

De acordo com o historiador Ricardo Cabral, durante uma grande parte do século XX, século palco das grandes Guerras Mundiais, foi sobre o Atlântico que trafegou o maior volume de carga mundial e um intenso tráfego de navios de passageiros. Entre as principais rotas marítimas, estavam as que conectavam as Américas, a África e a Europa ao restante do globo em uma densa rede de relações comerciais, por onde se escoava a maior parte da produção industrial mundial e de onde chegavam matérias-primas de todo os continentes<sup>265</sup>.

Francisco Carlos Teixeira ao tratar dos conflitos ocorridos no cenário naval durante a Batalha do Atlântico, frisa a relevância estratégica que o Atlântico representava para os esforços de guerra, e como sua preservação, e proteção das linhas logísticas comerciais eram questões prioritária para os líderes das potências Aliadas, onde nada era mais temido do que o domínio das ações dos submarinos alemães no Atlântico norte e sul.<sup>266</sup> Uma grande estratégia Alemã era justamente a de atingir essas relações de logística, atuando para a obstrução ou corte das linhas de comunicação marítima, na tentativa de desestruturar assim, a economia dos países que dependiam da exportação de matérias-prima, produtos agrícolas e combustíveis. Ao longo deste cenário, se intensificava o emprego do submarino como principal instrumento bélico alemão, e o aprimoramento de estratégias de combate dessa arma de guerra. As armas e táticas de guerra utilizadas pelos dois lados eram diferenciadas de acordo com o poder naval e dos investimentos em tecnologia bélica de cada potência. Assim, o Reino Unido tinha maior uso do elemento aéreo em suas táticas, priorizando a aviação. Já a Alemanha Hitlerista do *Terceiro Reich*, buscou o aperfeiçoamento de uma das armas mais temíveis no decorrer da guerra, que botou a guerra em constante estado de indecisão em sua resolução, o uso dos submarinos. O Almirante Karl Dönitz, responsável pelo aperfeiçoamento das técnicas de combate e estratégia submarina, além da fomentação junto ao almirantado

---

<sup>264</sup> SOUZA NETO, J. M. G. . *Para além das Colunas de Hércules: o Atlântico na Antiguidade*. In: Francisco Carlos Teixeira da Silva; Karl Schurster de Sousa Leão; Francisco Eduardo Alves de Almeida. (Org.). *Atlântico: a História de um oceano*. 1ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, v. 01, p 24.

<sup>265</sup> CABRAL, Ricardo P. *O Atlântico, a Defesa Hemisférica e a Segunda Guerra Mundial*. In: TEIXEIRA DA SILVA, F.C; SCHUSTER, Karl; ALVES DE ALMEIDA, Francisco Eduardo. (Org.). *Atlântico: a história de um oceano*. 1ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2013. , p 394.

<sup>266</sup> TEIXEIRA DA SILVA, F.C; SCHUSTER, Karl; ALVES DE ALMEIDA, Francisco Eduardo. (Org.). *Atlântico: a história de um oceano*. 1ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2013. p 384.

alemão, de investimentos nas tecnologias navais<sup>267</sup>, como o programa de construção naval alemão, engajado substancialmente, e a introdução do ‘‘Plano-Z’’<sup>268</sup> do Almirante Raeder, prevendo a construção de mais de 200 submarinos, vários cruzadores e porta aviões, para atuação principalmente na região do Atlântico Norte a princípio, indo posteriormente para o Sul<sup>269</sup>.

O ataque feito por grupos de submarinos (os *U-boots*), que antes faziam isoladamente seguindo as rotas comerciais em uma determinada região, foi uma das grandes inovações táticas utilizadas pelos alemães. A tática preferida pelo submarino na Segunda Guerra, era a furtiva, que consistia em seguir a ‘‘vítima’’, até encontrar um posicionamento conveniente para lançamento dos torpedos e com isso atacar. Karl Dönitz, a missão de aperfeiçoar essas estratégias de ataque submarino, e o deslumbre da ação de grupamento de submarino parte dele. Essas formações de agrupamentos de submarinos, utilizavam o ataque furtivo de noite, usando além de torpedos o fogo de superfície de artilharia contra navios comerciais inimigos, na chamada tática de ‘‘matilha’’ (conhecida como *Rüdeltaktik*, em alemão, e *Wolfpack*, em inglês)<sup>270</sup>. A questão principal característica da Batalha do Atlântico era a de incapacitação inimiga, buscavam entre suas ações o colapso industrial das potências, desestabilizando o país e podendo ainda agravar suas situações e problemas internos. Atacando as linhas comerciais e os comboios mercantes que faziam a logística das nações em guerra, iriam conseguir vitórias com a instabilidade do adversário frente as perdas de recursos, de extrema importância para um país (principalmente em face a guerra), já que tanto os Aliados quanto o Eixo não tinham imaginado a duração longa da guerra de atrito.

Francisco Carlos Teixeira nos mostra, que as estratégias usadas para sufocar o inimigo por meio do poder naval foram aplicadas inicialmente atribuindo um novo objetivo a mesma, o da guerra contra o comércio, atacando os comboios de navios mercantes, visando utilizar os meios navais bélicos para encurralar e obstruir as vias marítimas, em conjunto com unidades de superfícies junto aos portos e rotas costeiras<sup>271</sup>. Nesse cenário de conflitos navais e acesso

---

<sup>267</sup> CABRAL, Ricardo P. O Atlântico, a Defesa Hemisférica e a Segunda Guerra Mundial. : TEIXEIRA DA SILVA, F.C; SCHUSTER, Karl; ALVES DE ALMEIDA, Francisco Eduardo. (Org.). *Atlântico: a história de um oceano*. 1ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2013.p.395.

<sup>268</sup> O Almirante Raeder constitui um grupo de estudos para equacionar os possíveis problemas e soluções a aplicar numa guerra futura com a Grã-Bretanha e propôs o plano de organização de uma frota mais numerosa, com poderosas unidades de superfície, que não somente seria empregada no ataque da navegação mercante, mas que também estaria em condições de combater as naves de guerra inimigas.

<sup>269</sup> MASON, David. *Submarinos Alemães: A Arma Oculta*. Rio de Janeiro: Renes, 1975 p 13.

<sup>270</sup> BLAIR, Clay. *Hitler's U-Boat War: The Hunters, 1939-1942*. Modern Library ,1st Edition, 2000.p.182

<sup>271</sup> TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. A Batalha do Atlântico. In: VIDIGAL, Armando e ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. *Guerra no mar: batalhas e campanhas navais que mudaram a história*. Rio de Janeiro: Record, 2009 p 389

a rotas marítimas importantíssimas, a utilização de sistemas de proteção como os comboios e instrumentos como o radar, o sonar (equipamentos de detecção), novos tipos de munições e artilharia, tanto quanto o uso em maior escala de aviões, porta aviões, submarinos, possibilitam o emprego do aperfeiçoamento de táticas e estratégias navais durante os conflitos. A Costa Leste dos Estados Unidos transformou-se em verdadeiro campo de alvos para os comandantes dos *U-boots*, encontrando estes uma abundância de navios, ao que se juntava um completo despreparo da Marinha de Guerra norte-americana no que se referia à perseguição de uma eficaz guerra anti-submarina. A consequência inevitável foi a destruição de um elevadíssimo volume de navios aliados nas águas do Atlântico Norte, rumando para o Sul<sup>272</sup>.

### 3.4

#### **Brasil na 2º G.M. e as publicações RMB: o fim da neutralidade e atuação da Marinha brasileira na Batalha do Atlântico**

*A Campanha do Atlântico Sul ajudou a vencer a guerra. Os homens que a travaram, vivos e mortos, estão satisfeitos com essa afirmação. Eles não pedem que algo mais seja dito.*(NOWELL, Charles)

Acerca das publicações da *Revista Marítima Brasileira* durante o transcorrer da Segunda Guerra Mundial, nos preocupamos em direcionar a análise em nossa pesquisa, na verificação de publicações que serviriam para informar os militares da Marinha do Brasil, publico alvo do periódico, sobre a progressão do confronto, e claro, a inserção da instituição militar no combate, a partir de 1942. Não encontramos durante o trato com a fonte, material que nos demonstrasse esta efetiva posição de divulgadora dos acontecimentos militares navais, por parte dos membros da revista. No período referente à participação brasileira na Guerra, de 1942 à 1945, não há na RMB artigos que tratem sobre os acontecimentos compreendidos naquele contexto, nem referencias à assuntos internacionais, ou sobre nacionais, assim, o que verificamos e utilizaremos em maior abordagem nesta parte do capítulo, são os trechos do periódico, nas seções que compunham a parte de divulgação internacional, com informes extraídos de outros periódicos, que eram traduzidos e publicados nas áreas “*Revista de Revistas*” e “*Noticiário*”, único meio de informação acerca dos

---

<sup>272</sup>GABAGLIA, A. C. Raja. *Poder Marítimo nas Duas Guerras Mundiais* (1914-1918 – 1939-1945). Rio de Janeiro, Imprensa Naval, 1953, p.363-365.



acontecimentos da Guerra. Além disso, abordaremos a efetiva participação da Marinha de Guerra do Brasil, na Batalha do Atlântico, observando suas missões realizadas e o envolvimento próximo com os militares norte americanos, interessados na projeção estratégica que o país tem na zona do Atlântico Sul.

Durante o ano de 1939, a *Revista Marítima Brasileira*, não publicou nenhum artigo de grande relevância sobre os acontecimentos na Europa e Atlântico, se limitando apenas às suas publicações normativas referente a biografia e estudos de batalhas passadas e momentos históricos, caracterizando a nova diretriz seguida com o comando da redação pelo comandante Didio A. da Costa, que publicava artigos de sua autoria referente ao campo da produção de História, como exemplos, o artigo dividido em cinco partes, denominado ‘*História Marítima do Rio de Janeiro*’ e outro chamado ‘*Importância do estudo de campanhas passadas*’.<sup>273</sup> Sobre a situação de confronto em território Europeu, a RMB, em sua edição de setembro/outubro de 1939, publica na seção ‘*Noticiário*’, texto sem autoria própria, provavelmente escrito pelo responsável pela organização da seção, chamado ‘*Guerra na Europa*’, primeira vez da revista comentando sobre a delicada situação no continente e as tensões existentes entre Alemanha de um lado, e a Inglaterra, França e Polônia de outro, após a ocupação de Dantzig pelas forças militares germânicas, em 1º de setembro e logo após, as declarações de guerra oficiais entre os países. Notamos também, que há presente na mesma seção, a publicação dos atos administrativo daquele ano, onde é transcrito o ato que declara as regras de neutralidade do Brasil, o decreto lei nº 1561 de 2 de setembro de 1939, que aprova a situação neutra do país, no caso de guerra entre potências estrangeiras, não americanas.

Percebemos, que a partir do ano de 1940, começa a demonstrar o que viria a ser a preocupação máxima dos envolvidos na Guerra, em relação à atuação do Eixo nos mares, principalmente referente ao Oceano Atlântico. Naquele ano a seção ‘*Revista de Revistas*’, apresentou traduzido, informação de periódico estrangeiro sobre a condução estratégica tomada pelos oficiais da Marinha Alemã. O texto intitulado ‘*A Estratégia Naval Alemã*’, já contornava os traços de como atuaria durante toda a progressão da Guerra a marinha germânica. O autor comenta da situação desfavorável que a Alemanha se encontrava, em comparação com a marinha Inglesa, pela falta de navios de batalha em sua esquadra principal. Por isso, foi preciso uma reformulação da mentalidade de seu Almirantado, desistindo num primeiro momento à antiga aspiração de conquistar o domínio do mar, e impondo-se desta vez, na compensação de objetivar seus esforços fundamentais, na guerra ao tráfego marítimo

---

<sup>273</sup> COSTA, Didio I. A da. *Importância do Estudo de Campanhas passadas*. Revista Marítima Brasileira. Ano 49, ns 3.1939.p.640.

com finalidade de enfraquecer e talvez quebrar a resistência econômica e comercial britânica.<sup>274</sup> Ainda em 1940, na edição de outubro da *Revista Marítima Brasileira*, notamos a publicação de notícias transcritas do periódico *Jornal do comércio*, intituladas ‘*Produção de Ferro no Brasil*’ e ‘*A borracha brasileira*’, que tratavam sobre a demanda de produção a pleno vapor, de ferro e aço no Brasil, além da preocupação em se manter uma taxa alta de produção da borracha brasileira e seus similares sintéticos, produtos que abasteciam a demanda nacional e eram exportados, visados principalmente pelos Estados Unidos para complementação de seus esforços de Guerra.<sup>275</sup>

As publicações da RMB, sobre outras forças militares estrangeiras estavam naquele momento, sendo voltadas para curiosidades do setor industrial internacional, questão referente a matéria prima da construção naval, além de dar destaque maior à publicações sobre a Marinha Norte-Americana, e seu crescimento exponencial, como visto na ‘*Revista de Revistas*’ de 1941, na divulgação dos textos: ‘*a produção de alumínio dos estados unidos e a industria bélica*’, ‘*A borracha nos Estados unidos*’ e ‘*a construção de navios de guerra nos estaleiros dos estados unidos aumenta de forma notável*’.<sup>276</sup> Desde os anos de 1930, há nos Estados unidos alterações em sua política externa que coadunam em uma maior aproximação diplomática com países da América Latina, na chamada política da boa vizinhança, que consistia em manter vínculos culturais, militares e econômicos com países latinos, afim de preservar a presença norte-americana naqueles continentes vizinhos, Americana central e Americana do Sul.

Os assuntos referentes à segurança e à defesa ganhavam paulatinamente maior relevância nas relações entre os países, principalmente entre norte-americanos e o Brasil. Tempone comenta, que o General Góes Monteiro foi aos Estados Unidos em junho de 1939, e que descreveria, em carta ao presidente Getúlio Vargas, o cuidado com que foi recebido em solo norte-americano: “*Desde os meus primeiros contatos com o povo, com o Exército, e com os grandes homens dos Estados Unidos, tenho sido alvo das mais francas demonstrações de amizade e interesse pelo Brasil*”<sup>277</sup> Na edição de Julho de 1941 da RMB, temos um artigo publicado, de autoria de Castro Guimarães, intitulado ‘*A Marinha Norte Americana*’, que se propunha em tecer comentários de exaltação à produção industrial bélica que vinham sendo

---

<sup>274</sup> A.R. *Revista de Revistas – A estratégia naval alemã*. Revista Marítima Brasileira. Ano 50, nº 4-5, 1940.p.1489-1490.

<sup>275</sup> A.R(org). *Revista de Revistas*. Revista Marítima Brasileira. Ano 50.nº8,p.1726.

<sup>276</sup> A.R.(org). *Revista de Revistas*. Revista Marítima Brasileira. Ano 51. Nº3-4. 1941.p.3287-3306.

<sup>277</sup> CPDOC/FGV, site <http://www.cpdoc.fgv.br/>, Arquivo Getúlio Vargas, GV c 1939.06.16/1. Apud TEMPONE, Victor. *O Brasil vai à guerra: a inserção brasileira em um conflito global*. Dissertação de mestrado apresentada em 2007, UERJ.p.105.

efetuada pelos Estados Unidos, em uma clara preparação ao Estado de beligerância iniciado na Europa, que afetava diretamente seus interesses e políticas de segurança no Atlântico.

Em uma tentativa de evitar as ameaças de submarinos do Eixo que visavam conter o fluxo de comércio e transporte de carga (como matéria prima) entre as nações aliadas, se intensificou o fortalecimento da conhecida por “Cintura do Atlântico”, referente a um estreito trecho entre a América do Sul e a África, partindo da proeminência geográfica de Natal, Rio Grande do Norte. Assim, foi necessário que fossem instaladas bases militares de vigilância no Brasil. O Eixo desejava interromper o envio de matérias primas para os Estados Unidos e o envio de suprimentos para a Grã Bretanha, iniciando assim o ataque às embarcações mercantes que navegassem pelo Atlântico.<sup>278</sup> Oriunda de 1941, e aprovada pelo Congresso americano, a Lei de Empréstimos e Arrendamentos (*Lend Lease Act*), compreendia acordos de assistência norte americanos aos aliados contra o Eixo. Durante a atuação deste programa, estabelecido na parceria com os norte-americanos, foram incorporados às frotas brasileiras, um efetivo de meios navais, tais como : Caça-Submarino classe G, começando pelo *G1-Guaporé* e o *G2-Gurupi* e oito Caça-Submarinos classe J (*Sub-Chasers*), o *Javari*, *Jutaí*, *Juruá*, *Juruema*, *Jaguarão*, *Jaguaribe*, *Jacuí* e *Jundiá*.<sup>279</sup>

Assim também, percebemos que o engajamento dos norte-americanos no conflito mundial, em dezembro de 1941, aumentou automaticamente as pressões por um alinhamento brasileiro. Para os EUA tornou-se essencial assegurar uma base militar na costa do nordeste brasileiro que apoiasse suas operações no norte da África. Era de urgência também garantir o suprimento de uma variedade de materiais estratégicos brasileiros, em especial de material para fomento do processo industrial da indústria, como já mencionado anteriormente, do campo bélico, como alumínio, níquel, cobre, magnésio, quartzo, bem como a produção de borracha, por exemplo.<sup>280</sup>

Em publicação de Julho de 1942, na seção “Noticiário” da *Revista Marítima Brasileira*, vemos no quadro de notícias nacionais, uma publicação referente ao Departamento de Imprensa e Propaganda, intitulada ‘*Inominável atentado contra o Brasil*’. O texto vem informar aos leitores sobre os afundamentos das embarcações vapores, *Baenpendi*, *Anibal Benévolo*, *Araraquara*, *Itagiba* e *Arará*, por submarinos pertencentes à

---

<sup>278</sup> DUARTE, Paulo Q. *Dias de Guerra no Atlântico Sul*. Bibliex, Rio de Janeiro, 1968.

<sup>279</sup> MARTINS, Hélio Leôncio; SALDANHA DA GAMA, Artur Oscar. *A Marinha na Segunda Guerra Mundial in Historia Naval Marítima Brasileira*, Volume Quinto TOMO II. Serviço de Documentação Geral da Marinha. Rio de Janeiro, 2006.p.303.

<sup>280</sup> MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência: A política externa brasileira de 1935 a 1942*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.p.115.

países do Eixo.<sup>281</sup> A *Revista Marítima Brasileira* ainda faz um adendo ao texto, dizendo que a bordo do *Baependi* seguia para o Nordeste do Brasil parte de uma unidade do Exército com efetivo de praças, e a publicação comenta sobre os ataques às indefesas embarcações que estavam em circulação na costa do país, para transporte de passageiros e cargas de um Estado para outro e foram abruptamente atacadas por submersíveis inimigos. O autor do texto diz:

Nosso país, dentro de sua tradição, não se atemoriza diante de tais brutalidades e o Governo examina quais as medidas a tomar em face do ocorrido. Deve o povo manter-se calmo, confiante na certeza de que não ficarão impunes os crimes praticados contra a vida e os bens brasileiros.<sup>282</sup>

Essa movimentação intensa no Atlântico Sul, foi o maior perigo representado e motivo para o Brasil declarar guerra ao Eixo, pois o país dependia das rotas marítimas para importações e exportações essenciais para o mantimento de sua economia<sup>283</sup>, bem como o cerceamento das comunicações internas entre cidades brasileiras. A *Revista Marítima Brasileira* publicou ainda em 1942, o texto ‘Fala o Ministro da Marinha’, onde Almirante Guilhem se dirige ao presidente do Brasil e comenta do preparo da instituição frente aos acontecimentos recentes:

Os marinheiros do Brasil não esperaram que o inimigo viesse bater às suas portas para correr a seus postos: - muito antes que as nuvens de borrasca chegassem a este lado do Atlântico, já os navios da Armada percorriam a costa do nordeste vigilantes e dispostos a enfrentar as agressões externas, e desde os primeiros dias deste ano a gente da Marinha, manteve-se na vida árdua de patrulha no mar, animosa e devotada, sem que disso se apercebessem os nossos patrícios. É que a Marinha Sr Presidente, cumpre o seu dever em silêncio e é nesta discricção, que herdamos dos nossos heróicos antepassados, que reside a nossa maior gloria, a gloria do bem à pátria.<sup>284</sup>

A entrada brasileira na Guerra acontece, pois dentre diversos fatores, houveram incidentes de ataques e destruição à navios mercantes brasileiros, na costa nacional, que são atribuídos á submarinos oriundos do Eixo<sup>285</sup>, o que gera uma iminente progressão na tensão e rompimento com as relações diplomáticas entre os países envolvidos.

---

<sup>281</sup> ANONIMO. *Noticiário- Inominável atentado contra o Brasil*. Revista Marítima Brasileira. Ano 53, n1-2.1942.p.223-224.

<sup>282</sup> ANONIMO. *Noticiário- Inominável atentado contra o Brasil*. Revista Marítima Brasileira. Ano 53, n1-2.1942.p.226

<sup>283</sup> ALVES, Vágner Camilo. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: a história de um envolvimento forçado*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio,2002.

<sup>284</sup> ANONIMO *Noticiário*. Fala o Ministro da Marinha. Revista Marítima Brasileira. Ano 53, n4.1942.p.518

<sup>285</sup> Um dos maiores ataques, foi a série de navios mercantes torpedeados pelo submarino *U-507*, que somou mais de 600 perdas de brasileiros.

Alem desta situação, a entrada dos Estados Unidos na guerra<sup>286</sup>, foi significativa no que tange ao envolvimento dos países da América latina, a partir do qual os submarinos alemães passam a atuar no Atlântico Sul e começaram a estratégia de ataque á navios até então dados como neutros na Guerra. Passaram a se intensificar as ações no Atlântico e novos meios navais foram se incorporando, além da utilização de bases adquiridas por norte americanos situadas nas ilhas atlânticas, elementos fundamentais para a estratégia aliada de vigilância das rotas comerciais.

Paulo de Queiroz Duarte aborda, que as ações no Atlântico passaram a se intensificar, mas a Marinha do Brasil não estava ainda preparada para o enfrentamento de submarinos, no que se refere a conhecimentos, equipamentos e armamentos, mas devido a sua posição estratégica geográfica favorável, principalmente no Nordeste do país, o Brasil passou por um programa de renovação de sua esquadra e por um treinamento de seus homens para táticas anti-submarinas<sup>287</sup> para auxílio ao governo norte americano na defesa do hemisfério sul. Os Estados Unidos instalaram bases e centros de treinamento, como os Centros de Instrução de Guerra Anti-Submarino(CIGAS) no Recife e Natal. No Nordeste brasileiro foi criado a Força Naval do Nordeste, contando uma frota mista de embarcações, desde cruzadores, caça submarinos, contra torpedeiros de escolta (CTE), entre outras embarcações com o objetivo de cumprir com as funções militares nas missões da Marinha no cenário da guerra, ao longo do litoral brasileiro<sup>288</sup>, contribuindo para que a navegação dos aliados Atlântico Sul fosse assegurada, além de barrar qualquer investida dos submarinos e das trocas de materiais vitais para a economia interna e claro, armamentos entre Alemanha e Japão.

Como observado pelo Almirante Arthur Saldanha da Gama em um levantamento das ações da Marinha brasileira durante a Guerra, escrito em conjunto com o Almirante Helio Leôncio, ‘*os comboios eram basicamente trens de suprimentos que iam pelo mar*’,<sup>289</sup>, assim os navios a serem protegidos seguiam em formação, sendo escoltados pelos navios de guerra

---

<sup>286</sup> No dia 7 de dezembro de 1941, o Japão bombardeou a base norte-americana de Pearl Harbor, localizada no Havaí, onde destruiu com o ataque aviões e navios. Foi então declarada guerra por parte dos Estados Unidos ao Japão, e posteriormente a Alemanha e Itália.

<sup>287</sup> DUARTE, Paulo de Queiroz. *Dias de Guerra no Atlântico Sul*. Bibliex, 1968 p.141

<sup>288</sup> DUARTE, Paulo de Queiroz. *Dias de Guerra no Atlântico Sul*. Bibliex, 1968 p.146

<sup>289</sup> GAMA, Arthur Oscar Saldanha Da ; MARTIS, Hélio Leôncio. *A Marinha na Segunda Guerra Mundial in: História Naval Brasileira*, Ministério da Marinha, Serviço de Documentação Geral da Marinha v 5, tomo II. Rio de Janeiro, 1985.p. 331.

localizados em posições estratégicas, junto com patrulhas de aviões fazendo a vigilância das rotas<sup>290</sup>.

Assim, além de Força Naval Anti submarinos, foi necessário instruir e adestrar as equipes que iriam operar e utilizar equipamentos específicos do combate naval daquele momento, como os sonares, os foguetes e as bombas de profundidade. Seriam os sargentos que ficaram encarregados do controle a utilização dos sonares, afim de detectar e lançar ataques visando neutralizar, as ameaças submarinas, ao passo que aos oficiais, seria imposto os encargos de análise dos registros dos contatos, a identificação dos submersíveis inimigos e a condução das respostas ofensivas e situações de confronto. Após o adestramento do elemento humano ser conduzido por experiências nos centros de treinamento norte americanos, e os então criados no Brasil, a falta de experiência da Marinha brasileira nesse tipo de guerra anti-submarina estaria, ou deveria estar minimamente, suprida.

Os acordos com os Estados Unidos, ainda proporcionaram uma incorporação de efetivo bélico naval, substancial para a Marinha de Guerra do Brasil, como na vinda de vários navios de guerra já preparados para o tipo de combate submarino, principal ameaça para o litoral as missões do Atlântico. Com a atuação brasileira nos comboios de navios mercantes, a Marinha chegou a um numero de mais de 3 mil navios comboiados, sendo mais de mil norte americanos, e outros de países aliados ao Brasil<sup>291</sup>. Outras missões de grande importância para o esforço de guerra, que foram executadas pela Marinha do Brasil, foram as de participação da escolta da Força Expedicionária Brasileira (FEB), que se dirigia rumo à Europa para atuar principalmente em território Italiano, auxílio as tropas terrestres aliadas no avanço dos Aliados por solo Europeu. Além disso, a Marinha de guerra do Brasil, é creditada pela atuação em salvamentos ocorridos ao longo da guerra, de navios de nacionalidade aliada e socorro aos aviões que faziam as rotas vinda da África, passando pelos ataques inimigos.<sup>292</sup>

Em julho de 1944, a *Revista Marítima Brasileira* publicou uma serie de pequenos artigos, em uma seção criada no ano anterior, intitulada *Respiga*, que tinha por objetivo reunir publicações sobre um mesmo assunto em textos em formatos de crônicas, narrações ou artigos

---

<sup>290</sup> GAMA, Arthur Oscar Saldanha Da ; MARTIS, Hélio Leôncio. *A Marinha na Segunda Guerra Mundial in: História Naval Brasileira*, Ministério da Marinha, Serviço de Documentação Geral da Marinha v 5, tomo II. Rio de Janeiro, 1985. Pag. 369

<sup>291</sup> GAMA, Arthur Oscar Saldanha Da ; MARTIS, Hélio Leôncio. *A Marinha na Segunda Guerra Mundial in: História Naval Brasileira*, Ministério da Marinha, Serviço de Documentação Geral da Marinha quinto volume, tomo II. Rio de Janeiro, 1985. Pag. 269-274

<sup>292</sup> GAMA, Arthur Oscar Saldanha Da ; MARTIS, Hélio Leôncio. *A Marinha na Segunda Guerra Mundial in: História Naval Brasileira*, Ministério da Marinha, Serviço de Documentação Geral da Marinha quinto volume, tomo II. Rio de Janeiro, 1985. Pag. 374

propriamente ditos, no referido caso se tratava sobre a participação da Marinha de Guerra do Brasil na Segunda Guerra Mundial em concordância com o cenário Aliado. O primeiro publicado, intitulava-se ‘*O Brasil na guerra*’ e compreende comentários sobre a atuação conjunta da parceria Brasil-EUA, e a efetividade de atividades no patrulhamento das linhas marítimas do Atlântico Sul, para manutenção da segurança das rotas comerciais. Sobre o posicionamento da Marinha brasileira, vemos:

O Almirante Jonas Ingram afirmou que o decréscimo de efetivos das forças norte-americanas, nesta parte do atlântico, foi tornado possível graças ao concurso da marinha de guerra do Brasil. A cada unidade naval brasileira que entra em operação, uma unidade norte americana correspondente é retirada para operar em qualquer outro ponto. Quer isto dizer que a nossa esquadra está participando efetivamente da luta que se trava no Hemisfério contra os corsários eixistas. Alias, a ameaça submarina alemã está definitivamente controlada.<sup>293</sup>

É interessante notar também, que os responsáveis editoriais pela *Revista Marítima Brasileira*, pareciam ao longo da década de 1940, se valer das seções do periódico, para publicar informes, de outras revistas e meios de divulgações, nacionais ou internacionais que celebrassem e engrandecessem os feitos e participações tomadas no cenário de guerra, por parte da Marinha de Guerra do Brasil.

Começamos a perceber na RMB, o que parece ser um sentimento de que houve uma falta de valorização nacional aos esforços militares navais de proteção litorânea, além de uma subjugação das missões conjuntas com os Estados Unidos, tendo principais periódicos do período dado maior enfoque à contribuição da FEB no teatro de operações na Itália. Sobre este assunto, na mesma edição de 1944, vemos a publicação do texto ‘*O Esforço Direto e Efetivo do Brasil na Guerra*’, composta de uma transcrição de carta, de autoria do Capitão de Fragata Gerson de Macedo Soares, Chefe do Estado-Maior da Força Naval do Nordeste, endereçada como resposta, à fala do Embaixador Britânico, Donald St. Clair Gainer, proferida a um periódico nacional não identificado, que se referiu ao esforço de guerra brasileiro, como sendo as ações que a força expedicionária faria ao desembarcar em solo Europeu e agradecendo o país, por esta que para ele seria a participação direta e efetiva do Brasil na Guerra. O Comandante Gerson então transparece sua opinião sobre a fala do Embaixador, tida por ele como injusta:

Já se tornou hábito declarar-se *urbi et orbis* [“à cidade e ao mundo” – grifo nosso] que, com a próxima ida da força expedicionária brasileira para a Europa, é que o Brasil vai tomar parte *efetiva* ou *direta* na guerra. Ora, desde que esta foi declarada entre nosso País e o Eixo, vêm a nossa Marinha de Guerra e a Força

---

<sup>293</sup> ANONIMO. Respiga (org). Revista Marítima Brasileira. Ano 54, n° 1,2 e 3,1944.p.207.

Área Brasileira tomando parte realmente *efetiva e direta* na guerra, em um dos teatros marítimos de suas numerosas operações, qual seja no Atlântico Sul, onde submarinos alemães e italianos agiram efetiva e tenazmente, afundando numerosos navios.

Nossas naves de guerra foram, desde o principio, empregadas a fundo, nos duros serviços de escolta a comboio, em toda a costa do Brasil e até para o estrangeiro; de patrulha oceânica; de caça direta aos submarinos; de socorro a naufragos e navios torpedeados, e vários outros serviços da mesma espécie daqueles em que se empenhavam os navios de guerra americanos e ingleses nesta área de operações. Desde que se declarou a nossa guerra[...] não se passou um só dia, fosse qual fosse o tempo, em que pelo menos um navio de guerra brasileiro não estivesse, no mar em serviço efetivo na guerra.

Nas numerosíssimas operações de comboios por exemplo, dezenas e dezenas de navios mercantes ingleses, representando centenas de milhares de toneladas, foram escoltados, com toda segurança, por navios de guerra brasileiros exclusivamente ou em conjunto com navios norte-americanos, em águas em que *a guerra era efetiva*, pois o inimigo a infestava e seus submarinos afundavam numerosos navios.<sup>294</sup>

A Missão Brasileira no Atlântico Sul estava concentrada em operações de proteção das linhas de comunicações, principais alvos dos submarinos alemães, utilizando de comboios de embarcações militares, anti-submarinas, para a escolta dos navios mercantes de nacionalidades aliadas, tornando assim a maior atuação da marinha brasileira na Batalha do Atlântico<sup>295</sup>. Além dos navios, aviões patrulhavam adiante das rotas percorridas, atacando os submarinos avistados ou, pelo menos, fazendo-os mergulhar e perder suas possibilidades ofensivas. Outra considerável participação das forças navais brasileira, foi a operação da Marinha de Guerra Brasileira de patrulhamento do litoral e bloqueio dos suprimentos alemães provenientes do Oriente, onde uma das Esquadras da Marinha participou da tarefa realizando patrulhas e escoltas oceânicas até o final definitivo do confronto em 1945, que marca o próprio fim da Campanha militar no Atlântico.<sup>296</sup>

---

<sup>294</sup> ANONIMO. Respiga (org). Revista Marítima Brasileira. Ano 54, nº 1,2 e 3,1944.p.208-210.

<sup>295</sup> MINISTERIO DA MARINHA.Historia da Marinha Mercante Brasileira. Ministério da Marinha, Serviço de Documentação Geral da Marinha v 1 Rio de Janeiro, 2005 p.369

<sup>296</sup> MINISTERIO DA MARINHA.Historia da Marinha Mercante Brasileira. Ministério da Marinha, Serviço de Documentação Geral da Marinha v 1 Rio de Janeiro, 2005 p.389-392



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das páginas deste presente trabalho, buscamos atingir objetivos fundamentais para nos aportar em nossa compreensão do envolvimento naval militar brasileiro, nas duas grandes guerras mundiais. Primeiro, foi o de demonstrar que a fonte impressa escolhida, além de fazer parte de um projeto de inserção da instituição militar Marinha do Brasil, na produção de uma particular imprensa periódica do século XIX, também nos dá as ferramentas necessárias para analisar o entendimento por parte dos oficiais da Marinha, de sua própria realidade intelectual, de interesses políticos do país, produtividade industrial brasileira e avanço tecnológico, bem como de se compreender inseridos dentro de um processo natural de desenvolvimento da arte da guerra, fomentada pelo surgimento de novas formas e cenários militares ao longo da virada para o século XX e no desenrolar dos grandes confrontos mundiais que ocorreriam. Os periódicos militares formam um padrão ao longo do período, de forma que nos parece impossível analisar os periódicos longe da perspectiva de existência da imprensa militar como um campo de estudo. Logo, os periódicos precisam ser compreendidos dentro desta perspectiva.

Segundo, nosso objetivo foi o de demonstrar que os responsáveis editoriais pelas publicações, produções de artigos e informes do periódico, podem ter contribuído com a fomentação de um discurso institucional da Marinha de Guerra que definisse uma identidade de si. Ou seja, os redatores dos periódicos buscaram, através do tempo, definir o próprio entendimento de pertencimento como militar da Marinha do Brasil, em um período quando, tanto a instituição militar quanto o próprio Estado brasileiro, estavam, ainda, em definição. A existência da imprensa periódica militar internacional era percebida pelos redatores dos periódicos brasileiros, pois inúmeras referências foram registradas nesta pesquisa. Pois há todo um processo de divulgação de informação, oriundo de periódicos militares internacionais, que contribuíram para a construção do entendimento da realidade militar mundial, com seus avanços e atualizações.

Portanto, nossa pesquisa se configurou na busca de entender, que as publicações da RMB, continham determinados objetivos particulares referente a seus produtores editoriais, seja de instruir o público alvo, prioritariamente militares oficiais, acerca de assuntos particulares ao mundo naval e técnico-militar, ou se perceber como uma instituição inserida no processo de mudanças ao longo da História política internacional, e os desdobramentos que tais modificações causaram no processo de compreensão da missão da Marinha de guerra

do Brasil, para com sua nação, e na conjuntura de alianças internacionais e defesa de interesses correlatos.

Conseguimos observar assim, que por estar em atividade de publicação desde o século XIX, a *Revista Marítima Brasileira*, se mostra uma fonte interessante de análise da percepção dos oficiais da marinha para o determinado contexto cronológico de análise. As publicações de informes, transcrições de notícias de periódicos nacionais e internacionais, serviram como uma base, para se construir um entendimento militar próprio, das ações proferidas pela Marinha de Guerra do Brasil nas Guerras Mundiais, e os períodos entre elas.

Na Primeira Guerra Mundial, o conflito que eclodiu na Europa em julho de 1914, em seu início nada dizia respeito ao Brasil, em vista do distanciamento geográfico por razões referentes a situação sócio-política, das crises econômicas e financeiras por qual passava o país, quando as preocupações estratégicas nacionais se voltavam prioritariamente para território nacional. Porém, a intelectualidade e as elites políticas brasileiras logo se envolveram em assuntos correlatos aos desdobramentos que levaram a eclosão da Guerra da Europa.

Percebemos com base na RMB, o surgimento de publicações que visavam promover debates sobre a situação política e militar que levaram os conflitos internos da Europa, à um patamar globalizado, ou quase isso, e uma tendência particular da Marinha do Brasil em entender os avanços proferidos por forças militares envolvidas na guerra, favorecendo sempre à causa aliada, pressionados diplomaticamente pela Inglaterra e França. O Brasil acaba inserido neste contexto internacional, pois o café, principal produto de exportação do país, sofreu restrições por parte dos Aliados, gerando do preço do café no mercado externo. Além disso, o ingresso dos Estados Unidos na guerra para assegurar o pagamento das vendas e empréstimos feitos aos Aliados deixava nítido o lado que se sobressairia ao final do confronto, e o governo brasileiro declarou a intenção estreitar a aproximação com os norte-americanos.

O envio de forças brasileiras para combater em território estrangeiro, conforme visto em publicações do periódico pesquisado, se daria em defesa da Pátria contra agressão externa, e auxílio às forças aliadas. Os benefícios de maior alcance auferidos com a participação do Brasil na Grande Guerra, principalmente referente a efetiva missão de patrulhamento protagonizado pela DNOG na África, foram entre outras : o ganho de experiência militar, mesmo que tardia e ainda de forma básica, sobre as novas formas de

combate que sugeriram com os avanços dos meios bélicos e navais; a experiência diplomática por ter se envolvido mais diretamente no jogo de poder das grandes potências, o que levou o Brasil a participar, ainda que com restrições, das Conferências de Paz; interesse no processo de industrialização do país, e o alerta para se pensar em investimentos para o fomento de estratégias de proteção e defesa de interesses nacionais; e a ocasião do contato com outras forças armadas aliadas, que geraram missões militares estrangeiras no Brasil, afim de auxiliar no processo necessário de reorganização administrativa da Marinha do Brasil e as forças armadas como um todo.

Em sua participação na Segunda Guerra Mundial, podemos notar pelos informes da Revista Marítima Brasileira, o processo de busca por uma modernização da Marinha brasileira, tanto no período anterior à entrada do Brasil na Guerra, quanto ao longo de sua progressão até a declaração oficial do Estado de Guerra, onde se apresentou características singulares em relação à modernização das marinhas das potências militares da Europa.

A causa principal de se prevalecer informações acerca principalmente de uma aproximação com os Estados Unidos, se dá pois o Brasil estava dependente da tecnologia bélica utilizada pelas grandes potências, especialmente os norte-americanos, exemplo para os oficiais brasileiros, o que colocava a importação de navios e necessidade de adestramento do material humano, como o principal desejo para a instituição da Marinha de Guerra do Brasil..A Marinha iniciou a Segunda Guerra Mundial com uma frota considerada obsoleta, fragilizada pelo rápido avanço tecnológico do período entre as duas Guerras Mundiais, e incapaz de defender os interesses nacionais e suas divisas litorâneas.

Programas navais foram uma preocupação bastante particular, observada nas publicações dos diversos diretores que assumiram a redação da RMB, e ainda que em dado momento, um programa naval estivesse em execução, com materiais fornecidos principalmente por estaleiros europeus, ele não previa a incorporação de tecnologias avançadas para a época ou equipamento antissubmarino, de extrema importância para o cenário que se instaurou na guerra marítima, com a incursão de submarinos no Atlântico.

A preocupação em defender o Atlântico Sul, participando de missões ativas durante a chamada Batalha do Atlântico, colocaram a marinha de guerra do Brasil numa perspectiva de avanço em se entender como força militar global e não mais apenas regional. A RMB, contribuiu neste cenário, para fomentar o imaginário e construir através de suas publicações, o percurso tomado pelas decisões políticas e militares dos chefes de comando do Brasil e dos

Estados Unidos, bem como nutrir um sentimento de patriotismo por parte da instituição e orgulho das suas ações feitas ao longo da guerra.

Entendemos assim, que a revista serviu como instrumento institucional, que refletia as colocações pessoais de seus redatores e diretores, bem como a da própria instituição, em seu entendimento como tendo uma importante função para com o seu país. Portanto, esperamos que esta pesquisa contribua para a renovação do olhar historiográfico sobre a utilização de períodos militares como fonte de pesquisa das instituições militares que os produzem, da própria natureza da produção de imprensa militar e intelectualidade do seu corpo editorial e o papel que assume a Marinha de Guerra do Brasil nas duas Grandes Guerras Mundiais do Século XX. Vale salientar que minhas análises e considerações sobre a produção da *Revista Marítima Brasileira* e o envolvimento militar do Brasil nas guerras, são apenas algumas possibilidades interpretativas, inseridas dentre várias outras possíveis, que se mostraram capazes, como demonstramos, de oferecer uma compreensão de alguns aspectos da produção periódica militar da Marinha de Guerra do Brasil, durante seu entendimento como instituição militar, inserida em eventos de natureza conflituosa ao longo da História.

## REFERENCIAS

### 1.Bibliografia:

ALONSO,Wladimir; SCHUCK-PAIM, Cynthia; SHANKS, Dennis; ALVES DE ALMEIDA, Francisco. **A alta mortalidade da pandemia espanhola na divisão naval em operações de guerra em 1918**.Revista Navigator n°17, 2013.

ALVES,Vágner Camilo. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**: a história de um envolvimento forçado. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio,2002.

AMARAL, Misael Henrique. **A influência norte-americana na Marinha brasileira e seus reflexos ao longo do século XX**. Revista Navigator n° 20, Rio de Janeiro, 2014.

ARAUJO, JOHNY.**A construção do Poder Naval brasileiro no início do século XX**: dos programas navais à grande guerra (1904-1917) .Revista Navigator n°2, Rio de Janeiro, 2005.

ARIAS NETO, José Miguel. **Em busca da cidadania: praças da Armada Nacional 1867-1910**. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_. **Revista Marítima Brasileira: 1851-1855**: A liberdade de pensamento na Marinha imperial e o projeto de nação no século XIX. Revista Brasileira de História Militar. N. 8, 2012.

\_\_\_\_\_. **A Marinha Brasileira no inicio do século XX**: Tecnologia e Política.Revista Antíteses, 1, v. 7, n. 13, jan. /Jun. 2014.

\_\_\_\_\_. **Imprensa Militar nos Oitocentos**: A Revista Marítima Brasileira: 1851-1855. Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Impressa integrante do 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013.

\_\_\_\_\_. **Imprensa Militar no século XIX**: um balanço preliminar. Revista Navigator , n° 18. Rio de janeiro, 2014.

ARCHER, Jones. **The Art of War in the Western World**. ed 1. New York: Oxford University Press.,1987.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e Discurso, História e Literatura**. São Paulo, Editora Ática S.A., 1995.

BAKHTIN, M..**Marxismo e Filosofia da Linguagem**: Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. Annablume Editora. São Paulo, 2002.

BARROS, José D'Assunção. **História Política: o estudo historiográfico do poder, dos micro poderes, do discurso e do imaginário político**. *Educere et Educare*.Revista de Educação. n°4,2009.

\_\_\_\_\_. **O Campo da História -Especialidades e Abordagens – 7º edição**, Rio de Janeiro, Vozes, 2010.

BERGER, Paulo. **A tipografia no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1984.

BLAIR, Clay. **Hitler's U-Boat War: The Hunters, 1939-1942**. Modern Library ,1st Edition, 2000.

BOBBIT, Philip. **A Guerra e a Paz na História Moderna** .Rio de Janeiro: Editora Campus, 2003.

BONIFACE.Pascal.**Dicionário das Relações Internacionais**.Plátano Edições Técnicas, Lisboa,1997.

BORIS, Fausto. **História do Brasil**.São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.

BRAGA.Luiz Henrique de Azevedo. **Serviço de documentação da Marinha-60 anos**. n 7 2003.

BRASIL. Ministério da Marinha. **Relatório apresentado ao Vice-Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo ministro e secretário dos negócios da Marinha**,

**Contra-Almirante José Gonçalves Duarte, em 1894.**Rio de Janeiro: Imprensa Nacional,1894.

BRASIL. Ministério da Marinha. **Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Contra-Almirante J. Pinto da Luz, Ministro de Estado dos Negócios da Marinha.**Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900.

\_\_\_\_\_. Ministério da Marinha. **Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Contra-Almirante Júlio Cesar de Noronha, Ministro de Estado dos Negócios da Marinha.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1903.

\_\_\_\_\_. **Decreto 6.510 de 15 de junho de 1907. Reorganiza a Bibliotheca e Museu da Marinha.**Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, seção 1, 11 de junho de 1907.

\_\_\_\_\_. **Relatório do Ministério de Estado dos Negócios da Marinha de 1919,** Rio de Janeiro: Impr. Nacional, 1919.

\_\_\_\_\_. **Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.** Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1930.

\_\_\_\_\_. *Relatório Apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.* Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1937.

BRAZ, Wenceslau. **Mensagem Presidencial apresentada ao Congresso Nacional em 1915.**Disponível em:<<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/wenceslau-braz/mensagens-ao-congresso/mensagem-ao-congresso-nacional-na-abertura-da-primeira-sessao-da-nona-legislatura-1915>>.

\_\_\_\_\_. **Mensagem Presidencial apresentada ao Congresso Nacional em 1917.**Disponível em : <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/wenceslau-braz/mensagens-ao-congresso/mensagem-ao-congresso-nacional-na-abertura-da-terceira-sessao-da-nona-legislatura-1917>>.

BURKE, Peter. **História e Teoria Social**. Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Unesp, 2002.

BUENO, Clodoaldo; CERVO, Amado Luís. **A política externa brasileira (1822 – 1985)**. São Paulo, Ed. Ática, 1986..

BUENO, Clodoaldo . **Política Externa da Primeira República**. Os anos de apogeu: de 1902 a 1918, São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CABRAL, Ricardo P. **A Segurança Hemisférica e a Segunda Guerra Mundial** in O Brasil e a Segunda Guerra Mundial. DA SILVA, Francisco Carlos(org). Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

\_\_\_\_\_. **O Atlântico, a Defesa Hemisférica e a Segunda Guerra Mundial**. In: TEIXEIRA DA SILVA, F.C; SCHUSTER, Karl; ALVES DE ALMEIDA, Francisco Eduardo. (Org.). *Atlântico: a história de um oceano*. 1ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2013

CAMINHA, Herick Marques. **Historia administrativa do Brasil: Organização e administração do Ministério da Marinha na Republica**. V. 36. Fundação Centro de Formação do Servidor Público. Serviço de Documentação da Marinha, Rio de Janeiro, 1989.

CAMINHA, João Carlos Gonçalves. **História marítima**. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1980.

CARVALHO, Susana Maria Poças de. **Dois olhares sobre uma guerra: A Costa dos Murmúrios**. Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses Interdisciplinares Universidade Aberta Lisboa, Outubro de 2008.

CARVALHO, Virgílio de. **A importância do Poder Naval em Tempo de Paz**. Revista Defesa e Nação. Instituto de Defesa Nacional, nº 12, 1979.

CASTRO, Celso. KRAAY, Hendrik. IZECKSOHN, Vitor (org.). **Nova história militar brasileira**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.



CLAUSEWITZ, Carl von. **Da Guerra**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CPDOC/FGV .Site <http://www.cpdoc.fgv.br/>. Arquivo **Getúlio Vargas, GV c 1939.06.16/1**. Apud TEMPONE, Victor. O Brasil vai à guerra: a inserção brasileira em um conflito global. Dissertação de mestrado apresentada em 2007, UERJ.

CREVELD, Martin van. **Technology and War I**. In TOWNSHEND, Charles. The Oxford History of Modern War. Oxford: Oxford University Press, 2000.

CHURCHILL, Winston S. **Memórias da Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

D'ARAÚJO, Maria Celina ,e CASTRO, Celso(orgs.). **Ernesto Geisel**. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1997.

DOENITZ, Karl. **Memoirs: Ten Years and twenty Days**. New York, Capo, 1997.

DOPCKE, Wolfgang. **Apogeu e colapso do sistema europeu (1871-1918)**. Brasília: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, 2001.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra**: Nova História da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DUARTE, Paulo Q. **Dias de Guerra no Atlântico Sul**. Bibliex, Rio de Janeiro, 1968.

FERRO, Marc .**História da Primeira Guerra Mundial 1914-1918**, Rio de Janeiro, 1990.

FRANCO, Gilmar Yoshihara; SILVA, Márcia Pereira da. **Imprensa e política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica**. Revista História em reflexão, nº 08, Dourados, 2010.

FONSECA, Manoel Felipe. **Base Fox: aspectos do estabelecimento e desenvolvimento da base naval da u.s navy no recife durante a campanha do atlântico sul(1941-1943)**. Dissertação de mestrado apresentada em UFPE, 2014.

GABAGLIA, A. C. Raja. **Poder Marítimo nas Duas Guerras Mundiais (1914-1918 – 1939-1945)**. Rio de Janeiro, Imprensa Naval, 1953.

GAMA, Arthur Oscar Saldanha **A Marinha do Brasil na Primeira Guerra Mundial**, Rio de Janeiro: Capemi, 1982.

GOMES, Ângela de Castro **.Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo.** In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, n.11, 1993.

\_\_\_\_\_. **História e Historiadores.** A Política Cultural do Estado Novo. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

GOMES, Antonio. Marcos T..**O Desafio da análise de discurso:Os dispositivos analíticos na construção de estudos qualitativos.** Revista Enfermagem (UERJ), Rio de Janeiro, v 14, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo, Centauro: 2006.

HATTENDORF, John. **The uses of Maritime History in and for the navy.** Naval war college review. Newport: Naval war college Press n.2, 2003.

HERNANDES, Pablo Santos. **Cinema e Política da Boa Vizinhança: a expedição de Walt Disney ao Brasil.** Dissertação de mestrado apresentada na UNIRIO, 2015.

HOBSBAWN, Eric. **A Era dos Extremos:o breve século XX(1914-1918).** Companhia das Letras, 2008

\_\_\_\_\_. **A era dos impérios. 1875-1914.** Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2009.

HUMBLE, Richard . **A marinha alemã: a esquadra de alto mar.** Rio de Janeiro: Renes, 1974.

JULLIARD, Jacques. **A política.** In LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (dir.). História: novas abordagens. 3.ed. Rio de Janeiro:Francisco Alves Editora S.A, 1988.

KEEGAN, John. **A Batalha e a História**. Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro. 2006

\_\_\_\_\_. **Uma História de Guerra**. Companhia das Letras. 2006

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LESSA, Antonio Carlos. **História das Relações Internacionais**: a pax britânica e o mundo no século XIX, Petrópolis: Vozes, 2005.

LIGHT, Kenneth. **Trafalgar 1805: um mundo em transformação**. In: VIDIGAL, Armando; ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. (orgs.). Guerra no mar: batalhas e campanhas navais que mudaram a história. Rio de Janeiro: Record, 2009.

LOUREIRO, Marcelo. **A produção da História Militar recente: Desafios e perspectivas**. III Seminário de Estudos: Poder Aeroespacial e Estudos de Defesa. 2014.

LUCA, Tania Regina de. **Fontes impressas**: História dos, nos e por meio de periódicos *in* PINSKY, Carla (org). *Fontes Históricas*. 2ª Edição, São Paulo: Contexto, 2000.

MAIA, Prado. **DNOG: uma página esquecida da história da Marinha Brasileira**, Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1961.

MAHAN, Alfred T. **The Influence of Sea Power Upon History 1660-1783**. Dover Publications, 1987.

MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tania Regina. (orgs). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Hélio Leôncio; SALDANHA DA GAMA, Artur Oscar. **A Marinha na Segunda Guerra Mundial** in História Naval Marítima Brasileira, Volume Quinto TOMO II. Serviço de Documentação Geral da Marinha. Rio de Janeiro, 2006.

MASON, David. **Submarinos Alemães: A Arma Oculta**. Rio de Janeiro: Renes, 1975.

MENDEL, Ernest. **O Significado da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo, Ática, 1991.

MENDONÇA, Mário de; VASCONCELOS, Alberto. **Repositório de Nomes dos Navios da Esquadra Brasileira**. 3ª edição. Rio de Janeiro. SDM, 1959.

MINISTERIO DA MARINHA. **A administração da Marinha(1902-1906)**: Subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, Volume IX, 1950.

\_\_\_\_\_. **Historia da Marinha Mercante Brasileira**. Ministério da Marinha, Serviço de Documentação Geral da Marinha v 1 Rio de Janeiro, 2005

MORILLO, Stephen; PAVKOVIC, Michael F. **What is Military History?** 2nd ed. Cambridge: Polity, 2013.

MOURA, Gerson. **Autonomia na dependência: A política externa brasileira de 1935 a 1942**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

NASCIMENTO, Fernanda de Santos. **A imprensa periódica militar no século XIX**: política e modernização do Exército Brasileiro (1850-1881).. Exame de qualificação (Doutorado em História) , Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul., 2013.

\_\_\_\_\_. **A imprensa periódica militar no século XIX :o periódico O Militar Brioso**. Revista Navigator , nº 18. Rio de Janeiro, 2014.

ORLANDI, Eni P.. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2001.

PARENTE, Paulo Andre Leira. **O Almirante Tamandaré através da Revista Marítima Brasileira**: a construção da memória de uma instituição da Marinha do Brasil (1897-1950). Navigator. n. 6 Diretoria de Patrimônio e Documentação da Marinha, 2007.

\_\_\_\_\_. **A Construção de um nova História Militar**. Revista brasileira de História Militar. Ano 1, 2009.

PIRES, Livia Claro. **Pela nação e civilização: a Liga Brasileira pelos Aliados e o Brasil na Primeira Guerra Mundial.** Anais do XV. Encontro Regional de História da ANPUH-Rio. Rio de Janeiro, 2012.

RÉMOND, René. **Por que a História Política?** Revista Estudos Históricos. nº 13. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas. 1994.

\_\_\_\_\_. **Por uma história política.** Rio de Janeiro, UFRJ, 1996.

REITZ, Alessandra. **O processo de formação do Arquivo da Marinha do Brasil como instituição de pesquisa histórica e militar (1907-1953)** in Revista Navigator N.7, Rio de Janeiro, 2008.

RICHMOND, Herbert. **The importance of the Study of Naval History.** Naval review London: Naval Society n 27, 1939.

SANTOS, Loureiro. **Reflexões sobre Estratégia.** Temas de Segurança e Defesa. Instituto de Altos Estudos Militares. Publicações Europa-América.2000.

SANCHES, Marcos Guimarães. **A guerra: problemas e desafios do campo da História militar brasileira.** Revista Brasileira de História Militar. n. 1, 2010.

SILVA, C. A. Lopes da. **Redescobrimo a Marinha Oitocentista: o Projeto de Descrição do Acervo Documental da Secretaria de estado e Negócios da Marinha de 1808 a 1890.** Associação Brasileira de Estudos de Defesa, 2009.

SIRINELLI, François. **Os intelectuais.** In REMOND, René (org). Por uma nova história política. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.

SOARES, Luiz Carlos; VAINFAS, Ronaldo. **Nova História Militar.** In C. CARDOSO; R. VAINFAS, Novos domínios da história. Rio de Janeiro: Campus-Elsevier, 2011.

SONDHAUS, Lawrence. **A Primeira Guerra Mundial**. São Paulo: Contexto, 2013.

SOUZA NETO, J. M. G. **Para além das Colunas de Hércules: o Atlântico na Antiguidade**. In Francisco Carlos Teixeira da Silva; Karl Schurster de Sousa Leão; Francisco Eduardo Alves de Almeida. (Org.). *Atlântico: a História de um oceano*. 1ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

STEVENSON, David. **1914-1918: a história da Primeira Guerra Mundial**. São Paulo, Ed. Novo Século, 2016.

STEVENS, W.O; WESTCOTT, A. **História do Poder Marítimo**. Companhia Editora Nacional, 1958.

TEIXEIRA, Nuno Severiano. **A história militar e a historiografia contemporânea**. In: Revista A Nação e a Defesa. Lisboa: Instituto de Defesa Nacional, nº 59, 1991.

TEIXEIRA, Rui de Azevedo. **A Guerra e a Literatura**. Lisboa. Editora Vega, 2001.

TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. **A Batalha do Atlântico**. In VIDIGAL, Armando e ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. *Guerra no mar: batalhas e campanhas navais que mudaram a história*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

TEIXEIRA DA SILVA, F.C; SCHUSTER, Karl; ALVES DE ALMEIDA, Francisco Eduardo. (Org.). **Atlântico: a história de um oceano**. 1ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2013.

TEMPONE, Victor. **O Brasil vai à guerra: a inserção brasileira em um conflito global**. Dissertação de Mestrado apresentada na UERJ, 2007.

VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. **A evolução do pensamento estratégico naval brasileiro**. 3a ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1985.

VIDIGAL, Armando; ALVES DE ALMEIDA, Francisco (orgs). **Guerra no Mar: Batalhas e Campanhas que mudaram a história**. Ed. Record. 2009.

VINHOSA, Francisco Luiz Teixeira .O Brasil e a Primeira Guerra Mundia. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1990.

WALDMANN Júnior, Ludolf.**Tecnologia naval e política** : o caso da marinha brasileira na era dos contratorpedeiros, 1942-1970. Dissertação (Mestrado em Ciência Política – Universidade Federal de São Carlos), São Carlos, 2013.

WALTZ, Kenneth N. **O Homem, o Estado e a Guerra**: uma análise teórica. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WEIGLEY, Russel F. (org.). **Novas dimensões da História Militar**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

WOLLIAMSON, Gordon.**Wolf Pack: the story of the U-boat in World War II**.Osprey Publishing, 2005

WRIGHT, Quincy. **A guerra**. Rio de Janeiro, Bibliex. 1988.

ZAMOYSKI, Adam. **Ritos de Paz: a queda de Napoleão e o congresso de Viena**.Editora Record, 2012.

## **2. Fonte - Revista Marítima Brasileira:**

ANONIMO.**Srs. Deputados**. Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, n. 7, 1854.

\_\_\_\_\_.**Noticias Várias: Club naval**. Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro,n8.1890.

\_\_\_\_\_. **Ministério da Marinha: expediente da terceira secção**.Revista marítima Brasileira, n° 7,1905

\_\_\_\_\_. **A artilharia para os encouraçados brasileiros do programma de 1904-05**.Revista Marítima Brasileira. n°8-9, 1905.

\_\_\_\_\_. **O torpedo na guerra atual.** Revista Marítima Brasileira. n 9, 1915.

\_\_\_\_\_. **O Brazil em Estado de Guerra.** Revista Marítima Brasileira., n° 3-4,1917.

\_\_\_\_\_. **A fusão dos quadros da Marinha.** Revista Marítima Brasileira ns 7 e 8, 1918.

ANONIMO. **Almirante Vogelgesang.** Revista Marítima Brasileira. n°7.1927.

\_\_\_\_\_. **O novo governo.** Revista Marítima Brasileira. n°4-5,1930

\_\_\_\_\_. **Revista de revistas(org)** . Revista Maritima Brasileira.,n°10, 1935.

\_\_\_\_\_. **Noticiário: Inominável atentado contra o Brasil.** Revista Marítima Brasileira. n° 1-2,1942.

\_\_\_\_\_. **Noticiário:Fala o Ministro da Marinha.** Revista Marítima Brasileira. n° 4,1942.

\_\_\_\_\_. **Respiga (org).** Revista Marítima Brasileira. n° 1,2 e 3,1944.

\_\_\_\_\_. **REVISTA MARITIMA BRASILEIRA.** *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, n.os 7/8,2000.

ALENCAR,Alexandrino Faria de. **Disciplina e Patriotismo.** Revista Marítima Brasileira. n°2.1924.

\_\_\_\_\_. **Introdução do Relatório da Marinha.** Revista Marítima Brasileira. n°11,1925.

ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. **Alfred Thayer Mahan: O Homem.** Revista Marítima Brasileira, Rio de Janeiro, n. 4-6,2009.

\_\_\_\_\_. **Alfred Thayer Mahan: Os elementos do poder marítimo.** Revista Marítima Brasileira, Rio de Janeiro, n. 1-3, 2010.



A.R..**Revista de Revistas(org)-As Frotas das grandes potencias em 1938.** Revista Marítima Brasileira. n°1-2,1938

\_\_\_\_\_**Revista de Revistas(org) – A estratégia naval alemã.** Revista Marítima Brasileira. n° 4-5, 1940.

\_\_\_\_\_**Revista de Revistas(org).** Revista Marítima Brasileira. n°8,1940.

\_\_\_\_\_**Revista de Revistas(org).** Revista Marítima Brasileira. n°3-4,1941.

BOITEUX, Henrique. **A nossa Revista.** Revista Marítima Brasileira.Rio de Janeiro, n. 1,1906.

COITINHO,J.I.S. **Revista de Revistas(org): Valor estratégico e comercial do canal do panamá.** Revista Marítima Brasileira. numero 7, 1914.

COSTA, Didio I. A da. **Importância do Estudo de Campanhas passadas.** Revista Marítima Brasileira.ns 3.1939.

\_\_\_\_\_**Conselheiro Sabino Eloi Pessoa(1821-1897) .** Revista Marítima Brasileira. ns 9-10, 1939.

DUBOSE,Clarence. **Futura Guerra.** In VINHAES, Augusto(org).Revista de revistas. Revista Marítima Brasileira.,n°7.1931.

E.A . **Episodio da guerra do paraguay.** Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, n. 1, 1881.

FERRAZ. A.**Canhão norte-americano de 16 polegadas(40’’,6).**Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, n°12.1865.

FONSECA, HERMES. **Noticiário Marítimo.** Revista Marítima Brasileira, numero 2.1915.

F.P(org)..**Noticiário naval .** Revista Marítima Brasileira. n° 7-8, 1917 .

\_\_\_\_\_. **Noticiário Marítimo**. Revista Marítima Brasileira. n°7-8, 1918.

\_\_\_\_\_. **Noticiário**. Revista Marítima Brasileira.,n°1, 1923.

\_\_\_\_\_. **Noticiário**.Revista Marítima Brasileira.,n°2, 1923.

FREITAS, Carlos Vidal de Oliveira. **Club Naval**. Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, numero 17 , 1890.

LAMARE, José Victor de. **Polyphemus e Destroyer**. Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, n. 1, 1881.

L.C.P. **Revista de Revistas: o estaleiro contra o submarino**. Revista Marítima Brasileira .n° 7-8, 1918.

LIVRAMENTO, Affonso. **A Conflagração Européia** . Revista Marítima Brasileira. numero 2.1912.

MARTIS, Estevão Adelino. **O que deve ser a Marinha Mercante**. Revista Marítima Brasileira. n°7-8, 1918.

MEIRA, Levy Araujo. **Editorial**. Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, n 1, 1969.

MELLO, Americo Vieira de. (trad.) **Nelson e seus comandantes**. Revista Marítima Brasileira.,n°9,1935.

PAIVA MEIRA, Gentil Augusto de. **Missão estrangeira para a Marinha**. Revista Marítima Brasileira. n°8, 1922.

PEREIRA, Francisco Antonio. **Noticiário Marítimo**. Revista marítima Brasileira. numero 7, 1914.

PESSOA, Sabino Eloy. **As Trirremes de Athenas** .Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro. n. 1, 1881.

\_\_\_\_\_. **Revista Marítima Brasileira.** Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro. n. 1, 1881.

PORTO, Alvaro. **Os acontecimentos navaes.** Revista Marítima Brasileira. volume 9, 1915

PORTUGALOF, Nicholas. **O futuro da marinha russa.** Revista Maritima Brasileira. Rio de Janeiro, nº7.1911.

PROENÇA, Nicanor. **Revista de revistas :o submarino de combate.** Revista Marítima Brasileira, numero 8, 1915.

ROCHA, M. Carneiro da. **O Torpedo.** Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, n. 1, 1881.

SALDANHA, Luiz de . **As Marinhas militares do mundo.** Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, n. 1, 1881.

SEMENOFF (pseudônimo). **A crise dos quadros de officiaes na Marinha.** Revista Marítima Brasileira, Rio de Janeiro, ns 7e 8.1919.

THOMPSON, A. **Defesa da Costa do Brazil sob o ponto de vista Strategico.** Revista Marítima Brasileira, nº7, 1921.

VASCONCELLOS, M.A. Pereira. **Origens e Conseqüências da Grande Guerra.** Revista Marítima Brasileira. nº 3-4,1917.

VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. **Apontamentos sobre geopolítica.** Revista Marítima Brasileira.jul-set .2002.

VINHAES, Augusto. **A grande Guerra.** Revista Marítima Brasileira, numero 7, Janeiro de 1915.

\_\_\_\_\_. **A Genesis desta "revista".** Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, n.9, 1928.

\_\_\_\_\_. **Marinha de guerra japoneza.**Revista Marítima Brasileira.Rio de Janeiro, nº7. 1911.

\_\_\_\_\_.**Cartas á redacção.**Revista Marítima Brasileira.,nº3.1927.

\_\_\_\_\_.**Cartas á redacção.**Revista Marítima Brasileira.,nº6 .1928

WANDENKOLK, Eduardo. **Reforma compulsória por limite de idade.** Revista Marítima Brasileira. volume 17, 1890.

XAVIER,Cesar Feliciano.**Aviões e Submarinos.**Revista Marítima Brasileira., ns 11-12.1934.

\_\_\_\_\_. **Aviões e Submarinos.**Revista Marítima Brasileira., ns 1.1935.